

Rogério Rodolfo Baptista

**A mediação emocional na constituição de um
grupo comunitário**

PSICOLOGIA SOCIAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**São Paulo
2006**

Rogério Rodolfo Baptista

**A mediação emocional na constituição de um
grupo comunitário**

Dissertação apresentada à
Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do Grau
de MESTRE em Psicologia
Social, sob a orientação da
Profa. Dra. Bader S. Sawaia.

PSICOLOGIA SOCIAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**São Paulo
2006**

Banca examinadora

Agradecimentos

A Professora Silvia Lane, que foi a orientadora deste trabalho em praticamente todo seu desenvolvimento, mas não pode vê-lo terminado. Dizer Saudades, Alegria, Carisma e muitas outras emoções ainda seriam pouco para definir nosso sentimento para com nossa mestra.

Aos colegas do Núcleo Categorias Fundamentais do Psiquismo pelas constantes e fecundas conversas desenvolvidas no nosso Núcleo, pelo companheirismo e apoio mútuo em todos os momentos que vivemos, sejam eles de alegrias ou tristezas.

Aos amigos Eliete, Liciane e Andréia pelas críticas e ricas contribuições em todo processo desse trabalho.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social pela fértil e inesquecível experiência do conhecimento.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa, pois sem este teria sido inviável sua realização.

A Professora Lucília Reboredo, da UNIMEP, pela semente que plantou e pelo incentivo, sem eles, com certeza, teria sido ainda mais difícil concretizar essa meta.

A Larissa, por sua compreensão e carinho.

A Carla por tudo, essa conquista é tanto minha quanto sua.

Resumo

O tema dessa pesquisa é o grupo, ela teve como objetivo investigar o processo grupal e sua mediação na configuração da consciência das pessoas participantes de uma ONG inserida em uma comunidade periférica de uma cidade do interior paulista, destacando seus aspectos afetivos, que ora são mobilizadores de ações, ora são paralizantes e fazem o grupo retroceder. Os aspectos afetivos estão presentes em todos os processos sociais de uma comunidade e nos grupos, pois é nele que ocorre a condição necessária para a formação do psiquismo, da consciência crítica e da construção da identidade, tornando-o um local privilegiado para a pesquisa do psicólogo social.

Esse grupo atravessou vários momentos e as emoções estavam sempre presentes, ora como fundo, ora como figura, às vezes nomeadas, outras reprimidas, mas sempre apareciam nos discursos e nas ações. Nesse processo, vimos que há uma estreita relação entre o poder e as emoções, que podem tanto impulsionar o grupo para o avanço da consciência de seus membros e para a ação coletiva, como paralisá-lo ou mesmo destruí-lo. O grupo configurou-se como um *lugar para se falar* e um *lugar para se calar*, pois as emoções, como a revolta e o medo, apareceram nesse processo e faziam com que o grupo fosse um lugar onde as poderiam falar de seus problemas e também um lugar onde também eram reprimidos seus sentimentos. Por fim, o grupo não suportou os conflitos e as diversas conseqüências deles e se desfez, porém deixando algumas conquistas para a comunidade.

Abstract

The subject of this research is the group with aim scrutiny the group process and this mediation in the consciousness in the people of the ONG inside one peripheral community in the inner paulist, to stand out your affective aspects. Sometimes mobilize action, sometimes to draw up and to make the group to go back. The affective aspects are happen in all social process in one community and the groups, because in these to take place the necessary condition to form the mind, critique conscioness and bilding identity, to becam one spot unique to search af the social psichologist.

This group cross over manifold moments and emotions are always presents, sometimes at backdrop, sometimes like figure sharpened as much as named and the other to keep down, but always to come out in the discution and action. In the process our view closed relation between power and emotion somewhat to make group integrate as well as to draw up. the group to shap like the place to speech or to be quit, since the emotion like uprising and the afraid, to come out in the process to make the group one spot where the peolple shoald speak the yor problem as the place where the emotion supress too. Finilly the group don't suport the conflict and your consequence and break down to leave off a lot of achievement to community.

Sumário

Introdução.....	08
Parte I - Categorias de Análise.....	09
1 - Processo Grupal, Afetividade e Consciência.....	09
1.1. Uma visão socio-histórica dos fenômenos psicológicos.....	09
1.2. Afetividade.....	12
1.3. Sobre o Processo Grupal.....	19
1.4. Afetividade e Consciência no Processo Grupal.....	30
Parte II – Método da Pesquisa.....	62
2.1 -Algumas palavras sobre o método.....	62
2.2 - Procedimentos da pesquisa.....	65
Parte III – Análise dos dados.....	67
3.1- O grupo.....	67
3.2 - História e características da comunidade.....	69
3.3 - Estudo do processo grupal: consciência e afetividade.....	74
Parte IV – Conclusões.....	118
Parte V – Bibliografia.....	122
Parte VI – Anexos.....	127

Introdução

Essa pesquisa se insere no núcleo de pesquisa Categorias Fundamentais do Psiquismo e utiliza do referencial teórico da psicologia social, cuja marca é a leitura sócio-histórica dos fenômenos psicológicos. Seu tema de estudo é o grupo, escolhido por ser a condição necessária para a formação do psiquismo, da consciência crítica e da construção da identidade, quer seja individual ou coletiva e revela-se um campo de ação fundamental para o psicólogo social.

A escolha do objeto recaiu em um grupo participante de uma ONG (Organização Não Governamental), inserido dentro de uma comunidade no subúrbio em uma cidade do interior de São Paulo, que por sua vez é parte de uma sociedade onde os indivíduos são cotidianamente colocados numa condição alienante. A consciência crítica do sujeito perante a realidade depende de muitos fatores e a mediação do grupo tem um papel fundamental nesse processo. Pretende-se investigar como ocorre a mediação do grupo na configuração da consciência desses sujeitos, destacando seus aspectos afetivos, que ora são mobilizadores de ações, ora são paralizantes e fazem o grupo retroceder. O objetivo é analisar o processo grupal, ou seja, o movimento grupal como mobilizador da ação coletiva desse grupo destacando o papel dos aspectos afetivos, que muitas vezes é esquecido na psicologia social.

Nosso método de investigação foi a observação-participante. O pesquisador se inseriu nesse grupo e o acompanhou em suas atividades por mais de um ano. Nesse período pudemos ver, sentir e viver muitos acontecimentos, estados de mobilização desse grupo, entradas e saídas de pessoas, alianças e amizades que se formaram e se diluíram nesse processo.

Parte I

Categorias de análise

1 - Processo Grupal, Afetividade e Consciência.

1.1 - Uma visão Sócio-Histórica dos fenômenos psicológicos

Primeiro e resumidamente serão apresentadas as bases epistemológicas, que numa visão materialista-histórica e dialética de ciência, são necessárias para contextualizar a concepção sobre grupo utilizada nessa pesquisa. O principal representante dessa linha é o russo L.S. Vigotski. Esse autor, ao analisar o que ele chamou de crise da psicologia, propôs a construção de um conhecimento em novas bases epistemológicas, diferente daquele predominante na sua época, principalmente o idealismo e o positivismo. Dessa forma, propôs uma nova abordagem para o estudo dos fenômenos psicológicos e, conseqüentemente, um novo método de investigação e análise. Ele não queria “reformular” os métodos antigos, mas criar um novo que estivesse em afinidade com o método dialético/histórico. (Vigotski, 1998, p.77). Ele queria criar uma Psicologia Geral, que daria conta do que as outras teorias estudavam de forma fragmentada e desarticulada através de múltiplas microteorias que se excluía entre si. Importante lembrar que Vigotski se preocupou em abrir campos de pesquisa, dando novos horizontes e método para a psicologia, sua contribuição foi tão rica que muitos de seus seguidores puderam dar continuidade aos seus estudos por diversas áreas. Ele nos deixou uma forma diferente de fazer ciência, onde os diferentes conceitos desenvolvidos se apresentam em uma inter-relação de continuidade progressiva e cada vez mais complexa, que continuamente vai dando passos na própria construção teórica sem esgotar em nenhuma delas. (Gonzalez Rey, 1996, p.76).

Vigotski se preocupou em construir uma psicologia com bases materialistas históricas e dialéticas. Ele chamou a atenção para a importância da consciência, da linguagem e do pensamento, pois estes se desenvolvem a partir das ações realizadas pelo indivíduo¹. Para Vigotski, toda Função Psicológica Superior, um dia foi externa, pois foi social em algum momento, não há uma cisão entre o afeto e o pensamento, nem entre objetividade e

subjetividade, pois seu entendimento do psiquismo é dialético. Assim podemos entender que o psiquismo é o resultado de processos de significação e sentido que caracterizam todos os cenários da vida social, sendo uma integração complexa e contraditória, portanto dialética, entre o indivíduo e a sociedade (González Rey, 2003).

O ser humano é caracterizado pelo o que Heller (1985, p.31) chamou de uma *antinomia básica*, ou seja, nós nascemos com um organismo, no qual o código genético está inscrito, mas somente as condições para que a “*existência da espécie humana*”, referindo-se a isso como “*a essência muda da espécie*” (*stumme Gattungsmässigkeit*) e ao mesmo tempo, esse organismo é um sistema independente e indissociável, que se volta para o mundo como tal e pode integrar ou incorporar tudo, mas só partindo de si mesmo e nunca transcendendo esse “eu”. Isso significa que tudo que nos torna humanos de fato, ou seja, todos os elementos que constituem a existência de nossa espécie são externos ao organismo e são encontrados nas nossas relações interpessoais em geral, na linguagem, nos objetos e seus usos, nas modalidades de ações, nas objetivações, a essa característica chama-se de “*caráter próprio da espécie*” (*eigentliche Gattungsmässigkeit*). Para Leontiev (1978, p.273), o homem vem ao mundo sem defesa e desarmado e possui ao nascer somente uma aptidão que o distingue de seus antepassados animais: a aptidão para formar aptidões especificamente humanas. Para Heller nossa existência humana é a solução dessa antinomia, mas ao mesmo tempo essa contradição nunca poderá ser resolvida por completo. Somos seres finitos, finitos em espaço e tempo e em nossa capacidade de armazenar informações e é esse processo de solução que constitui nosso Ego.

O homem é um ser ativo, social e histórico, pois que ele age sobre o mundo, sobre a natureza, o transformando e com isso também se transformando, numa relação dialética entre a natureza e a história. O homem produz o necessário para sua vida através de sua ação no mundo, através de seu trabalho e necessariamente de forma coletiva. Nesse processo ele estabelece, ao mesmo tempo, relação com a natureza e com as demais pessoas, de forma que essas relações se determinam reciprocamente. Portanto, a forma que cada indivíduo organiza sua atividade está determinada pela maneira que a sociedade organiza-se para o trabalho.

A ação do homem sobre a realidade, que ocorre sempre em sociedade, é um processo histórico. Na atividade, quando o homem produz os bens necessários à sua satisfação de suas necessidades, ele também estabelece novos parâmetros na sua relação com a natureza, esse

¹ Leontiev aprofundou seus estudos sobre a Atividade e propôs as categorias fundamentais do psiquismo humano: a consciência, a atividade e a personalidade e ajudou a desvelar conceitos sobre a mediação da linguagem, demonstrando a diferença entre significados e sentidos pessoais. (Lane, 1999, p.13).

ato cria novas necessidades que deverão ser satisfeitas em algum momento. Isso altera as relações sociais nas quais ocorre esse processo, de forma que vão desenvolvendo essas necessidades humanas e, conseqüentemente, as maneiras para satisfazê-las. Esse é um processo de transformação constante das necessidades e da atividade dos homens e das relações que estabelecem entre si para produção de nossa existência.

A historicidade é uma noção básica para a compreensão sócio-histórica dos fenômenos psicológicos (Gonçalves, 2001, p.36), e segundo Molon (2003, p. 48) esse é o principal ponto de convergência das diferentes interpretações da obra de Vigotski, ou seja, é um pressuposto básico que é o entendimento das leis sócio-históricas, e não mais a ordem das leis naturais e do estritamente biológico como compreendido por outras teorias psicológicas, que rege o desenvolvimento psicológico do homem. *Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.* (Leontiev, 1978, p.267).

Dessa forma o homem tem que adquirir suas habilidades para sobreviver em sociedade. E esse desenvolvimento se dá na relação do homem com a cultura, como seus objetos e com os outros homens. Esse contato sempre é mediado pela linguagem (através de seus significados e sentidos), pelas emoções, pelo pensamento e pelos grupos sociais (Lane, 1999, p.14). Esse desenvolvimento tem uma única fonte e origem: os *produtos da evolução sócio-histórica*, ou seja, são os objetos e esses fenômenos que encerram em si a atividade das gerações precedentes e resulta de todo o desenvolvimento intelectual do gênero humano. (Leontiev, 1978, p.267).

Coletivamente esse desenvolvimento está relacionado com a forma de divisão social e econômica da sociedade, principalmente com a divisão social do trabalho. As diferenças entre os homens é o produto, não das diferenças biológicas naturais, mas da desigualdade econômica, da desigualdade das classes sociais e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da condição humana, formadas no decurso de um processo socio-histórico. (Leontiev, 1978, p.267). A divisão social do trabalho, tem como conseqüência imediata a alienação econômica e também que atividade material e intelectual se separem, fazendo com que a concentração da cultura intelectual esteja nas mãos de uma classe dominante.

Dessa forma, vimos que o homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade, estas são incorporadas, não nele diretamente, mas no mundo que o rodeia, em seus objetos, na cultura humana e somente se apropriando deles que se adquire as aptidões e

faculdades verdadeiramente humanas. Porém em uma sociedade de classes as possibilidades para essas aquisições têm limites, que são determinados pela estreiteza e pelo caráter obrigatório e restrito de própria atividade que a maioria da população está submetida, ou seja, as lutas pela sobrevivência imediata limitam essas possibilidades. (Leontiev, 1978, p.283).

Nessa relação com o mundo o homem pode transformá-lo e a si mesmo vai se transformando, é quando as mediações se tornam presentes, pela linguagem e pelas emoções, que segundo Lane (1997, p.19) são as duas mediações fundamentais na constituição do indivíduo. Elas permitem a comunicação com o outro, seja expressiva ou verbal. Essas duas mediações estão na base de todo conhecimento, da construção do saber e conhecer o mundo, através das representações sociais, imaginação, fantasia e das ações cotidianas.

Foi Vigotski um dos primeiros a entender a função da linguagem na formação do psiquismo, (Vigotski, 2000, p.30), demonstrou como se dá a mediação da linguagem através dos signos, que são proporcionados pela cultura e seus significados. Vigotski, ao desvelar a função semiótica da linguagem, propôs um modelo explicativo de como os signos dialeticamente formavam todas as Funções Psicológicas Superiores, incluindo os afetos.

1.2 - Afetividade

Por que se estudar a Afetividade? Qual a importância desse tema para a Psicologia Social? Como a afetividade pode ser entendida no interior de um grupo? Essas foram as primeiras questões que mostraram-se ao iniciar essa pesquisa. As pesquisas e práticas em psicologia social nos últimos 20 anos têm apontado para a necessidade de incluirmos nas pesquisas um aspecto, que por muitos motivos, geralmente é esquecido: as emoções. Porém, Montero (2004, p. 274) aponta que a supressão do tema afetividade não é um problema exclusivo da psicologia social, pois parece ocorrer em muitas outras áreas da psicologia, parece que é o mal dos cientistas, presos ainda em modelos racionalistas e descritivos das ciências, mesmo nas ciências humanas. Anteriormente Lane (1995,p.56), já constatava a importância das emoções como uma mediação, que em conjunto com a linguagem e o pensamento, formavam aspectos importantes para a pesquisa em psicologia social. Lane (1995,p.57) também apontou para importância de se estudar as emoções na sua natureza social e seu caráter comunicativo, pois elas se constituem numa forma de linguagem que pode tanto desencadear o desenvolvimento da consciência quanto fragmentá-la. Por isso, para essa

pesquisa é fundamental compreendermos a relação Grupo e Afetividade, enquanto categorias dialéticas de análise.

O tema emoções está presente, inserido, de alguma forma, em todas as teorias da psicologia e também desperta muito interesse em outras ciências como a Antropologia, Filosofia e Neurologia. Além, é claro, de estar presente em todas as formas de arte como a música, a literatura, o teatro, as artes plásticas. Porém, na maioria das teorias da psicologia, *as emoções não tem constituído uma parte orgânica na construção de suas teorias* (Gonzalez Rey, 1999, p. 39). O autor também aponta que é uma tendência da ciência psicológica a obsessão pela objetividade do conhecimento produzido e isso está presente em praticamente toda corrente teórica da psicologia, *desde o positivismo metodológico, com seu caráter experimental e quantitativo, passando pela psicanálise, por meio de sua concepção biologicista universal da natureza humana; na teoria da atividade, pela compreensão externalista e mecanicista na formação do psíquico; e na psicologia orientada para a definição semiótica da subjetividade, pela consideração do signo como elemento mais objetivo, que permitirá uma compreensão social objetiva do psíquico.* (Gonzalez Rey, 1999, p. 39).

Ágnes Heller (1985, p.17) em seu livro *Teoria de los sentimientos* se propõe a formular sobre a função antropológica geral do sentimento. A autora faz uma análise histórica de como o tema emoções foi tratado no decorrer da história do conhecimento, inicialmente na filosofia clássica, onde os sentimentos têm relação direta com as virtudes, depois na época medieval, na sua relação com a moral e a religiosidade e finalmente na época burguesa. Nessa última, os sentimentos são identificados, nas diversas teorias, de forma reducionista, ou seja, o mundo dos sentimentos (e conseqüentemente o mundo da ação moral, pois não tinham separação) são edificados sobre os sentimentos básicos ou derivados deles. Essas aproximações teóricas abriram espaço para a oposição entre afeto e razão. Kant aceita a teoria dos reducionismo egoísta em relação ao sentimento e os confronta com a idéia de uma razão pura, que é fonte e depósito da moralidade. Ele mantém a trindade vontade, conhecimento e afeto, assim o sentimento ainda está relacionado a moral, mesmo que de forma essencialmente negativa.

Na Segunda metade do século XIX, surge a ideologia do racionalismo instrumental, onde essa trindade tende a ser psicologizada com o surgimento da psicologia como disciplina separada. Assim, os estudos dos sentimentos, fundamentados no empírico, começam a se separar da idéia de moralidade, deixando esta última para a Filosofia. (Heller, 1985, p.10-11).

Na psicanálise freudiana, os sentimentos ocupam um lugar negativo, com um traço do pessimismo antropológico. Também há uma separação, pois o Ego é o orgânico do pensamento e da ação na linha do racionalismo instrumental, que, dessa forma entendido é separado em dois lados: O Id , com instintos e afetos e o Superego, com a cultura e seus valores. O sentimento diminuído ao instinto, a razão e a moral se constituem em três mundos separados. (Heller, 1985, p.11).

O Behaviorismo, uma forma típica da psicologia positivista, considera os sentimentos como simplesmente um elemento nocivo na atividade do racionalismo instrumental. Na psicologia tem-se mantido em muitas teorias essa dicotomia sentimento e ação racional, mesmo que se enfatize as emoções em contrapartida da razão, o que promove também uma cisão, ou seja, o negativo não é o sentimento mas a razão. Esse tipo de pensamento está presente em Jung, ao se desviar de Freud rumo ao irracionalismo. A contestação dessa separação foi realizada por filósofos como Hurszel, Lukacs e Wittgenstein, que procuraram através de metodologias diferentes, demonstrar a unidade do sentimento e pensamento, contrapondo-se as psicologias positivista e irracionalista. Na psicologia também surgiram tendências que contestavam essa dicotomia, como a Gestalt, Neofreudismo(Heller, 1985, p.12), e a Psicologia Socio-Histórica.

Alguns autores defendem a idéia que Vigotski entrou na Psicologia através de seu interesse pelo estudo das emoções, elas foram sua porta de entrada (Lane, 1995, p.115) e mais, a teoria das emoções ocupam um lugar de alicerce em sua obra (Sawaia, 2000). Seus estudos sobre a emoção estética que a obra de arte desperta no indivíduo deu origem a sua primeira obra na área da psicologia, o livro *Psicologia da Arte*. É nesse livro que se encontra o primeiro estudo de Vigotski sobre as emoções, ele analisa os aspectos da arte nas suas funções social e humana, na sua reação estética. Vigotski analisa como a imaginação e a fantasia estão envolvidas com a esfera emocional do psiquismo, mesmo que a expressão artística apareça como um pensamento lógico, e que a finalidade e a direção são dadas pela emoção. A atividade da imaginação representa uma descarga de afetos, pois toda obra de arte (fábula, novela, tragédia) encerra em si uma contradição emocional, que suscita vários sentimentos opostos entre si, que podemos chamar de catarse. (Vigotski, 2001, p.269). Após esse trabalho seus interesses voltaram-se para outros campos da psicologia como a consciência, pensamento e a linguagem, talvez porque ele estava envolvido pelo contexto histórico e social de seu país, pós-revolução de 1917, e na demanda que as ciências eram submetidas pelo estado para ajudarem na construção do novo homem comunista, porém Vigotski nunca abandonou a temática, pelo contrário, como dissemos acima, as emoções têm

um papel fundamental em sua construção da teoria histórico cultural. Apesar disso, ele postergou um novo estudo específico sobre as emoções até a década de 30, que trata das emoções, comparando Descartes e Espinosa, em um manuscrito datado de 1933 sobre ao assunto foi encontrado postumamente em seus arquivos pessoais, com a primeira parte dedicada a Descartes. Esse texto foi finalmente publicado na íntegra no sexto volume das obras completas com o título “*A teoria das emoções. Uma intervenção histórico-psicológica*”² (Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 377).

Vigotski em uma de suas conferências, que foi chamada de “*As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil*”, na tradução em espanhol, faz uma retrospectiva dos estudos sobre as emoções da psicologia da época. Ele estuda vários cientistas como: Darwin, James e Lange³, Cannon⁴, Freud, Adler⁵, Buhler, Clarède, Lewin, além de estudos sobre psicopatologias. Nessas incursões ele fez uma análise de cada autor com suas contribuições e o limites que as teorias traziam, tecendo críticas consistentes. Isso inclusive fazia parte do modo de fazer ciência de Vigotski, a interlocução com os principais autores de sua época, muitas vezes de áreas distintas, expondo com seu estilo claro as idéias desses autores, procurando não fazer simplesmente uma síntese, mas considerando todos os conhecimentos, conhecendo suas possibilidades e contradições. Esse era um estilo de escrever de Vigotski que está incorporado em seu método dialético. Aqui faremos um resumo das principais contribuições e críticas de Vigotski a esses autores e, inspirados nesse mesmo método, tentaremos encontrar as linhas de pensamentos que o levaram a formular sua hipótese sobre as emoções e sua relação com as demais categorias do psiquismo.

A principal crítica é que as teorias existentes ainda estavam concebidas dentro de um naturalismo puro. Isso, segundo Vigotski tem relação com as idéias de Darwin e sua teoria da evolução, para esse autor *os sentimentos do homem, que eram considerados como o “Sacra*

² Esse trabalho foi publicado em francês no ano de 1998 sob o título *Theorie des émotions: estudo histórico-psychologique*, pelas Editoras L’Harmattan e em 2004 em espanhol com o título *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*, pela Editora AKAL. (ver bibliografia). Nas notas da edição francesa diz que Vigotski teria dado vários nomes para esse manuscrito como: *Doutrina de Descartes e de Spinoza sobre as paixões a luz da psiconeurologia contemporânea; Espinoza; Problemas das emoções, Teoria das emoções, porém trata-se do mesmo texto.*

³ William James, psicólogo e Carl Lange, fisiologista dinamarquês.

⁴ Walter Cannon (1871-1945). Fisiologista norte americano. Especialista nos mecanismos de comportamento emocional. Construiu o princípio da unidade da regulação humoral nervosa.

⁵ Alfred Adler (1870-1937). Médico e psicólogo alemão, criador do sistema da psicologia individual. Semelhante a Freud na interpretação do papel da atração na vida psíquica. O papel central em seu sistema psicológico que ocupa o problema da compensação, interpretada como um mecanismo universal da atividade psíquica do homem.

*sanctorem” interior da alma humana, são de origem animal,(Vigotski, 1990, p.403). A concepção darwiniana do homem trouxe conseqüências para o estudo das emoções. Uma conseqüência é a sua forte influencia na chamada escola Inglesa da psicologia da época, tanto por suas idéias e também pelo poder do pensamento escolástico medieval incorporado junto as suas idéias. A conseqüência foi que a direção dos estudos apontavam para que as emoções fossem reprimidas, afinal *as paixões terrenas do homem, suas inclinações egoístas, suas emoções, relacionadas com as preocupações acerca de seu próprio corpo, são, na realidade, de origem animal* (Vigotski, 1990, p.403), e portanto inferiores e deviam ser reprimidas ou, se possível, extintas. As emoções, entendidas dessa forma, revelam uma tendência que até hoje está presente do caráter negativo das emoções, e isso teria uma origem animal, selvagem: *os movimentos expressivos que acompanham nosso temor são considerados, ..., como restos rudimentares de reações animais na fuga e na defesa, e os movimentos expressivos que acompanham nossa ira se consideram como reação de ataque dos nossos antecessores animais.* (Vigotski, 1990, p.403).*

Dessa concepção Vigotski cita como conseqüência a idéia corrente na época de que quanto mais o homem evoluísse mais ele se afastaria das emoções, esse “resquício animal” debilitado. Vigotski critica essa visão, pois assinala que não conseguem dar conta do estudo das emoções especificamente humanas e tem conseqüências drásticas na educação das crianças, pois as ações não são direcionadas para entender como as emoções se constroem na idade infantil, mas como fazer para reprimi-las, sufocá-las, Na verdade, segundo Vigotski, isso representaria a morte psíquica do indivíduo. (Vigotski, 1990, p.403).

No manuscrito de 1933, faz uma análise (também citado em Vigotski, 1990, p.405) das dessas construções científicas sobre as emoções dos cientistas William James e Carl Lange, sendo uma das mais divulgadas e aceitas. Em sua teoria James e Lange propunham *que as mudanças fisiológicas que acompanhavam as emoções (reguladas pelo sistema nervoso autônomo)- como tremor e suor – eram resultados direto da percepção de um estímulo ameaçador. O “sentimento” da emoção viria em seguida e essas reações periféricas.* (Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 378). Nessa perspectiva ficamos *tristes porque choramos, bravos porque atacamos, com medo porque trememos e não choramos, atacamos ou trememos pelo fato de estarmos tristes, bravos ou com medo, conforme for o caso.* (James apud Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 378). *A tese fundamental de James era que as emoções são um reflexo de modificações orgânicas em nossa consciência.* (Lane (1995,p.120). O estudo das emoções somente do ponto de vista biológico trouxe um problema: não era possível explicar como surgem os sentimentos propriamente humanos.

Assim, como comenta Lane (1995,p.119), surge a necessidade de dividir as emoções em inferiores e superiores, a primeira tinha uma origem orgânica e a segunda uma outra natureza, essa tarefa foi realizada por James, ao fazer cisão entre os tipos de emoções. As inferiores são herdadas dos animais, como por exemplo: o terror, a ira, a fúria, mas isso não se aplicava a outros tipos de emoções como o sentimento religioso, o amor, a sensação estética, que são chamadas de emoções superiores. (Vigotski, 1990, p.406). Isso foi bem aceito pela sociedade e pela comunidade científica, afinal não contrapunham a noção de homem presente na época. Isso revela uma face de James, pois era um pragmático e não se interessava pela natureza dos fenômenos que estudava e por isso dizia que os interesses práticos de seus estudos para a sociedade bastava-se o conhecimento que as emoções se dividiam entre superiores e inferiores. (Vigotski, 1990, p.407).

Vigotski critica essa teoria, pois conduzia a um dualismo, característico da psicologia intuitiva e descritiva e, mais importante, *essas teorias colocaram a pedra para a criação de toda uma série de teorias metafísicas na doutrina das emoções. Neste sentido, a teoria de James e Lange representou um passo atrás em comparação com os trabalhos de Darwin e com a corrente que se desenvolveu imediatamente a partir dela.* (Vigotski, 1990, p.407). Outra crítica que Vigotski faz é que a teoria de Lange não se sustenta em bases empíricas e também era uma teoria basicamente fisiológica e não considerava o aspecto psicológico das emoções. E que em grande medida essa teoria era equivalente a teoria aferente (centrípeto) de Descartes apresentada em *As Paixões da Alma*, (Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 379) pois *davam uma explicação essencialmente determinista e causal das emoções e destacavam a descrição de processos corporais* (Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 381). As emoções vistas dessa forma seriam praticamente imutáveis e em última análise, inatas. A falta de uma visão desenvolvimentista das emoções, e também histórica, nessa teoria pode ser explicada, ao menos parcialmente, pela base dualista mente (alma) e corpo que está impregnada nessa teoria, pois nessa concepção não é possível imaginar que emoções “inferiores” (do corpo), possam se transformar em emoções “superiores” (da alma), pois são de naturezas diferentes. Da mesma forma ficou difícil explicar uma vida emocional que se conecte com outras instâncias psicológicas do indivíduo e sua consciência. (Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 382).

Vigotski usa os experimentos de Cannon (mesmo não concordando com toda sua teoria) para demonstrar que as diversidades das expressões corporais dependiam nem tanto da qualidade das emoções, mas do grau de sua intensidade e manifestação, ou seja, as expressões corporais iguais poderiam ser originadas por emoções distintas, por exemplo, as emoções tão

distintas como fúria, ira, medo, terror tem a mesma expressão corporal. (Vigotski, 1990, p.409). Mas a principal contribuição de Cannon, segundo Vigotski, foi demonstrar que a vida emocional não estava nos órgãos periféricos, e sim que o substrato da vida emocional é o cérebro. Os trabalhos dele pôs fim a doutrina da vida emocional do homem como “um estado dentro do outro”. (Vigotski, 1990, p.413).

Continuando em sua conferência, Vigotski analisa as contribuições de Freud nesse campo e o considerou um dos primeiros a investigar esse campo não de forma experimental mas, clinicamente e se constituiu como sendo a principal das investigações posteriores nesse campo. Freud estudou a psicopatologia da vida emocional, intervindo e negando que o mais importante no estudo da emoção são os componentes orgânicos que a acompanham. Freud demonstrou como são ambivalentes as emoções nas etapas do desenvolvimento do homem, isto é, as emoções não são imutáveis, elas mudaram no decorrer do desenvolvimento infantil e tem significados e sentidos diferentes no adulto. Demonstrou que a vida emocional não pode ser compreendida independentemente das outras esferas do psiquismo. Porém Vigotski critica a Freud pelos limites de sua teoria afirmando que ele era um naturalista, interpretando a psique do homem como um processo puramente natural e que enfocava as mudanças dinâmicas das emoções somente dentro de determinados limites naturalistas. (Vigotski, 1990, p.414)

Em seguida, Vigotski também analisa as contribuições de Adler. Sua contribuição básica é propor que as emoções estão relacionadas com a formação do caráter humano, estão na estrutura de seu caráter e este determina um círculo da vida emocional, que por sua vez, determinam a expressão dessas emoções. A partir dessa linha de pensamento muda-se a concepção que as emoções são uma exceção, mas é começada a ser relacionada com os momentos de formação da personalidade. (Vigotski, 1990, p.414).

Na teoria de Buhler sobre as estágios do prazer, Vigotski assinala sua contribuição no estudo da psicologia do desenvolvimento infantil. Assinalando como o prazer na idade infantil muda de lugar no sistemas das demais funções psíquicas, e ao contrário Freud, a não-primazia do princípio do prazer no desenvolvimento infantil. Mas critica que essas conclusões ainda são um “pálido reflexo” da expressão de toda diversidade possível da vida emocional, diversidade que constitui o conteúdo real do desenvolvimento da vida emocional da criança. (Vigotski, 1990 p.417).

Das contribuições de Claparède, Vigotski destaca que conseguiu separar experimentalmente os conceitos de sentimentos e emoções, sendo processos que se comunicam constantemente, porém são de essências distintas. Também conseguiu demonstrar

como as emoções têm estreito relacionamento com as demais instâncias da vida psíquica. (Vigotski, 1990, p.419).

Em Lewin, Vigotski destaca como ele demonstrou de forma experimental a complicada dinâmica das reações emocionais dentro do sistema da outros processos psíquicos. Sua formulação básica é que as emoções não podem ser vistas como isoladas, independentes da vida psíquica. (Vigotski, 1990, p.420). Esse é um ponto central na teoria dos sentimentos de Agnes Heller: a unidade pensamento e sentimento. Na sua obra também pretende demonstrar que o campo de ação permitido pela nossa sociedade, e o pensamento por ele gerado, produz e fixam sentimentos individualistas que reproduzem alienação dos próprios sentimentos. (Heller, 1985, p.13).

Concluindo essa conferência, Vigotski aponta para as duas principais correntes que analisou, de um lado as investigações anatômicas e fisiológicas e do outro as investigações psicológicas, e como essas correntes se encontram nos estudos de psicopatologia, fazendo uma breve análise dos afetos nos autistas. (Vigotski, 1990, p.421).

1.3 - Sobre o Processo Grupal

Também é importante falarmos um pouco sobre nossa concepção de grupo, visto que nossa pesquisa se estende a um grupo de pessoas participantes de uma ONG, por isso é entendermos como esse grupo se constrói e se desenvolve. Para tal, nos referenciamos em autores que fazem uma leitura dialética dos grupos e a uma posição materialista histórica em sua compreensão.

O grupo usualmente é entendido como um conjunto de pessoas que interagem entre si e compartilha normas e objetivos em comum (Martins, 2003, p. 202), visão tradicionalmente ligada à teoria de K. Lewin (Lane, 1984, p. 78). Porém deve-se atentar que na vida cotidiana estão presentes diversas formas de interações e relacionamentos entre as pessoas que se chama de grupos, usa-se esse mesmo termo para a família, amigos, a igreja e tantos outros, porém adverte Martin-Baró (1983, p. 190) que o uso do termo “grupo” indiscriminadamente para realidades tão distintas serve de filtro ideológico pois assimila de forma unilateral e distorcida a diversidade da natureza e sentido dos diversos grupos que existem em cada circunstância histórica e que tem um significado social real. Por isso, tanto Lane (1984, p.84)

quanto Martin-Baró (1983, p.205) falam em processo grupal, em lugar do termo “grupo”, com isso querem recuperar o caráter histórico e dialético dos grupos em sua análise.

Para Martin-Baró (1983, p. 205-206), uma teoria psicossocial sobre os grupos humanos (processo grupal) que seja mais adequada deve seguir três condições:

- a) Deve dar conta da realidade social do grupo enquanto tal, como realidade não redutível às características pessoais dos seus membros, que constituem o grupo (...), no entanto, deve integrar os aspectos pessoais, isto é, as particularidades próprias de seus membros. Só assim o grupo aparecerá em seu caráter dialético, como lugar privilegiado, onde o pessoal conflui com o social e o social se individualiza.
- b) Deve ser suficientemente compreensivo para incluir tanto os grupos pequenos quanto o grupo grande (...).
- c) Deve incluir como um de seus aspectos básicos o caráter histórico dos grupos humanos. Isso exige remeter cada grupo a sua circunstância concreta e ao processo social que o configurou, sem assumir, portanto, que os grupos formalmente semelhantes tenham o mesmo sentido ou constituam uma realidade idêntica nem descartar que grupos diferentes podem representar fenômenos equivalentes em contextos e situações históricas distintas.⁶

A compreensão materialista dialética da relação indivíduo-grupo também é assinalada por Lane como uma forma de superação da dicotomia teórica que persiste entre o pessoal e social, o particular e o universal:

Dessa forma, a análise do processo grupal nos permite captar o dialético indivíduo-grupo, onde a dupla negação caracteriza a superação existente e quando o indivíduo e grupo se tornam agentes da história social, membros indissociáveis da totalidade histórica que os produziu e a qual eles transformam por suas atividades indissociáveis. (Lane, 1984c, p. 17)

Lane (1984b, p. 84-87) também aponta outras características como fundamentais para a análise dos processos grupais sob a perspectiva do materialismo dialético. A primeira suposição é que devemos entender o homem como estamos lidando como um homem alienado, ou seja, suas representações e sua consciência de si e do outro são sempre, ao menos num primeiro momento, fundamentalmente desencontradas das determinações concretas que a produziram. Ele sempre possui dois tipos de vivência: a subjetiva e a objetiva. A primeira é marcada pela ideologia, onde cada um se representa como um indivíduo livre, capaz de se auto determinar, “consciente” de sua própria ação e representação, mediado pelas emoções, que mesmo imerso na cotidianidade, reproduz a ideologia do sistema capitalista, na relação

⁶ Tradução do autor da edição em espanhol.

dominador e dominado, o individualismo. Por outro lado, também possui uma vivência objetiva, onde as ações e interações estão sempre sujeitadas aos papéis sociais que executa no cotidiano, restringindo essas interações ao nível do permitido e do desejado para a manutenção do *status quo*. Na análise dos grupos devemos considerar essas duas vivências e as contradições que se expressam nas ações, pensamentos e sentimentos dos indivíduos gerados por esse contraste. Em segundo lugar, devemos considerar que todo grupo existe dentro de uma instituição, seja a família, universidade, ONG e o Estado. Isso tem implicações importantes em sua análise, pois toda instituição tem regras, interesses de pessoas e grupos distintos (sejam explícitos ou não), determinantes históricos, sociais e políticos. O grupo é mediador da ideologia dominante na sociedade, pois ele solidifica e é portador dos determinismos das macroestruturas sociais (Martin-baró, 1983, p. 224). Na compreensão do processo grupal devemos entender como foi a formação desse grupo, seus determinantes individuais e coletivos (interesses, condições iniciais, envolvidos, etc) e sua relação com as instituições qual pertence. Entender o processo histórico⁷ desse grupo e situá-lo no tempo e espaço. Em terceiro lugar, a história de vida de cada membro do grupo é de fundamental importância no desenrolar do processo grupal, pois ela se faz presente na forma que cada pessoa participa seja na forma que age, que se posiciona, que se coloca, que se aliena, que se perde e que se encontra ao longo do processo. Lane (1984b, p. 85). Lane foi cada vez mais no decorrer das últimas décadas vendo a importância do estudo das emoções nos grupos, entendendo as emoções como medição importante na constituição dos sujeitos e na ação coletiva. Assim, no processo grupal deve-se considerar, como citado acima, os dois níveis de análise: a vivência subjetiva e as determinações concretas do processo, pois o grupo é a interação de intersubjetividades. Esses dois níveis se co-determinam, mas é no segundo que a dialética pode se desenvolver, através de como são desempenhados os papéis. Compreender as vivências subjetivas e as representações ideológicas do grupo é importante, pois elas refletem o grau de com que se mascara as determinações concretas ou que se deixam emergir como consciência prática.

Segundo Martin-Baró (1983, p.206) um grupo poderia ser definido como *estrutura de vínculos e relações entre pessoas que canaliza em cada circunstância suas necessidades individuais e ou os interesses coletivos*. Isso significa que um grupo é antes de qualquer coisa uma estrutura social, uma realidade total e não pode ser reduzida a soma dos indivíduos, pois estão sujeitos a ideologia e a representação como instituição na sociedade, por exemplo, uma

⁷ Também citado anteriormente por Marin -Baró (1983, p. 205-20).

família é mais que pais e filhos, onde estão presentes as relações que são influenciadas pela forma de constituição familiar dominante, enquanto representação social, e isso determina em algum nível as relações e vínculos entre si. Os grupos também “canalizam” de alguma forma as necessidades pessoais e os interesses coletivos, que podem ser coerentes entre si ou não. As necessidades coletivas podem ser tanto do grupo imediato, quanto representarem as demandas mais amplas de uma sociedade, de forma estrutural. Os grupos são formados e sobrevivem somente quando respondem, de alguma forma, as exigências, sejam explícitas ou não, de um determinado ordenamento social concreto.

Para Martin-Baró (1983, p.194) existem seis critérios que definem um grupo: primeiro, as pessoas devem-se perceber como membros, e ter consciência dos vínculos que os unem, somente quando se percebem relacionados com os outros é que podem atuar em função dessa relação e assim possuir uma realidade psicossocial. Segundo, uma pessoa somente se agrega a um grupo na medida em que esse grupo satisfaz, de alguma forma, as necessidades e motivações dessa pessoa. Quando isso não acontece, o grupo tende a se desfazer ou a pessoa a abandona-o. Terceiro, as pessoas formam grupos porque querem satisfazer objetivos comuns, mesmo com motivações distintas. Quarto, a unidade de um grupo está no funcionamento do grupo como tal, na sua organização funcional, ou seja, nos papéis assumidos, que se definem mutuamente, nas normas e valores compartilhados. Quinto, um grupo existe na medida em que as pessoas necessitam de alguma forma do outro para atingir seus objetivos, ou seja, quando há a necessidade de interdependência. Sexto, um grupo existe na medida em que há interação entre seus membros, a ação de um influencia as ações dos demais.

Em consequência dessas características, Martin-Baró (1983, p.208) define como parâmetros válidos para se analisar um grupo são: (1) a identidade do grupo, isto é, a definição do que o caracteriza como tal frente a outros grupos; (2) o poder de que dispõe o grupo em sua relação com os demais grupos mais a significação social do que produz essa atividade grupal.

A identidade grupal não significa que todos os membros tenham as mesmas características, mas requer que exista uma totalidade, uma unidade de conjunto que essa totalidade permita diferenciar o grupo de outros grupos. Existem três aspectos que formam a identidade de um grupo: (1) sua formalização organizativa; (2) suas relações com os outros grupos e (3) a consciência de seus membros. (Martin-Baró, 1983, p.208).

A formalização organizativa se refere aos dois aspectos: todo grupo tem alguma forma de organização e as pessoas ficam sujeitas a suas normas caso participem destas. Essas normas podem ser formais ou informais, rígidas ou flexíveis, estáveis ou passageiras, mas

sempre existem critérios para se participar de um grupo. Em um grupo há uma definição de suas partes, isto é, uma regulamentação das relações entre os membros do grupo através da distribuição de tarefas, cargos formais ou não (são os papéis atribuídos pelo grupo) e atribuições de responsabilidades e ações. No interior de um grupo, a divisão de papéis e a estratificação não é resultado somente de uma dinâmica autônoma, de forças que emergem originalmente através da interação de seus membros, mas o grupo é um lugar social onde se atualiza e se solidificam as forças existentes em uma sociedade através dos papéis desempenhados, pois estes são os determinantes básicos tanto da estratificação social quanto da identidade do próprio indivíduo. Esses papéis representam o tipo de comportamento ou atuação que os outros esperam de um indivíduo em uma determinada posição social. (Martin-Baró, 1983, p.210). Existe uma forte pressão por parte de grupos ou pessoas, para que as pessoas se submetam ao que os demais esperam delas em cada circunstância significativa da vida social, essa pressão vem de quem mais se beneficiam de uma determinada ordem social e o indivíduo experimenta de uma forma, mais ou menos clara, essa expectativa (Martin-Baró, 1983, p.321), pois esses mesmos papéis sociais existem no nível das vivências subjetivas, enquanto representação ideológica. (Lane, 1984b, p. 85). Esses papéis sociais desempenhados pelo indivíduo nas suas relações representam à interação efetiva no nível das determinações concretas onde reproduzem a estrutura relacional característica do sistema (relação dominador-dominado) (Lane, 1984b, p. 85), e com frequência servem de veículo de opressão (Martin-Baró, 1983, p.322). Eles são gerados socialmente, em geral como estereótipo, subjetivamente representados como representações sociais, tornando as expectativas sociais mais simplista e rígida. Esse papel encerra contradições, que em geral, se tornam presentes no plano do discurso formal ou de valores “oficiais”, no que esse discurso esconde, no que esses valores negam. Porém as pessoas podem não assumir esses papéis passivamente, pois frente ao papel exigido, o indivíduo responde com seu comportamento concreto, com sua particular execução da atividade requerida, portanto, o indivíduo assume sua personagem dentro do papel, que é a sua forma própria de representar o papel.

Muitos fatores interferem no desempenho desse papel no grupo, como: as condições externas e as possibilidades concretas de exercer esse papel, ou seja, a disponibilidade de recursos e a necessidade de adequação as circunstâncias. As condições do próprio indivíduo, como suas habilidades, afetividade, valores e conhecimentos. A compreensão que a pessoa tem do papel exigido, sua percepção do que é exigido e a representação social desse papel. 4) o conflito entre as exigências de um determinado papel e as demandas de outros papéis também assumidos pelo indivíduo. A contrariedade das exigências que ao indivíduo em uma

determinada posição se exige, onde são exigidas posições contrárias por pessoas ou grupos diferentes. O marco de referência em que se realiza o papel, a quem as pessoas se comparam ao assumir o papel. Ao assumir um papel as pessoas podem assumir uma série de referências, sociais e pessoais, no que permite a pessoa interpretar o papel seja na demanda normativa explícita ou, com frequência, implícita. Porém devemos compreender que não é o marco de referência das pessoas que as levam a realizar de uma ou outra maneira o papel mas é a execução dos papéis que as levam a mudar seu marco de referência, pois a realidade antecede a consciência e a ação, e por isso, a execução dos papéis é que levam aos valores e referências que lhe dão sentido, como o exemplo já citado, onde o trabalhador assume um cargo de chefia e com isso mudará suas referências para desempenhar esse papel. (Martin-Baró, 1983, p.324). Quando os membros de um grupo se diferenciam conforme alguma característica de status externa, essa diferença de status determina a hierarquia de poder e prestígio no interior do grupo, tanto se essa característica se relaciona com a atividade do grupo ou não. Porém o grupo pode gerar forças novas, mas devemos sempre considerar que são interdependentes da realidade macrosocial. (Martin-Baró, 1983, p.277). Em todos esses processos, as emoções têm um papel fundamental na constituição desse papel no grupo.

Os grupos também mantêm relações com outros grupos e isso contribui para definir sua identidade enquanto tal e posteriormente a mantê-la. Nessas relações se estabelecem vínculos que podem ser negativos ou positivos, colaborativos ou competitivos, formais ou informais, de dominação ou resistência. Portanto, o grupo surge na dialética intergrupar que se produz historicamente em uma sociedade. Também devemos considerar que, em última instância, o aspecto que mais define um grupo, frente aos outros, provem de sua conexão, explícita ou não, com as exigências, necessidades e interesses de uma classe social, pois o grupo tem uma função de ser, entre outras coisas, o intermediário ideológico de uma sociedade. O essencial dessa relação não se estriba tanto na formalidade dos intercâmbios (quem se relaciona com quem, quando e como), senão em seu sentido sócio-histórico, isto é, o que significa socialmente essa relação e que conseqüências produzem tanto para sociedade como para as próprias pessoas envolvidas nessas relações. Ao cumprir sua função social, o grupo produz efeitos diferentes para as classes que compõem a sociedade, mas também efeitos diferentes para os diversos membros do grupo. (Martin-Baró, 1983, p.212, 312).

Outro fator que define a identidade grupal é a consciência que os indivíduos têm de pertencer ao grupo. O que envolve também o sentimento de pertencer a esse grupo. É diferente pertencer a um grupo e ter a consciência ou o sentimento de pertencer a esse grupo. A primeira trata-se de um fato concreto, objetivo, a segunda de um saber subjetivo, com laços

emocionais. A consciência de pertencer a um grupo pode ser verificada quando o indivíduo toma esse grupo como uma referência importante na constituição de sua própria identidade ou tem um papel importante em sua vida. Esse envolvimento pode ser intenso ou crucial ou também pode ser muito superficial ou circunstancial. Essa referência pode se dar de formas diferentes para o indivíduo: primeiro, o indivíduo pode usar o grupo de forma instrumental, para adquirir uma referência que seja socialmente interessante ou vantajoso para ele. Por exemplo, participar de um clube; a segunda forma é quando o indivíduo recebe, direto ou indiretamente, orientações, valores e normas do grupo, mediante as quais vai regular seu comportamento, seja no interior do grupo, sejam naqueles aspectos que o grupo interfere e mesmo em toda sua vida social. Um exemplo disso são as instituições religiosas. E terceiro, o indivíduo se reconhece como parte de um grupo que o determina e o condiciona, aceitando ou não. Por exemplo, os descendentes nipônicos no Brasil, estão sujeitos a serem influenciados, gostem ou não. O indivíduo também pode ter conhecimento da identidade do grupo do qual se sente parte, podendo utilizar essa identidade em seu benefício próprio e mesmo assim manter uma distância subjetiva ou objetiva desse grupo. Da mesma forma, uma pessoa que se sente pertencente a um grupo, sendo que a identidade grupal é determinante de sua própria identidade, e desejar afastar-se e mesmo não mais fazer parte deste grupo, se empenhará em formar uma identidade que o distancie desse grupo. Por exemplo, uma pessoa homossexual que deseje não ser identificada como tal, se empenhará em afastar seu comportamento do estereotipo social do homossexual. Outro aspecto é que as pessoas fazem parte de diversos grupos simultaneamente, podendo gerar sobreposição de papéis, ou seja, quando ela participa de um grupo onde as normas que regulam um papel exigem um comportamento contrário, ao menos parcialmente, ao que exigem as normas próprias de outro papel em outro grupo, por exemplo, um funcionário de uma empresa que é promovido a supervisor de pessoal, agora entra em um novo grupo, os dirigentes da empresa, mas ainda é um funcionário. Sua identidade vai depender de como assume os dois papéis, sendo que as emoções, seu envolvimento afetivo e sua consciência de classe quanto as suas expectativas sobre a nova função influenciarão nesse desempenho. (Martin-Baró, 1983, p.214). Os grupos possuem o que Martin-Baró (1983, p.220) chamou de “imbricação mútua”, ou seja, os grupos se sobrepõem, em cada situação, e se entrelaçam, direta ou indiretamente, através de seus membros, formando uma rede. Isso gera identidades grupais parcialmente comuns com fronteiras difusas, com poderes compartilhados por vários grupos e ações que podem repercutir em diversos grupos, mesmo que eles não tenham participado diretamente dessas atividades.

A referência grupal terá para as pessoas um caráter normativo ou instrumental, positivo ou negativo, da qual seus membros desejariam libertar-se ou não, na medida da sua identificação como o grupo, isto é, da sua aceitação do grupo e o quanto assumirem os objetivos grupais como algo de si mesmas. A identidade grupal tem duas faces: uma face fora em uma face de dentro, ou seja, a face de fora é dada pela relação do grupo com outros grupos e pessoas, numa relação de espelho, isto é, frente aos que os outros grupos lhe dão, lhe exigem, lhe atribuem e esperam dele, enquanto a face de dentro é definida pela consciência que os membros tem do próprio grupo e do que o grupo representa para elas. As duas faces se co-relacionam e determinam a base concreta que define tanto a identidade grupal (assumida pelo grupo) e a identidade concedida (a identidade outorgada e permitida que é dada pelo outros grupos). (Martin-Baró, 1983, p.215).

Segundo Martin-Baró (1983, p.215), o poder não é um objeto, que possa ser quantificado, também não é abstrato, ele emerge nas relações sociais concretas, por causa das diferenças de recursos que dispõe os indivíduos, grupos ou populações inteiras. Então, devemos analisar o poder grupal através das diferenças de recursos que cada grupo dispõe na sua relação com os demais grupos. Assim um grupo será mais poderoso na medida em que dispor e aplicar os recursos disponíveis, considerando sua diversidade e importância, em suas relações com os outros grupos, para alcançar seus objetivos e ou impor sua vontade. O grupo ganhará mais poder na sua relação com os demais grupos à medida que conseguir dar resposta a uma demanda social, seja ela material ou simbólica, objetiva ou subjetivamente importante. O grau de autonomia ou de dependência de um grupo dependerá dos recursos que dispõe para ganhar poder na vida social. O surgimento de um grupo depende das condições concretas e da consciência e sua sobrevivência depende do poder que obtém. Por isso, o grupo tende a gerar mecanismos para manter a demanda de seus produtos ou serviços, ou tendem a buscar estender seu poder a outros campos, adquirindo recursos distintos aos requeridos para satisfazer inicialmente a necessidade que lhe deu origem. Esse poder deve estar disperso na estrutura organizativa para que seja possível a satisfação sistemática de seus interesses através de uma ação eficaz no interior da sociedade.

A maneira que um grupo toma decisões demonstra como se dão as relações de poder no seu interior. Existem três questões que devemos analisar sobre esse processo, primeiro: Quem decide? Essa questão revela como o poder é distribuído no interior de um grupo, se a decisão é tomada por uma única pessoa, um líder, que é uma forma de dominação, ou se o grupo toma essa decisão coletivamente. A segunda questão é: Como se toma a decisão? Ela revela como se chega a uma decisão e revela os mecanismos de poder na estrutura e vida do

grupo, também relativos a participação das pessoas no funcionamento grupal e a consciência, pessoal e grupal, sobre a identidade e fins do grupo. E por último: Quais são as conseqüências da decisão grupal. Por que decide? A quem beneficia? A quem prejudica? Essas questões mostram os interesses sociais e revela o caráter ideológico das opções grupais. (Martin-Baró, 1983, p.278). As questões emocionais no processo decisório do grupo são fundamentais nesse processo.

Outro aspecto que define a identidade de um grupo é o que ele produz, ou seja, sua tarefa específica, seu produto, é tudo que o grupo consegue produzir coletivamente, seja material ou simbólico. A existência e a sobrevivência de um grupo dependerá da capacidade coletiva de realizar ações significativas em uma determinada circunstância e situação histórica, pois ele cumpre uma função, isto é, o grupo satisfaz, de alguma forma, uma necessidade ou responde a uma exigência da sociedade estabelecida. A identidade de um grupo não lhe vem formalmente do objeto de sua tarefa (por exemplo na educação ou saúde), mas da maneira específica que o grupo aborda o objeto. A atividade grupal tem uma dupla função: uma frente à sociedade e aos demais grupos e outra frente aos membros do próprio grupo. Na primeira, um grupo deve ser capaz de realizar algo significativo na vida social, deve demonstrar capacidade de realizar os interesses coletivos que representa, para a afirmação de sua identidade grupal. Internamente a ação é importante para obter a realização dos objetivos que correspondem às aspirações individuais e coletivas de seus membros, assim fazendo com que os membros sintam importância em participar desse grupo. Na medida em que o trabalho realizado pelo grupo constitui uma porta de entrada para as necessidades traçadas pela sociedade, a atividade do grupo tem um impacto objetivo sobre a realidade social e este impacto (positivo ou negativo, maior ou menor) acarretará uma retroalimentação segundo a satisfação ou insatisfação da população ou setores demandantes dessa necessidade e essa retro-alimentação tenderão a confirmar a expectativa dos papéis no grupo, inclusive do estereótipo, e em conseqüência o encargo social do grupo. (Martin-Baró, 1983, p.331).

Sartre (Reboredo, 1995) fazendo uma análise dos moradores de Paris na época da Revolução Francesa, e como um teórico existencialista, procurou resgatar o indivíduo e sua subjetividade na teoria marxista. Propôs o estudo de grupos com a idéia de projeto permitindo assim materializar o lugar do indivíduo no processo grupal. A noção de indivíduo como projeto significa que ele nunca estará acabado, concluído. Ele nasce com potencialidades para se afirmar na condição humana e a busca através de um processo humanizador para sair cada vez mais da condição de não humano para humano, apesar de não existirem pessoas que

estejam inteiramente nesses pólos. O indivíduo nunca chegará à condição de humano integralmente pois existem valores que foram internalizados pelo sujeito que vão contra esse projeto de humanização e nenhuma pessoa é não humano totalmente porque sempre existem traços de humanização, portanto o homem é um ser em movimento constante. Estudando a relação indivíduo e grupo é possível analisar esse movimento de construção do sujeito dentro do processo grupal. O indivíduo é visto como: Projeto, Método, Práxis e Mediação. O Processo de constituição dos sujeitos está ligado ao contexto histórico, social, econômico e as condições materiais como determinantes de sua subjetividade, assim relacionados a uma temporalidade histórica. O movimento grupal evolui a partir das transformações nos relacionamentos interpessoais, e requerem que os indivíduos avancem a consciência de si e do social. O movimento de consciência relaciona-se com a qualidade das relações sociais vivenciadas no movimento de constituição do indivíduo. O grupo é uma totalização em processo. Há momentos no grupo que se inter-relacionam e o levam da condição de não grupo para a condição de grupo. Para Sartre (Reboredo, 1995, 38), o processo de constituição de um grupo passa por seis estágios ou momentos: *Serialidade (Agrupamento)*, *Fusão da Serialidade*, *Juramento*, *Organização*, *Fraternidade-Terror*, *Institucionalização*. E cada momento condiciona o seguinte. Assim se uma pessoa toma consciência de sua alienação e do seu isolamento cria o germe para Fusão, elevando-se a Fusão, condiciona o aparecimento do Juramento, com este a Organização, evoluindo assim para a Fraternalidade-terror e criando as condições para o momento de Institucionalização. A passagem de um momento para outro não é regida por uma lei imutável, mas se constitui em um processo. Cada momento possui uma *implicação significativa* que levará ao outro, numa relação dialética de significados. Em cada momento, parte-se de um sistema de significações criadas, que vão sendo assumidas no momento seguinte.

Reboredo (1995) também diz ser necessário para analisar o processo grupal que devemos considerar que os grupos possuem três dimensões: 1) *Dimensão Operativa*: está relacionado as produções materiais do grupo e sua organização para conseguí-las, como por exemplo: organização para o trabalho, sua qualidade, estatutos e normas, comunicação, etc. 2) *Dimensão Valorativa*: são os valores e crenças individuais e culturais/sociais presentes na ação das pessoas, relacionado ao significado social da ação. 3) *Dimensão Afetiva*: trata-se de como as pessoas sentem e percebem a ação individual e coletiva. Relacionado ao sentido individual.

No primeiro momento, a *Serialidade*, ainda não existe um grupo, mas um agrupamento de pessoas. A *Serialidade* consiste em relações entre indivíduos que compõem uma série, nela os indivíduos realiza no cotidiano a relação de solidão, reciprocidade e unificação de exteriores. Nesse momento há ausência de objetivos comuns, os indivíduos não estão preocupados com os outros, seus projetos são individualistas. O que os congrega são motivos circunstanciais e nem sempre estão claros para todos. Os indivíduos são indiferenciados e há uma visão massificada das pessoas e por isso, tem-se a noção que todos são substituíveis. Há muita competição interna no grupo e o outro é visto como uma ameaça. Nesse momento o outro assume a condição de “coisa”. Os sentimentos e sensações mais presentes são: o sentimento de solidão e desconfiança. Porém, nesse momento ocorre uma implicação significativa que pode gerar um avanço para o grupo, nesse momento percebe-se um início da percepção das necessidades pessoais, há conflito entre os interesses pessoais e a sobrevivência do indivíduo e do grupo. (Reboredo, 1995, 39).

A *Fusão da Serialidade* constitui o primeiro momento após a superação da *Serialidade*, nele se supera a inércia que condiciona o afastamento e a solidão dos indivíduos. Nesse momento o grupo tem consciência da tarefa comum e cada um depende do outro. O grupo tem certa estabilidade nos papéis como nos temas. Há um início da percepção que existem objetivos e necessidades comuns a todos, começam a surgir os primeiros indícios de organização. As decisões começam a ser analisadas e discutidas no coletivo. Ocorrem práticas reflexivas para a manutenção do grupo e a relação de seus membros se constitui em uma comunidade que atua sobre si mesma. Surge o sentimento que é necessário haver uma relação de interdependência entre os membros do grupo. Porém para a consolidação desse momento é necessário um espaço em um campo espacial próprio unificado pelos participantes. Também é necessária certa tensão gerada pelas necessidades, mas não basta a necessidades é necessário que no cenário tenha alguém que condicione o seu aparecimento e alguém que a faça aparecer como uma ameaça, dando-lhe um significado humano a necessidade. (Reboredo, 1995, 41).

No momento do *Juramento*, as pessoas vivem mais intensamente, que na *Fusão*, a condição de pertinência ao grupo. É o momento da reciprocidade mediada, que não pode ser confundida com contrato, mas como uma maneira de evitar a dispersão. Há vários momentos de conflitos internos e há o estabelecimento, pelo grupo, de instrumentos reguladores de ações individuais e coletivas para evitar a dispersão do grupo, reduzindo a liberdade individual e priorizando o interesse coletivo. Existe o estabelecimento de um acordo, mesmo que não nomeado, para não dispersão do grupo. Há uma grande mudança nas relações interpessoais e

principalmente em seus aspectos afetivos. Do ponto de vista afetivo, o medo de dispersão torna-se mais forte e aparece o sentimento de “todos somos irmãos”. Estabelecimento de estatuto como regulador das ações que se sobrepõe a qualquer medida baseada no poder jurídico. (Reboredo, 1995, 43).

No momento anterior, O Juramento, busca-se uma totalização que gera as condições para o momento seguinte: A *Organização*. Há uma reorganização interna nesse momento. O grupo prioriza a questão do poder, tomando consciência de sua unidade prática, com a perspectiva do objetivo conscientemente perseguido, por isso há uma redefinição do poder no grupo. Organização do grupo torna-se mais eficaz e estabelecem meios para lidar com as condições objetivas. A divisão de papéis e a definição de tarefas específicas são baseadas na qualificação pessoal. Há o sentido de liberdade como prática coletiva e aumenta o sentimento de pertença ao grupo, e como consequência há maior segurança e o clima torna-se mais leve. Porém, a necessidade da divisão das tarefas e o enfrentamento do poder criam uma situação de perigo para a soberania de todos. (Reboredo, 1995, 44).

O momento de *Fraternidade-Terror* começa a esboçar-se quando grupo entra na fase de Organização, mas seu germe está no Juramento, onde o temor pela dispersão é constante. Nesse momento há ações mais duras para controlar as possibilidades de fuga, desvio e não participação. Há o estabelecimento de um estatuto comum de forma declarada. Aumenta o sentido de ameaça do grupo e as pessoas tem ações individualistas. Predomina o terror da dispersão do grupo e volta para a Serialidade. Os sentimentos de desconfiança aumentam. Nesse momento dá início a uma cristalização dos papéis no grupo. (Reboredo, 1995, 45).

A *Institucionalização* significa a separação dos membros do grupo. A diversidade de tarefas impõe a cisão e a especialização dos indivíduos, possibilitando a formação de subgrupos e aumentando as possibilidades de dispersão. Há uma perda da mobilidade grupal, um aumento do autoritarismo e a cristalização das relações, que leva a cristalização de papéis e a ameaça da burocratização do grupo. É a morte do grupo. Há o sentido de perda da liberdade. E aumenta o sentimento de ameaça, pois há o perigo da volta a Serialidade e a alienação. A Institucionalização é uma necessidade para o grupo possa reorientar sua práxis, mesmo criando o contraponto da estratificação. (Reboredo, 1995, 46).

1.4 - Afetividade e Consciência no Processo Grupal.

A relação entre o movimento de consciência do sujeito e as emoções já foi assinalada em outras pesquisas como citado por Lane (1995 p. 56). Em uma delas (Sawaia, 1987), estuda como o movimento de consciência de algumas mulheres faveladas parecia ser impulsionado por emoções que levavam a reflexão e a ação. As emoções possuem uma natureza social e um caráter comunicativo, ou seja, *elas constituem uma linguagem, cujas mensagens podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência, como fragmentá-la.* (Lane, 1995, p. 57).

Os termos emoções, sentimentos e afetividade têm significados diferentes. Emoções são reações, sensações corporais e psicológicas, perceptíveis pelo indivíduo, elas tem um caráter comunicativo, empírico e geralmente ocupam uma posição de “figura” (pensando na relação figura-fundo da Gestalt), já os sentimentos são mais duradouros ,que ora ocupariam a posição de “figura”, ora de “fundo”. *Um exemplo: A tristeza enquanto emoção eu constato pela expressão facial, pelas lágrimas. A tristeza como sentimento, ela se oculta no “fundo”, enquanto a pessoa desempenha suas atividades cotidianas e é levada a se preocupar com outros detalhes der sua vida. Porém se alguém lhe perguntar “Como vai você?” ou “Como você está?” certamente a tristeza se tornará “figura” e ela me responderá “Triste”.* Lane (1995, p. 98).

A Afetividade forma em conjunto com a Consciência, a Atividade e a Identidade, as categorias fundamentais do psiquismo, que estão em mútua interdependência, imbricadas uma pelas outra e mediadas pelo pensamento, emoções e linguagem.

Vigotski aponta que o intelecto e o afeto são indissociáveis. Ao fazer uma análise sobre as doutrinas das emoções de sua época, conforme dito anteriormente, *colocou o problema da emoção dentro do marco do conhecimento da “nova” psicologia* (Lane & Camargo, 1995, p.122). Sua abordagem representa um rompimento com a epistemologia vigente na época. Ele utilizou o materialismo histórico e a dialética para compreender as emoções e sua relação com as demais funções psicológicas. *Portanto, a emoção no trabalho de Vigotski, como os outros aspectos da vida psíquica, deve ser compreendida a partir dos pressupostos metodológicos formulados por ele* (Lane & Camargo, 1995, p.123).

Ao estudar as emoções ele rebela-se contra a epistemologia da causalidade mecanicista e do dualismo intelecto/emoção, mente/corpo e subjetividade/objetividade, buscando-se um estudo histórico desse fenômeno. Criticando a visão racionalista presente na psicologia. Ele coloca a problemática das emoções como um tema central para o estudo do psiquismo, não de forma isolado ao intelecto, mas em conjunto com as demais funções psíquicas, entendendo suas conexões dialéticas e não por suas qualidades intrínsecas. (Sawaia,2000a). Assim para o

entendimento das emoções para Vigotski devemos fazer relação com as outras instâncias do psiquismo: a consciência, o pensamento e a linguagem.

No texto “*El problema e Método de Investigación*” de 1934, ele afirma que a primeira questão que levanta quando se fala da relação entre pensamento e linguagem é a conexão entre intelecto e afeto. E que o estudo desta relação não é novidade em Psicologia, sempre foi seu objeto de estudo, mas pela lógica causal mecanicista, alvo de sua crítica ferrenha. (Sawaia, 2000). Para ele o fracasso da explicação mecanicista causal implica a impossibilidade lógica de uma explicação causal para os processos psicológicos como tal (Van der Veer & Valsiner, 1996, p. 384), por isso propõe uma nova visão sobre as emoções, elas devem ser entendidas não como mais um conceito e de forma isolada mas como um processo, que envolve todas as outras funções psicológicas.

...é necessário analisar as relações entre o intelecto e o afeto que formam o ponto central de todo problema que nos interessa não como uma coisa, mas como um processo”. (Vigotski, 1990, p.227)

Portanto, Vigotski não fazia a cisão entre o intelecto e o afeto, pois todo pensamento tem uma base afetivo-volitiva. As emoções e os sentimentos possuem duas características fundamentais para Vigotski: possuem um caráter social e outro histórico. Sua visão histórica nos diz que o sentimento se altera nos meios ideológicos e psicológicos, apesar de que se apoiar num certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção, e que *as emoções complexas (sentimentos) aparecem historicamente e são a combinação de relações que surgem em conseqüência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções.* (Vigotski, 1996 p.127) E ainda, essas emoções se conectam as outras funções psicológicas superiores, como a consciência e a personalidade. *No processo do desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto a auto-consciência e da personalidade como à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valorização desta pessoa, com a compreensão dela. Nesta complicada síntese é onde transcorre nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surgem uma nova ordem e novas conexões.*(Vigotski, 1996 p.128)

É necessário além de entender os sentimentos como histórico, devemos compreendê-los como mediadores sociais em conjunto com a linguagem e os signos. *Admitir que o pensamento depende do afeto é fazer pouca coisa, é preciso ir mais além, passar do estudo*

metafísico ao estudo histórico dos fenômenos: é necessário examinar as relações entre o intelecto e o afeto, e destes com os signos sociais, evitando reducionismos e dualismos. (Sawaia,2000 apud Vigotski, 1977,p.343).

Para Heller (1985) sentir significa estar implicado em algo. Esse algo pode ser outro ser humano, um conceito, ou mesmo, um processo, um problema, uma situação, outro sentimento, mesmo que esse “algo” não seja determinado concretamente. Essa implicação pode ser positiva ou negativa, ativa ou reativa, direta ou indireta. A implicação não é um fenômeno concomitante, ela simplesmente não só acompanha o pensamento, a ação, reação, etc, mas a própria implicação é o fator construtivo inerente dessa ação, pensamento, reação. Teoricamente o limite inferior de implicação seria zero, ou seja, como na expressão “estar indiferente a uma situação”, mas isso é absurdo, pois a implicação zero significaria ausência de emoções, o que é impossível. A implicação zero existe como uma tendência e o que existe é uma implicação mínima, no caso, por exemplo, nas atividades repetitivas, como trocar de roupa, dirigir, etc. Já o limite superior de implicação é determinado pelo organismo e pelas circunstâncias sociais. Pois a sociedade, através de sua cultura, costumes e ritos, trata de regular a intensidade de expressão dos sentimentos, inclusive de seus conteúdos, cria-se uma Política da Afetividade. Porém o limite extremo também está sujeito às limitações do organismo, pelo limite tolerável para a homeostase biológica. Por exemplo, no luto cada sociedade com seus costumes e ritos determinam a duração, intensidade, expressão de sentimentos aceitáveis para a situação, porém esses limites também não podem exceder os limites biológicos das pessoas. Da mesma forma quando uma pessoa excede os limites descritos pela sociedade são tratadas como patológicas, é o caso da mãe que perdeu um filho e mantém o quarto intacto por anos.

Até nas ações ditas repetitivas, como trocar de roupa, lavar louça, escovar os dentes, os sentimentos estão presentes, mesmo quando têm um papel mínimo, porque nossa implicação pode estar em outras coisas, porém se aparece algum obstáculo para a execução da ação volta nossa implicação para ela. Essas ações podem ter um significado para nós em si, o que aumenta nossa implicação. Os sentimentos jogam papéis de figura e fundo em nossa consciência, quando o sentimento está no foco de nossa consciência é figura e quando está fora dele é fundo. Por exemplo, o sentimento de medo perante o perigo é figura, e o medo de voar de avião pode ser fundo quando não estou voando ou não pretendo voar, porém quando, aparece ao menos, a possibilidade de voar, esse medo pode tornar-se figura novamente.

Nas relações interpessoais (desde que não sejam repetitiva ou meramente funcionais) a implicação joga um papel necessariamente de figura, isto é, inevitavelmente aflora de vez em

quando ao foco da consciência. Isso ocorre com o amor, amizade, desprezo, simpatia, raiva. Mesmo que não permaneça no foco da consciência o tempo todo, como figura, de maneira contínua, essas implicações nas relações humanas permanecem como fundo, quando executamos outras ações, por exemplo, no caso do amor por uma pessoa, quando estamos fazendo um trabalho esse sentimento está como fundo em nossa consciência, mas basta algo que nos faça lembrar dessa pessoa para que esse sentimento se torne presente e seja figura novamente. O que determina a relação figura fundo é, em parte, objetivo e finalidade da ação, em geral não há solução normal de problemas, seleção de meios, percepção, nem pensamento sem uma implicação no fundo. (Heller, 1985, p.24-25).

Para Heller (1985, p.31) o ser humano é caracterizado por uma antinomia básica: nossa carga biológica e genética, a filogênese; nossa formação enquanto indivíduos humanos dados na relação dialética com a cultural e outros homens, a ontogênese. Assim o homem deve apropriar-se das tarefas do mundo desde seu nascimento, ele deve aprender a viver nesse mundo, utilizando os instrumentos que a sociedade usa, inclusive os simbólicos, como a linguagem. Nessa relação com o mundo ele desenvolve seu psiquismo, que inclui o processo de apropriação, objetivação e expressão de si mesmo, que são diversos aspectos do mesmo processo. A ação, o pensamento e o sentimento caracterizam todas as manifestações da vida humana, e não podem ser separados, mas apenas funcionalmente e didaticamente. Não existe pensamento sem sentimento, não existe ação sem pensamento, nem ação sem ambos. (Heller, 1985, p.34). Os sentimentos não podem se diferenciar sem conceitualização (conhecimento), assim como o desenvolvimento do Ego avança com a diferenciação e com a contínua reintegração das funções. Como dissemos anteriormente, para Heller, sentir significa estar implicado, e isto está relacionado com a função homeostática de nossos sentimentos, ou seja, o Ego seleciona entre as tarefas proporcionadas pelo mundo. Esse processo de seleção se orienta a sustentar a homeostase do organismo que não é meramente biológica, mas também social, não podemos nos sustentar ou reproduzirmos sem um senso de um entorno social determinado, assegurando a continuidade do nosso Ego.

Essa relação com o mundo é intencional, ou seja, ele não somente seleciona, mas cria ativamente seu próprio mundo, não simplesmente atua, percebe, pensa, seleciona, sente para selecionar o que o mundo nos dá, mas também me realizo, faz coerente meu mundo, dá sentido a ele, põe um pouco de mim em tudo que percebo, penso, faço e sinto. Em ambos os casos geralmente o sentimento está presente como fundo. Dessa forma, a implicação é a função reguladora do organismo social em sua relação com o mundo, é o que guia a preservação da coerência e continuidade do mundo subjetivo do sujeito, como extensão do

mundo social. Portanto, estar implicado significa regular a apropriação do mundo desde o ponto de vista da extensão e preservação do Ego, partindo do próprio organismo social. (Heller, 1985, p.35-36).

Outro aspecto importante levantado por Heller (1985, p.39-44) é a *pseudo-separação*⁸ sentimento e pensamento na consciência cotidiana, ela atribui esse fenômeno a dois fatores: primeiro, os sentimentos que estão no fundo não são vistos como sentimentos. Se esse sentimento não for aparente, como figura, não é considerado como tal. Em segundo lugar, é que somente poucos em uma multidão de tipos de sentimentos são considerados como tal, ou seja, os afetos como temor, raiva, ira, etc. Há uma hierarquização dos sentimentos no cotidiano, dos mais importantes e louváveis, aos menos importantes e os indesejáveis. Terceiro, o contraste entre o sentimento e pensamento se estende ao caráter. Numa sociedade com essa hierarquia o homem pode ser mais sensível ou menos sensível, pois a ela prescreve valores, que são também selecionados por nós, e esses nos suscitam sentimentos particulares, vivemos nesse conflito entre os sentimentos e os valores.

A vontade é um desejo direcionado para um fim e para algo. E em geral estamos implicados nesse algo, pois existem emoções concretas e polifônicas⁹, que conectam com o objetivo de minha vontade. Portanto, esses sentimentos podem ser gerados socialmente de três formas: através das normas, através das exortações e através dos ritos sociais. As normas não produzem o sentimento diretamente, mas são uma indicação para eles, por exemplo quando pensamos no mandamento bíblico “Honras teu pai e tua mãe”, ele não se dirige para alguém especificamente mas para todos. Se alguém atua de forma a aceitar e seguir esta norma, mas não sente o sentimento de respeito, age conforme uma convenção social externa, porém se ajusta a norma., que poderá gerar um sentimento de respeito ou, no caso de eu acreditar nessa norma e não conseguir realizá-la, um sentimento de culpa. Por outro lado, durante a socialização primária¹⁰ e secundária¹¹ aprendemos a sentir também através de exortações, que

⁸ *Pseudo-separação* = a separação entre o pensamento e o sentimento é meramente fictícia, ou seja, uma fantasia imposta pela vida cotidiana. Um fenômeno com origens e conseqüências ideológicas.

⁹ *Emoções polifônicas* = aqui me referencio a idéia de Polifonia, como na teoria da enunciação de Bakhtin (2004), como uma pluralidade de vozes. Da mesma forma, nossa implicação emocional tem a participação de diversas vozes, através da cultura e das outras pessoas.

¹⁰ Socialização Primária = “ocorre dentro da família, e os aspectos internalizados serão aqueles decorrentes da inserção da família numa determinada classe social, através da percepção que seus pais possuem do mundo, e do próprio caráter institucional da família” (Lane, 1984b, p.84).

¹¹ Socialização Secundária = “decorre da própria complexidade existente nas relações de produção, levando o indivíduo a internalizar as funções mais específicas das instituições, as subdivisões do mundo concreto e as

nos dizem diretamente como e o que devemos sentir, por exemplo, quando nos dizem “tenha vergonha disto”, “tenha medo daquilo”, essas exortações podem nos indicar que futuramente esses sentimentos apareceram na pessoa. Os ritos sociais são os meios conscientes ou não mais eficazes para ensinar-nos como sentir sejam ritos que estão na vida cotidiana como o luto e o lazer, sejamos ritos institucionalizados como a confissão na igreja católica ou a catarse na psicanálise. (Heller, 1985, p.47-50).

Os sentimentos também têm uma função homeostática no conhecimento por três razões; primeiro, porque o sentimento tem a função de selecionar, através de sua implicação, em todas as instancias da percepção, selecionando aquilo que estamos implicados positivamente ou negativamente, direta ou indiretamente; segundo, um ato de inteligência, pensamento, imaginação, não pode existir empiricamente, é impossível sem implicação, isso significa que aprendizagem e sentimento são inseparáveis, não há dicotomia entre razão e afeto, entre conhecimento e sentimento, apreendo aquilo que estou implicado de alguma forma. A investigação, a formulação de problemas, raciocínios, sempre se derivam de algum sentimento, é indissociável o pensamento e o afeto, (Vigotski, 1996 p.126), que pode ser o sentimento de curiosidade, de “estar intrigado por algo”, o que surge em ultima instancia como a “sede de conhecimento”, que é a implicação do conhecer, seja na extensão do que já é conhecido ou não, seja por nossos próprios interesses ou de outras pessoas; e terceiro, o sentimento tem a função de selecionar, ou seja, reter ou rechaçar uma informação, seja de forma consciente ou não, atuando nos processos de memória, pois toda percepção, pensamentos, ações imaginação, fantasias são armazenadas em nossa memória junto com as implicações específicas correspondentes a esses fenômenos, que podem ser sentimentos de figura ou fundo.

Além do pensamento, a imaginação e a memória também têm fortes vínculos emotivos. *A atividade da imaginação está estreitamente ligada ao movimento dos sentimentos. Ela é uma atividade muito rica de momentos afetivos.* (Vigotski, 1990, p.427).E ainda: *Se analisarmos, finalmente, o vínculo, de ambos os processos, imaginação e pensamento, com a afetividade e a participação dos processos emocionais nos pensamentos, veremos que tanto a imaginação como o pensamento realista podem caracterizar-se por uma elevadíssima emocionabilidade e que entre eles não existe contradição.* (Vigotski, 1990,p.436). Para Heller (1985, p.51-64). Sentimento tem um duplo papel na memória: um processo de seleção e um processo de recordação. Luria, (1999, p.31) em um relato clínico-

representações ideológicas da sociedade, de forma a incorporar uma visão de mundo que mantenha “ajustado” e, conseqüentemente, alienado das determinações concretas que definem suas relações sociais” (Lane, 1984b, p.84)

experimental de um mnemonista profissional apresenta o processo de lembrança dessa pessoa (chamada de senhor S.), demonstrando como ele associava nomes, números, frases a lugares e pessoas que tinham um sentido pessoal claramente emocionalmente investido. Podemos verificar que para Vigotski, as emoções estão numa relação dialética com as demais funções psicológicas superiores.

A ação, o pensamento e o sentimento são potencialidades do homem que se diferenciam e ao mesmo tempo se conectam no processo de desenvolvimento do sujeito, é durante esse processo de diferenciação e reintegração que o homem aprende a sentir. O sentir faz parte da filogênese do ser humano, mas cada sentimento particular está relacionado de algum modo com aprendizagem, e isso é dar um significado ao sentir, quer dizer que os sentimentos impulsivos (os instintos) como sinais biológicos, por exemplo a fome, não são aprendidos mas o processo de diferenciação está vinculado a aprendizagem, portanto nós aprendemos a sentir, a diferenciar nossos impulsos, nossos sinais biológicos. Por exemplo, saber que a dor no estômago e o desconforto é fome, isso foi adquirido através da aprendizagem no processo social de inter-relacionamentos cotidianos. Para a autora, esse processo de aprendizagem tem algumas características: primeiro, nós, antes de tudo, aprendemos que sentimos, ou seja, aprendemos que aquelas sensações físicas que temos (dor, desconforto, fome, excitação, sudorese, e outras) são emoções e sentimentos, isso acontece desde o início na socialização primária, é o adulto que insere criança nessa compreensão, que nomeia isso, que dá um significado, que o insere nesse mundo simbólico; em segundo lugar, aprendemos a diferenciar dentro dos sentimentos os graus de intensidade, ou seja, aprendemos, a saber, o que é mais forte e o que é mais fraco com relação aos sentimentos, por exemplo, da fome novamente, nós aprendemos a nomear os sentimentos e colocá-los em uma hierarquia dos mais fracos aos mais fortes, isso é dado socialmente na cultura, como já dissemos, pois o que é aceito como tolerável em uma sociedade pode não ser em outra; e devemos aprender qual conduta adotar em relação aos nossos impulsos, que repercute sobre nosso próprio sentimento, quanto a periodicidade e intensidade, no caso da fome, aprende o quanto e quando comer, o que comer, o que não comer. No caso da sexualidade isso se torna muito claro, aprendemos o que é permitido e o que não é permitido e que é “normal” e o que é “patológico”, fazendo com que os indivíduos sintam essas determinações sociais na própria pele.

Aprendemos a identificar não somente os sentimentos, mas também seu objeto, por exemplo, quando o bebê põe as mãos nas fezes, ele tem que ouvir muito as frases “que nojo”, “caca”, até que o estímulo chegue a produzir o sentimento de nojo. Outro fator interessante é

que aprendemos a identificar e entender os afetos dos outros, mesmo antes da linguagem. Na relação mãe-bebê isso se torna muito aparente, o bebê aprende a decifrar os tons de voz da mãe, as expressões, o jeito que a mãe o segura, várias pesquisas demonstraram a importância do afeto nessa relação e como o bebê aprende nesse processo. Como já dissemos, a expressão do afeto não é algo aprendido, porém o que o afeto suscita em mim é uma consequência da aprendizagem, a expressão da raiva, por exemplo, pode ser igual mas o “motivo” pode ser diferente, isso é aprendido. A aquisição do pensamento verbal é um rito de aprendizagem dos sentimentos nas mais diversas relações. A denominação de um sentimento é necessária, e mais ainda, decisiva, pois é condição para sua identificação seja consciente ou não, mas também porque, em geral, os objetos dos afetos não podem ser dados socialmente sem denominação. Essa denominação e diferenciação aparecem antes mesmo da linguagem verbal, como signos de sentimentos, por exemplo, quando dizemos “arghh” quando o bebê põe as mãos nas fezes, não é a expressão verbal que conta, mas ela em seu contexto desenvolve o sentimento de asco.

Já o processo de diferenciação se aprimora através da linguagem, inclusive determinando quais grupos de objetos podem ser dirigidos certos grupos de afetos, por tanto a aprendizagem dos sentimentos está baseada na expressão, linguagem e cognição. Essa designação dos objetos do afeto é baseada mais na inteligência que no treinamento, pois faz que seja possível que o afeto seja independente da experiência pessoal e também permite o desenvolvimento da fantasia em relação aos afetos, conseguimos transcender os objetos e generalizar os afetos para outros, O preconceito está baseado nesse tipo de regra. Porém essa generalização tem, teoricamente, um limite, se a pessoa nunca experimentou esse tipo de afeto só sua denominação não é capaz de produzi-lo, pois a aprendizagem dos sentimentos depende da experiência pessoal também, porém como já dissemos, faz parte da socialização do indivíduo tomar contato com os diversos tipos de sentimentos.

Uma outra característica importante na aprendizagem dos sentimentos é que aprendemos a “encaixar” o conceito emocional com os sentimentos do indivíduo, com isso queremos dizer o seguinte: o indivíduo possui emoções que são idiossincráticas, seja, são particulares, mesmo que esteja dentro de uma escala filogenética, cada indivíduo possui reações, graus, intensidade diferentes de suas emoções, assim no processo de aprendizagem, dentro de sua cultura, ele aprende a nomear esse conjunto de sinais biológicos como determinados sentimentos e para isso é necessário se aproximar de um conceito emocional já existente, o sentimento que está em mim se refere a um conceito emocional já existente e conhecido, portanto eu “encaixo” nele o que estou sentindo de duas formas: Limitando-me

aos tipos mais importantes identificando de forma lenta e laboriosa com um conceito já conhecido ou os outros a identificam para mim com um conceito emocional e eu o aceito. Por exemplo, sabemos que existe o “amor” antes de nos apaixonarmos. Dessa forma é essencial o significado e o sentido na relação com o outro. O sentimento tem uma função comunicativa também. Assim “encaixamos” nossas emoções com os conceitos emocionais já existentes na cultura. Sentimos algo e não sabemos o que sentimos, por isso buscamos um “conceito” que se aproxime dos nossos sentimentos. (Heller, 1985, p.146-161).

Vigotski (2001, p.127) também estudou sobre aprendizagem do comportamento emocional e sua influência na educação infantil. O autor sempre considerou a natureza biológica das emoções, porém criticou a visão que reduz as emoções a suas manifestações biológicas e fisiológicas. As influências dessa visão ainda hoje estão presentes na ciência e no senso comum¹². Vigotski critica essa visão e diz que apesar dos instintos serem parte fundante das emoções, para compreendê-las precisamos ir além, precisamos entender a natureza psicológica das emoções. Desse ponto de vista, o comportamento é um processo de interação entre o organismo e o meio (Vigotski, 2001, p.135). Nessa relação Vigotski aponta que existem três tipos possibilidades: a primeira, quando o organismo sente sua superioridade sobre o meio, nessa situação o comportamento se desenvolve sem maiores restrições e realiza uma adaptação de nível excelente com mínimo de dispêndio de energia. Numa Segunda maneira, o meio é que tem a supremacia e a superioridade sobre o organismo, nessas condições o comportamento se desenvolve com dificuldades para adaptar-se com um grande custo de energia. E o terceiro modo é quando o organismo e o meio estão em certo equilíbrio e nenhuma parte tem supremacia ou superioridade sobre a outra. Esses três casos são a base para o desenvolvimento do comportamento emocional, pois, desde a origem das emoções, em suas formas mais instintivas de comportamento, elas são resultado de uma avaliação que o organismo faz em relação ao meio onde vive. Por exemplo: os sentimentos de satisfação, força, segurança, chamados sentimentos positivos tem relação com primeiro tipo. Já os sentimentos, chamados negativos, como; depressão, debilidade, sofrimento, pertencem ao segundo grupo. E só no terceiro modo é que essa correlação trará uma indiferença emocional em relação ao comportamento, portanto:

¹² Recentemente a rede Globo de televisão apresentou no telejornal “Fantástico” uma série de reportagens intituladas “O Instinto Humano”, onde ficavam bem claro os comportamentos humanos como: amor, medo, sexo, e outros eram determinados unicamente pelos instintos biológicos. Sempre no início da apresentação o locutor anunciava: “Essas informações consideram somente a biologia e a genética, não estamos considerando a cultura”. Como se isso fosse possível.

..., deve-se entender a emoção como reação nos momentos críticos e catastróficos do comportamento, tanto como os de equilíbrio, como súmula e resultado do comportamento que dita a cada instante e de forma imediata as formas de comportamento subsequente. (Vigotski, 2001, p. 136).

As emoções possuem um papel ativo na organização de todo comportamento e é o movimento da natureza ativa das emoções que constitui o traço mais importante na teoria da natureza psicológica das emoções. Vigotski diz que é incorreto pensar que as emoções representam uma vivência meramente passiva do organismo, mas, pelo contrário, é o entendimento da natureza ativa das emoções no comportamento e na formação do psiquismo uma das contribuições mais importantes da teoria histórico-cultural nos estudos das emoções. Gonzales Rey (1999, p. 47) aponta para essa tendência, relacionando ainda as questões das necessidades, afirmando que as emoções são constitutivas e constituintes das necessidades, pois representam a unidade essencial na constituição dessas necessidades e, ao mesmo tempo, aparecem com resultado delas. Dessa forma apontando para uma re-significação do lugar as emoções na constituição da subjetividade. As emoções são os organizadores internos do nosso comportamento, de nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações, as emoções precedem toda a ação humana. (Vigotski, 2001, p. 139)

Considerando essas características, Vigotski expõe como aprendemos a sentir sob seu ponto de vista. Para ele, a aprendizagem dos sentimentos é como qualquer outro mecanismo de educação e pode haver uma interferência do educador. Mas ele também chama a atenção que o homem atual tudo está em um estado que ele chama de “automatizado”, ou seja, suas *impressões singulares se fundiram de tal modo a conceitos que a vida transcorre pacificamente, sem lhe prender nem afetar o psiquismo e, em termos emocionais, essa vida desprovida de alegria e tristeza, sem nítidos abalos, mas também sem grandes alegrias, cria a base para aquele calibre dos sentimentos que na linguagem literária russa há muito tempo recebeu a denominação de sentimento pequeno-burguês.* (Vigotski, 2001, p.144).

O homem aprende desde sua infância os sentimentos em conjunto com as expectativas, costumes e valores sociais. Todos os grupos que participamos desde a infância têm um papel fundamental nesse processo, pois são veículos de socialização das pessoas. Uma das formas é a comunicação e a valoração dos sentimentos que são acompanhadas pela explicação dos conceitos emocionais. Os sentimentos são regulados socialmente mediante a avaliação e o autocontrole que já aparece com a regulação da expressão do afeto, ou seja, cada cultura já “ensina” seu membro como deve sentir iniciando pela valorização ou não das expressões de um determinado afeto. Não devemos mostrar nosso medo, asco, raiva em

relação a um ou outro determinado objeto, porém devemos demonstrar para aqueles. Esse controle das expressões de determinados afetos, geralmente acontece quando os afetos são valorados de forma negativa e julgamos ruim sua presença. Na medida em que interiorizamos a relação com os afetos nesse ou naquele caso, a expressão será diferente da expressão original desse afeto e se tornará uma expressão de emoção cada vez mais idiossincrática. Portanto aprendemos as emoções de forma indireta, mediante a relação com os afetos; junto com sua valoração, sua preferência, seleção ou apreciação negativa e também diretamente, aprendendo os conteúdos dos conceitos emocionais, seus significados. As normas morais gerais sempre fazem parte dos hábitos emocionais, por isso devemos aprender a coexistir com nossos próprios hábitos emocionais. Segundo Heller (1985, p.168) pode ter três atitudes referentes a isso: primeira delas, nunca aprender a coexistir com esses hábitos emocionais, a consequência seria um conflito permanente consigo mesmo, caracterizado com um sentimento de culpa constante; a segunda forma, é aprender a viver em paz com seus hábitos emocionais de forma inautêntica, aprender a viver com eles sejam bons ou maus para mim e para os outros; Enfim, uma terceira forma, aprender a viver com eles de forma autêntica, e a pré condição para isso é o auto-conhecimento crítico, mas conviver com eles não significa simplesmente “viver em paz” com nossos hábitos emocionais . nós podemos viver em paz com os hábitos que consideramos positivos e nos esforçar para contrapesar os que consideramos negativos. Isso significa a regulação consciente da conduta que tem sua origem em hábitos emocionais negativos, ou seja, uma consciência crítica perante si mesmo e o mundo.

A relação dos valores dos indivíduos e os sentimentos também são apontados por Heller (1985, p. 170), porém as normas sociais são gerais e só podem nos orientar como normas abstratas, nos guiando desse modo. Por exemplo, a norma social: “devemos amar nossos pais”, ela é uma norma mais geral e nunca podem ser “encaixadas” completamente com meus sentimentos situacionais e cognitivos específicos, tendo em vista que podem até ser contraditórios e complexos, pois em um mesmo acontecimento sentimental podemos aplicar normas distintas, assim aprender a sentir também significa que o indivíduo precisa aprender a se relacionar com cada um dos nossos sentimentos em relação às normas sociais. Muitos indivíduos não conseguem perceber a idiossincrasia de seus sentimentos e os submetem quase totalmente as normas sociais. Podemos perceber isso em muitos atos das religiões fundamentalistas, onde uma norma social, com um fundo religioso, faz com que homens e mulheres se submetam a autoflagelo, penitências (como nas religiões neopetencostais), até suicídios coletivos ou individuais (um exemplo terrível são os homens-bomba no Oriente

Médio), onde sentimentos de cada indivíduo são submetidos às normas rígidas regulando sua vida em todos os sentidos através de seus sentimentos como culpa, necessidade de aceitação e tantos outros.

Essa reflexão, mesmo situada no tempo e espaço, nos traz argumentos interessantes quanto à posição da psicologia em seu papel de interventora nessa realidade. Mas adiante, falando da educação, Vigotski diz que *o momento da emoção e do interesse deve necessariamente servir de ponto de partida a qualquer trabalho e educativo* (Vigotski, 2001, p.145). Sendo esse um dos maiores defeitos da educação atual e podemos replicar esse conceito para a psicologia, legitimando o estudo das emoções como um campo de estudo e ação dessa ciência.

Nos seus estudos, Vigotsky também defendia que todo pensamento tinha uma base afetivo-volitiva na vida psíquica (Vigotski, 2001, p.16) e que todo processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico (Vigotski, 1996, p.113). Assim, o pensamento não está separado da emoção, pelo contrário, eles existem necessariamente um em relação ao outro e são significados socialmente:

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dissermos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos. (Vigotski, 1996 p.126).

Um estudo sobre as emoções deve considerar as raízes históricas e sociais do comportamento humano, como González Rey (2003, p.242) sugere ao caracterizar a subjetividade como social, pois pretendia romper com a idéia que se encontra arraigada nos psicólogos que o psiquismo não é um fenômeno individual, para trazer a discussão que o psiquismo se forma dialeticamente no nível social e individual, demonstrando sua gênese histórico social. Assim quando se fala em emoções ou sentimentos não falamos de coisas abstratas, mas de uma função mediadora, pois as emoções e a linguagem são vistas como mediações fundamentais na constituição do indivíduo, ambas permitindo a comunicação com o outro, seja ela expressiva, seja ela verbal, essas mediações estão na base da construção do saber, manifestado através de representações sociais, da imaginação e mesmo da fantasia, mas também das ações, de projetos e de suas revisões. (Lane, 1997, p.19).

Outro conceito chave é que o de ação mediada, pois as emoções complexas *são as combinações de relações que surgem em conseqüência da vida histórica e adquirem sentido*

em relações específicas, ou seja, o sistema das Funções Psicológicas Superiores é de origem social, funda-se na atitude social para comigo mesmo e se caracteriza pelo traslado das relações coletivas para o interior da personalidade e é mediado por um sistema conceitual, cristalizado e institucionalizado como os significados dicionarizados, senso comum, ideologia, bem como pelo valor que a sociedade dá tal e qual função...Por conseguinte, os afetos (emoção e sentimentos) são ideologizados e históricos. (Sawaia, 2000). As emoções e a ação humana estão inteiramente ligadas, pois a emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda a ação, ou seja, as emoções estão estreitamente associadas às ações, por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de suas relações sociais, entrando assim no cenário da cultura. (González Rey, 2003, p.242). Nós somos o que pensamos, sentimos e como comunicamos isso ao mundo, como diz Lane (1995):

Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam.

Outro aspecto importante na teoria sócio histórica sobre as emoções é a não desconsideração do corpo, muito pelo contrário, é no corpo que esta a materialidade das emoções, porém sua visão não é dualista, mas sim dialética. Ele criticava as posições de Darwin e James & Lange, e não aceitava a idéia de que existissem as emoções inferiores (do corpo) e emoções superiores (alma), para ele as *emoções também são funções mediadas, são sentimentos humanos superiores, pois, até o próprio organismo reage aos significados, de forma que as sinapses cerebrais são mediadas socialmente.* (Sawaia, 2000)

Para Vigotski, a consciência tem uma tríplice natureza: consciência (pensamento), sentimento e vontade. (Vigotski,1999, p.78). O psicólogo russo compreendia a consciência em sua relação com as demais funções psicológicas e alertava sobre o caráter social e ativo dela. A consciência deve ser entendida como um sistema integrado, em processo permanente, que transforma as produções simbólicas em construções singulares. (Aguiar, 2001, p. 98). É através de sua relação com meio externo que o homem constitui a consciência, o homem está em relação com o mundo, interferindo nele, através da atividade, principalmente o trabalho, e ao mesmo tempo é afetado por ele, construindo seus registros. *O homem ao construir seus registros (psicológicos), o faz na relação com o mundo, objetivando sua subjetividade e subjetivando sua objetividade. O psicológico se constitui não no homem, mas na relação com*

o mundo sociocultural. (Aguiar, 2001, p. 96). E a consciência deve ser entendida nessa relação subjetividade/objetividade, pois:

A subjetividade é construída na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e suas instituições, ambas utilizam mediações das emoções, da linguagem, dos grupos, a fim de apresentar uma objetividade/subjetividade questionável, responsável por uma subjetividade na quais estes códigos substituem a realidade. Assim, objetividade/subjetividade como unidade dialética é mediada por uma estrutura denominada Subjetividade Social¹³ a qual, através de códigos afetivos e lingüísticos garantem a manutenção do *status quo*. (Lane, 2002, p.17).

A subjetividade, e a consciência se desenvolvem imersas nessa realidade, porém, não de maneira passiva, mas ativa, por isso devemos considerar que essa realidade é a expressão do campo de valores que a interpretam e ao mesmo tempo é o desenvolvimento concreto das forças produtivas. Nessa dinâmica histórica que os planos subjetivos e objetivos estão em constante interação, um determinando o outro. *O indivíduo é o sujeito singular dessa dinâmica e assim como recebe pronta a base material (dada pela sua inserção de classe) e os valores (o plano de socialização), também é agente ativo da transformação social independente de ter ou não consciência do fato*. (Furtado, 2002, p. 92).

Segundo Dellari Jr (2000, p. 70), em uma pesquisa sobre o significado da consciência e da linguagem na teoria de Vigotski, afirma que há quatro pontos importantes que devemos ressaltar sobre os estudos de Vigotski sobre a consciência, o primeiro diz respeito às relações de determinação entre “vida” e “consciência”, que de certo modo afasta a abordagem histórico-cultural das tendências modernas (principalmente a cartesiana), a *consciência como emergente da vida*. O segundo são as especificidades cognoscitivas e reflexivas da consciência como movimento constitutivo da vida propriamente dita, a *consciência como distanciamento e reflexão*. O terceiro, refere-se aos limites deste caráter cognoscitivo e reflexivo em função dos aspectos afetivos da consciência e, portanto sua parcialidade, a *consciência como presença e parcialidade*, e por último, a constituição da gênese social da consciência, que só pode ser compreendido e explicado enquanto mediação semiótica, a *consciência como função de relações sociais*.

¹³ Segundo Fernando González Rey (nota da autora).

Luria (1991, p. 71) , Leontiev (1978, p. 69), e posteriormente Lane (1996, p.95) assinalam que a atividade consciente do homem difere acentuadamente do comportamento animal. Essa passagem à consciência é, na verdade, o início de uma etapa superior do desenvolvimento psíquico, ou seja, do processo histórico de hominização que se deu através do desenvolvimento da linguagem. Existem três traços básicos que diferem um do outro (Luria, 1991, p.71-73): primeiro, a atividade consciente do homem não está obrigatoriamente ligado a motivos biológicos, ou seja, nossos principais comportamentos não se baseiam em quaisquer inclinações ou necessidades biológicas, mas, via de regra, os atos humanos são regidos por complexas necessidades, chamadas de “superiores”. São exemplos dessas necessidades superiores (o que se compreendeu mais tarde que estão submetidas a um fator potencializador , a volição) a necessidade de comunicação, a necessidade de ser útil a sociedade, de ocupar posições nesta, necessidade de *status* e reconhecimento. O desenvolvimento do psiquismo não é entendido de forma idealista, ou seja, sem uma base corpórea e biológica, porém admite-se que esses processos são de natureza qualitativamente diferentes, e mais, admite que estão na pré-história das funções superiores. Luria (1991, p. 72), aponta que, inclusive, nos encontramos freqüentemente em situações em que a atividade consciente, além de não se sujeitar às necessidades e influências biológicas, elas são contrárias, entrando em conflito com elas e chegando até a reprimi-las. Porém, Vigotski também não queria repetir o erro das linhas subjetivistas da psicologia de sua época, que ignoravam o organismo e viam a subjetividade como algo sem bases biológicas, na verdade, essa é uma das principais características de sua psicologia a unidade corpo-mente, organismo-psiquismo.

Vigotski se opõe ao determinismo biológico do psiquismo, essa diferenciação de sua teoria torna-se ainda mais importante hoje com o retorno dessa concepção devido, principalmente, ao avanço das neurociências. Tem-se dado importância demasiada aos fatores biológicos, há uma reificação das características genéticas e das funções fisiológicas do cérebro, ainda aprisionados numa visão mecanicista de ciência. Muitos estudos sobre os sentimentos e emoções têm sido realizados nesse sentido e tem sido usado como referências por muitos profissionais e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento como educação, psicologia, trabalho.

O segundo traço importante sobre a atividade consciente do homem, em oposição ao do animal, é que ela não é, necessariamente, determinada por impressões imediatas, recebidas do meio, ou por vestígios dessa experiência, ou seja, o homem não se orienta somente pela

impressão imediata da situação exterior, mas do conhecimento que detêm das leis interiores dessa situação, seu comportamento não é “imediató” (sem mediação) mas sim “mediado” (com a mediação da linguagem). (Luria, 1991, p. 72).

O comportamento animal depende de duas fontes: *dos programas hereditários de comportamentos adjacentes ao genótipo e dos resultados da experiência individual*. Já o homem, diferente do animal, também possui um terceiro tração: o da atividade consciente: *a grande maioria dos conhecimentos, e habilidades do homem se forma por meio da assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem*. (Luria, 1991, p. 73). Com isso a teoria sócio-histórica desenvolve o conceito da gênese social da consciência.

A consciência para Vigotski (1999, p.71) é entendida como um entrelaçamento de sistemas de reflexos funciona perfeitamente em todo momento consciente. A palavra e a consciência para Vigotski têm origem social, pois é na linguagem que se encontra precisamente a fonte do comportamento social e da consciência. (Vigotski, 1999, p.81). E mais, para Vigotski uma das características principais da consciência é que ela é um sistema de reflexos reversíveis, ou seja, o homem tem a capacidade de criar reflexos e excitantes, pois o excitante pode se transformar em reação e vice-versa, por exemplo, na palavra. Baseado nesse princípio, Vigotski (1999, p. 81-82), diz que o mecanismo do comportamento social e da consciência é o mesmo:

É aqui que está a raiz da questão do “eu” alheio, do conhecimento da psique alheia. O mecanismo do conhecimento de si mesmo (autoconsciência) e o do outro é o mesmo...conhecemos os outros na medida em que conhecemos a nós mesmos; ao conhecer a cólera alheia reproduzo a minha própria... na verdade seria mais correto dizer o contrário. Temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo procedimento através do qual conhecemos os demais, porque nós mesmos em relação a nós mesmos somos o mesmo que os demais em relação a nós. Tenho consciência de mim mesmo somente na medida que para mim sou outro, ou seja, porque posso perceber outra vez os reflexos próprios como excitantes.

Entendendo dessa forma, a constituição do “eu”, da consciência, passa pelo outro, só é possível no reconhecimento do outro, o que em última instância representa o autoconhecimento de mim mesmo, pois o mecanismo é o mesmo. Só posso me conhecer nas relações sociais com as demais pessoas. A experiência determina a consciência, pois a *vertente individual se constrói como derivada e secundária sobre a base do social e segundo um exato modelo. Vem daí a idéia de dualidade da consciência: a idéia de duplo é a mais*

próxima da idéia real da consciência. (Vigotski,1999, p. 82). *Neste contexto, o sujeito é constituído por meio da experiência social, histórica e pelo desdobramento da consciência, que acontece pelo desdobramento na consciência do eu e outro, no sujeito consciente.* (Molon, 2003, p. 87). A consciência é constituída no contato social, é originada social e historicamente, como experiência duplicada, ou seja, como contato social e como contato social consigo mesmo (por exemplo, a fala silenciosa e a fala interior).

A consciência também pode ser entendida como sujeito da atividade (Molon, 2003, p.87), ou seja, a consciência é compreendida como um sistema seletor , um filtro para o mundo que o modifica de maneira que o indivíduo possa viver, atuar no mundo. O que parece coerente, imagine se tivéssemos consciência de tudo o tempo todo, não conseguiríamos viver no cotidiano, é o caráter auto-reflexivo da consciência como dissemos acima.

O aparecimento da consciência, segundo Leontiev (1978, p. 69-70), está na relacionado ao aparecimento do trabalho e, baseado neste, a própria sociedade. A necessidade de sobrevivência e, posteriormente de comunicação, levaram nosso ancestrais ao trabalho social e o emprego de instrumentos de trabalho e a linguagem. O trabalho criou a própria consciência do homem, acarretando transformações biológicas como a transformação e hominização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos dos sentidos. O trabalho humano possibilitou o desenvolvimento das funções psicológicas, pois ele é uma atividade originariamente social, uma organização entre as pessoas, mediador da comunicação e na sua execução é necessário o uso de instrumentos , onde se tornou necessária, desde o início da humanidade, a divisão técnica do trabalho. (Leontiev, 1978, p. 74). Por isto as raízes do surgimento da atividade consciente do homem não devem ser procuradas nas particularidades da “alma” nem no íntimo do organismo humano, mas nas condições sociais da vida historicamente formadas. (Luria, 1991, p. 75). Na preparação de instrumentos, como por exemplo, de lanças e facas feitas de pedra e madeira, surge à mudança mais importante da estrutura geral do comportamento, pois nessa atividade há a separação de uma “ação” que não é dirigida imediatamente por motivos biológicos e ou imediatos, mas é uma atividade que só adquire sentido com o emprego posterior dos seus resultados. Surgem as várias operações auxiliares (cortar, lixar, talhar, amarrar) que representam as etapas dessa atividade e é uma nova estrutura da atividade consciente do homem, que é o resultado, não do desenvolvimento natural de propriedades inatas do organismo, mas das novas formas histórico-sociais de atividade-trabalho. (Luria, 1991, p. 77).

A consciência apresenta limiares, ou seja, nós percebemos o mundo de forma fragmentada, pois a consciência consegue somente percebê-lo de forma sintetizada e em

extratos, pela mediação semiótica, essa ação é necessária para evitar o caos e a desestruturação do sujeito. Vigotski vai buscar na fisiologia um conceito para explicar essa característica da consciência como um mecanismo selecionador de comportamentos, a “teoria do funil”. Nessa teoria podemos imaginar que o mundo se derrame em um orifício largo de um funil através de milhares de excitações, inclinações, estímulos, etc. No interior desse funil tem-se uma luta e um enfrentamento contínuo desses elementos. O que sai, em forma de reações do organismo (comportamento), pelo orifício mais estreito, é uma parte insignificante das excitações que entraram. O comportamento que se realizou é uma parte insignificante dos comportamentos possíveis, sendo que essas possibilidades não realizadas podem adotar formas diversas. Nessa luta, uma pequena força de qualquer elemento, por mais insignificante que seja, pode determinar o resultado e o sentido do resultante. (Vigotski, 1999, p.69).

Essa é uma característica essencial da consciência, a complexidade de reflexão, pois nem sempre se resulta num exato refletir, podendo haver alterações da realidade, que ultrapassam o limite do visível e da experiência imediata, exigindo que se busquem significados que não são observados diretamente (Molon, 2003, p.87). A realidade não se confunde com o vivido pelo indivíduo, ou seja, com o sentido que ele atribui:

Na consciência, a imagem da realidade não se confunde com a do vivido do sujeito: o reflexo é como que << presente >> ao sujeito. Isto significa que quando tenho consciência de um livro, por exemplo, ou muito simplesmente consciência de meu próprio pensamento a ele respeitante, o livro não se confunde na minha consciência com o sentimento que tenho dele.

A consciência humana distingue a realidade objetiva do seu reflexo, o que leva a distinguir o mundo das impressões interiores e torna possível com isso o desenvolvimento da observação de si mesmo.(Leontiev, 1978, p. 69)

A autoconsciência é a distinção entre a consciência do mundo (pseudo objetivo) e nossa própria vivência enquanto experiência singular desse mundo. (Leontiev, 1978, p. 74). Em seu livro “Desenvolvimento Cognitivo” (1990, p.215) , Luria apresenta sua pesquisa com algumas pessoas, utilizando um método de auto-análise, para o estudo da autoconsciência e conclui que *a estrutura da atividade cognitiva não permanece estática ao longo das diversas etapas do desenvolvimento histórico e as formas mais importantes de processos cognitivos – percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise da vida interior – variam quando as condições da vida social mudam e quando rudimentos de conhecimento são adquiridos*. Com isso demonstra que a percepção que a própria pessoa tem de si mesmo se altera quando algo acontece no ambiente ou quando toma ciência de algum fato novo.

Um outro aspecto importante na compreensão da consciência e as emoções é o papel do inconsciente nesse Vigotski (1996, p. 151) considera que as consciências dos fenômenos possuem vários graus diferentes, *existem coisas que se encontram quase no próprio limite da consciência e que entram e saem de seu campo com muita facilidade, existem coisas das quais temos uma vaga consciência, existem impressões vivas, legadas mais ou menos estreitamente aos sistema real de vivências, por exemplo, os sonhos...é possível admitir fenômenos psíquicos inconscientes.* Assim Vigotski não nega o inconsciente, mas afirma que o inconsciente é potencialmente consciente. (Vigotski, 1996, p. 156). Também aponta para a conexão entre o inconsciente e o não-verbal. (Vigotski, 1996, p. 159).

Os fenômenos psicológicos superiores, na teoria sócio-histórica, têm na linguagem seu fator fundante, pois é o fator fundamental de formação da consciência (Luria, 1991, p.80). Para Vigotski, as funções psicológicas superiores são mediadas, ou seja, são operações indiretas que necessitam da presença de um signo mediador, presentes na *linguagem*, que por sua vez, pode ser definida como um *sistema de códigos por meio dos quais são designados os objetos do mundo exterior, suas ações, qualidades, relações entre eles, etc.* A linguagem é a segunda condição (além do trabalho social e o uso de instrumentos de trabalho) para a evolução da atividade consciente no homem. (Luria, 1991, p.77-78). A linguagem altera a consciência e esta também é alterada pela linguagem. O surgimento da linguagem imprime ao menos três mudanças essenciais à atividade consciente do homem, falaremos de início da primeira:

a linguagem permite *discriminar esses objetos, dirigir a atenção para eles e conservá-los na memória.* Resulta daí que o homem *está em condições de lidar com os objetos do mundo exterior mesmo quando eles estão ausentes.* É bastante a pronúncia externa ou interna de uma palavra para o surgimento da imagem do objeto correspondente e o homem porem-se em condições de operar com essa imagem. Por isso a *linguagem duplica o mundo perceptível,* permite conservar a informação recebida do mundo exterior e cria um mundo de imagens interiores. (Luria, 1991, p.80, grifos do autor).

Essa característica só pode ser compreendida na origem da linguagem em relação com a necessidade, que os homens sentem de comunicar. No trabalho, os homens entram forçosamente em relação e surgem duas necessidades básicas: a necessidade de se executar a atividade e a necessidade de uma ação sobre os outros, ou seja, de comunicação com os demais. Mesmo que depois eles mantenham somente a última, fazendo com que o conteúdo da atividade se fixe na linguagem, significada na palavra. Por isso a produção da linguagem, como da consciência e do pensamento, está diretamente misturada na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens. (Leontiev, 1978, p. 86-87).

(...) as palavras de uma língua não apenas indicam determinadas coisas como abstraem as propriedades essenciais destas, relacionam as coisas perceptíveis a determinadas categorias. Essa possibilidade de assegurar o processo de *abstração e generalização* representa a segunda contribuição importantíssima da linguagem para a formação da consciência... Isto dá a linguagem a possibilidade de tornar-se não apenas *meio de comunicação* mas também o *veículo mais importante do pensamento*, que assegura a transição do *sensorial ao racional* na representação do mundo. (Luria, 1991, p.80-81, grifos do autor).

Para Vigotski (2001, p.388), a generalização e o significado da palavra são sinônimos, ou seja toda generalização, formação de conceitos é um ato específico, autêntico e indiscutível do pensamento. Porém, o significado da palavra só é um fenômeno do pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado (uma palavra sem um entendimento é um som vazio), e por outro lado, um significado só é um fenômeno do discurso quando o discurso está vinculado ao pensamento. (tem uma função). Assim, um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente é a unidade da palavra com o pensamento.

A linguagem é o veículo fundamental de transmissão de informação, que se formou na história social da humanidade, ou seja, ela cria uma terceira fonte de evolução dos processos psíquicos que, no estágio do homem, aproximam-se das duas fontes (os programas do comportamento transmissíveis por hereditariedade e as formas de comportamento resultantes da experiência de dado indivíduo) que se verificam nos animais.

Para Vigotski, a linguagem está nos primórdios do desenvolvimento das funções psicológicas através da lei genética do desenvolvimento cultural, qualquer função é primeiro social e interpsicológico e depois psicológico e intrapsicológico, pois a atividade humana não é internalizada em si, mas é uma atividade significada, como um processo social, mediada pela linguagem e seus signos, sem se limitar a eles. A consciência se constitui a partir dos próprios signos, que são em última análise construídos pelos homens em suas relações de trabalho e na cultura. Porém, não devemos confundir os conceitos de signos e instrumentos:

A diferença mais essencial entre signo e instrumento, e a base da divergência real entre as duas linhas, consiste nas diferentes maneiras com que elas orientam o comportamento humano. A função do

instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio de atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*. (Vigotski, 2000, p. 72-73, grifos do autor).

A função psicológica superior é a combinação entre o signo e instrumento na atividade psicológica. O signo é inicialmente um meio de comunicação e depois um meio de comportamento. Assim, a linguagem reorganiza o processo de percepção do mundo exterior e cria novas formas de percepções. (Luria, 1991: p.82). Sendo ao mesmo tempo fundante e modificador de todas as funções psicológicas como a atenção, a memória, imaginação, o pensamento, as emoções. Isso se dá na unidade dos processos de desenvolvimento biológico e desenvolvimento cultural, no qual o processo de desenvolvimento psicológico é determinado tanto pelo orgânico (biológico) como pelo cultural (utilização de instrumentos e signos). Porém, deve-se considerar que as funções psicológicas: o sentimento, o pensamento e a vontade, que formam a tríplice natureza social da consciência, são historicamente constituídos no contexto ideológico, psicológico e cultural (Molon, 2003, p.94) e que as emoções nos homens são substancialmente diferentes dos animais, pois nestes últimos as reações afetivas expressas, as únicas possíveis de visualização, estão ligadas diretamente com o êxito ou fracasso de sua atividade imediata e conservam plenamente sua ligação com o substrato biológico de suas necessidades e instintos. Já no homem, a existência da linguagem introduz mudanças na reorganização dessa vivência emocional, tornando nosso mundo emocional muito mais rico, e muitas vezes, contraditório aos motivos biológicos, levando-nos a formar sentidos subjetivos afetivos, que podem ser chamados de *vivências afetivas*, que vão muito além dos limites das reações afetivas imediatas, sendo inseparáveis do pensamento, que se processa com a participação imediata da linguagem. (Luria, 1991, p.83). A forma de pensar, junto com o sistema de conceitos, que representam tanto a realidade externa e quanto nossa realidade interna, nos foi imposta pelo meio, pela cultura e seus signos, e isso também valem para os sentimentos, por isso eles são históricos, ou seja, surgem nas relações do sujeito com as demais pessoas, com a cultura e seus signos, sendo alterados em meios ideológicos e psicológicos distintos. E, por conseguinte, *as emoções mais complexas somente aparecem historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções.*(Vigotski, 1996, p.126-127).

O caráter ideológico do signo também é apontado por Bakhtin (2004, p.95), para ele *a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. E é assim que nós percebe-se as palavras: só reage-se àquelas que provocam ressonâncias ideológicas ou que são concernentes a nossa vida. A linguagem é o espaço privilegiado para a criação e manutenção ideológica, e é mais que isso, é uma forma de representação dessa realidade. A ideologia está presente em todas as ações dos grupos humanos através da linguagem, pois, *enquanto produto histórico traz representações, significados e valores existentes em um grupo social e, como tal é veículo da ideologia do grupo; enquanto para o indivíduo é também condição necessária para o desenvolvimento do seu pensamento*. (Lane, 1984, p. 41).

As mediações emocional e da linguagem são necessárias para mantermos nossas relações com as demais pessoas, através dos seus elementos comunicativos, e são elas fundamentais na formação do nosso psiquismo, em suas categorias: consciência, atividade, afetividade e identidade. (Lane, 1997, p. 18-19). *Esta junção entre linguagem, pensamento e emoção está presente nos significados das palavras, os quais institucionalmente, foram consolidados nos dicionários, como sinônimos (“neutros”)*. (Lane, 1997, p. 19-20). Portanto os signos têm duas características básicas: é um *meio de comunicação* e um *meio de conduta*. É um *meio de comunicação*, pois se necessita deles para nos comunicarmos com as demais pessoas, e isso também vale para as emoções. Ao ouvir uma pessoa falar, compreende-se suas intenções e consegue-se reagir, da mesma forma quando se vê algumas reações emocionais (lágrimas, expressão facial, etc.) podem-se inferir suas intenções mesmo que não diga uma única palavra e também se reage a isso. O signo também é um *meio de conduta*, pois é *através dele que o sujeito é inicialmente controlado pelo outro e posteriormente, orienta seu próprio controle, ou seja, passa do controle do outro para o autocontrole e a auto-estimulação*. (*lei genética do desenvolvimento cultural*). (Molon, 2003, p.97). Isso alerta para que a linguagem, apesar de ter possibilitado todo o desenvolvimento psicológico, e ter tornado os homens seres ativos, comunicativos e cooperativos também pode paralisar e dominar através dessa ideologia presente em seus significados.

O significado é a parte mais estável do sentido (Vigotski,1999, p. 186) e das representações sociais, é aquilo que está cristalizado nos dicionários (Lane, 1999, p. 13). Os sentidos é *o que faz parte dos significados (resultado do significado), mas não foi fixado pelo signo*. (Vigotski,1999, p. 186). Os sentidos nascem da confrontação dos significados, dados socialmente, e da vivência pessoal dos sujeitos (Lane, 1999, p. 13), surgindo em um contexto

específico e que se altera em outros contextos. Os sentidos são particulares, porém não individuais, ou seja, no sentido atribuído pelo sujeito existe um núcleo mais estável que é o significado, por isso o correto seria afirmar que o sentido é dialógico, opera na dialogicidade do social e do particular de forma dialética. A formação de sentidos tem uma carga emocional muito grande, como fator determinante dessa função psicológica da consciência, pois o sentido se opera na singularidade.

Outro aspecto importante dos significados na constituição emocional pode ser encontrado na influência desse componente nas fantasias. Quando o ser humano agrupa tudo que provoca um efeito emocional coincidível em um único sentido, nos quais os elementos diferentes são vinculados em um signo emocional aglutinante, pelo tom afetivo comum a esses elementos. (chamado de “lei do signo emocional comum). (Molon, 2003, p.113). Por outro lado, a imaginação também influencia nos sentimentos. É a “lei da representação emocional da realidade” que *afirma que todas as formas de representação criadora guardam em si elementos afetivos*. (Molon, 2003, p. 114). Vigotski fala dessa relação dos sentimentos e com a fantasia na reação estética da obra de arte, em *Psicologia da Arte*, quando explicita o que chamou de “lei da realidade emocional”:

Se confundo uma pessoa com um casaco que passou a noite pendurado em meu quarto, o meu equívoco é patente porque minha vivência é falsa e a ela não corresponde nenhum conteúdo real. Entretanto, é absolutamente real o sentimento de pavor que experimento nesse ato. Assim, todas nossas vivências fantásticas e irreais transcorrem, no fundo, numa base absolutamente real. Deste modo, vemos que o sentimento e a fantasia não são dois processos separados entre si, mas, essencialmente, o mesmo processo, e estamos autorizados a considerar a fantasia como expressão central da reação emocional. (Vigotski, 2001, p. 264).

O homem está em relação com o mundo, atua interferindo (atividade), mas, ao mesmo tempo, também é afetado por essa realidade, constituindo seus registros. A atividade é toda ação humana, nesse processo, dentro do mundo objetivo, da cultura, do coletivo, do social é que temos a possibilidade de nos constituirmos como humanos.

As funções psicológicas superiores são produtos e, ao mesmo tempo, produtores do meio sociocultural em que vivemos, e é através da atividade externa que se criam à possibilidade de construção da atividade interna. Vigotski (2000, p. 74) chama esse processo de *internalização*, que é a reconstrução interna de uma operação externa. Esse processo de *internalização* consiste numa série de transformações:

a) Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente; b) Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal; c) A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de um longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. (Vigotski, 2000, p.75).

Vigotski (2000, p. 75-76) afirma que todas as funções superiores originam-se das relações reais entre os indivíduos e que essa internalização das formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com os signos. Assim a compreensão das funções das emoções nesse processo é importante para compreendermos a essência da atividade humana. A emoção e a ação estão estreitamente ligadas, pois a primeira caracteriza o estado do sujeito perante a segunda, ou seja, as emoções por meio das ações situam os sujeitos no espaço de suas relações sociais, entrando no cenário da cultura. *O emocionar-se é uma condição humana do domínio da cultura que por sua vez se vê na gênese cultural das emoções humanas.* (González Rey, 2003, p. 242). Para esse autor, as emoções são registros complexos que, com o desenvolvimento da condição cultural do homem, passam a ser uma forma de expressão humana perante situações de natureza cultural que surgem em sistemas de relações e práticas sociais. A emoção tem um papel fundamental na constituição do sentido das experiências. O sentido da emoção, produzido na experiência, se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transitam e *dessa unidade entre o simbólico e o emocional, sem que um desses momentos seja “reduzido” ao outro, se define o sentido subjetivo.* (González Rey, 2003, p. 243).

As emoções também têm relações diretas com as necessidades e os motivos. As necessidades são compreendidas como um sistema emocional em constante desenvolvimento, pois são estes estados produtores de sentido, associados à atuação do sujeito numa atividade concreta. Elas não estão presas a esquemas universais e padronizadas, pois apesar da existência de seu substrato fisiológico, adquirem sentidos em cada ação humana. As emoções são um sistema de registros pelo qual o indivíduo consegue mobilizar-se subjetivamente para o desenvolvimento de uma atividade. São as emoções que definem o reconhecimento de recursos psicológicos para atuar ou não, sendo esse processo mesmo um sentido subjetivo que expressa, através da emoção, uma síntese complexa de estados, conscientes ou não, que o sujeito possui perante a dada ação. Em cada atividade surge um conjunto de necessidades que

tem um sentido para o sujeito, essas necessidades são formadoras de sentido na processualidade das diferentes ações e práticas sociais. (González Rey, 2003, p. 2445-246).

Os motivos, diferentemente das necessidades, são sistemas de necessidades que foram configurados de forma relativamente estável na personalidade e em que sempre participam núcleos de sentido que atravessam as mais diversas formas de atividade do sujeito, que poderiam ser dominados como tendências orientadoras de personalidade. (González Rey, 2003, p. 245-246). Os motivos representam configurações subjetivas e são formadores de sentido, porém não são os determinantes diretos, pois o sentido se integra a outros elementos de sentido que aparecem no decorrer da própria atividade, que quando se integram a eles perdem sua especificidade e nexos anteriores. Mesmo assim, os motivos, apresentam definições relativamente estáveis de sentidos subjetivos associados a certas atividades, associações e sistemas de significação do sujeito. (González Rey, 2003, p. 247). A atividade humana depende diretamente das emoções e vice-versa. A emoção é anterior a ação, surge em na atividade e transforma o sentido atribuído pelo sujeito a essa experiência.

A consciência de si e do social somente aparece no indivíduo quando ele é capaz de detectar as contradições entre as representações sociais que acredita (por exemplo, os valores de bom-mau, verdadeiro-falso, certo-errado) e suas atividades desempenhadas na produção da sua vida material. (Lane, 1984, p. 41). A ideologia está presente na linguagem, pois ela é um produto histórico, e traz essas representações, significados e valores existentes em um grupo social, portanto sendo um veículo da ideologia desse grupo. (Lane, 1984, p. 41).

Segundo Martin-Baró (1983, p. 217-218), a consciência que os membros de um grupo podem ter em relação aos interesses e objetivos coletivos, não determinam à condição de grupo, pois essa consciência, sua natureza e sentido social, dependem das condições objetivas do grupo enquanto tal, cujos limites estão condicionados ao “Limite máximo de consciência possível”, sujeitos à realidade. Mesmo que a consciência sobre os interesses ou objetivos comuns não determine, ela exclusivamente, o que é um grupo, com frequência catalisa sua aparição ou dinamização, orientando e incentivando as pessoas a agirem em prol das metas comuns ou fazendo com que busquem em níveis novos e superiores de modos de organização e estruturação coletiva. Um grupo, segundo Martin-Baró (1983, p. 219), surge quando os interesses de várias pessoas confluem e necessitam de uma canalização em uma circunstância histórica concreta, filiando-se, assim a um grupo. Quando isso acontece, e os indivíduos têm consciência, pode levar a cristalização do grupo. Seja que essa consciência corresponda a interesses reais dos próprios indivíduos ou de uma falsa consciência induzida por um estado de alienação social. Isso acontece porque o grupo é a materialização de uma consciência

coletiva que reflete, verdadeiramente ou não, a demanda interesse tanto pessoal quanto coletivos de determinados grupos ou pessoas. Por isso, o grupo depende de forma essencial do contexto macrossocial onde surge, pois refletem essas forças e interesses. A consciência que seus membros adquiram sobre a estrutura dinâmica, seu próprio comportamento e o dos demais, em seu grupo será falsa enquanto não tenha uma necessária referencia a esse contexto. A consciência sobre o grupo deve ser uma consciência do grupo situado, ou seja, saber que seu grupo é um produto e expressão das forças históricas que configuram a sociedade. Assim, só na medida em que o grupo se envolve em uma tarefa de mudança, a consciência sobre os processos experimentados permitirá a seus membros ter novas perspectivas e ter uma possibilidade de maior liberdade frente aos condicionamentos e determinismos sociais, até então ignorados ou ideologicamente negados. (Martin-Baró, 1983, p.304).

Os grupos que participamos em nossas vidas são o *lócus* da nossa socialização e de nossas trocas simbólicas e afetivas, é a configuração de intersubjetividades. Tanto nos grupos primários (grupos onde sua natureza consiste em solidificar e ser portador dos determinismos macroestruturais sociais, tendo como funções básicas à satisfação das necessidades básicas e a formação da identidade, sendo a família é ainda o principal) como nos funcionais (que são aqueles que correspondem a divisão social do trabalho no interior de uma sociedade) e por fim nos grupos estruturais (que são os grupos mais determinantes numa sociedade, cujo membros vão agir segundo interesses objetivos derivados da divisão de classes sociais). Independente de seu tipo, todo grupo humano tem uma estrutura afetiva informal que determina os comportamentos dos membros (Martin-Baró, 1983, p.224), pois o grupo é uma das mediações fundamentais na constituição do psiquismo (Lane, 1999, p. 23). O fazer grupal, suas atividades, gera vínculos entre seus membros, onde os vínculos mais imediatos são aqueles derivados da complementaridade funcional entre as pessoas para atingirem seus objetivos e a satisfação de suas necessidades e interesses, mas também geram vínculos afetivos, seja de caráter positivo ou negativo e por consequência também uma identidade grupal. (Martin-Baró, 1983, p.224).

A atividade grupal produz um efeito na sociedade e essa relação produz um processo de retro-alimentação avaliativa, mediante o qual a sociedade expressa sua satisfação ou insatisfação com o serviço ou produto recebido do grupo. Porém, essa avaliação social é ambígua, por que pode acontecer que um grupo esteja realizando um serviço ou fornecendo um produto muito satisfatório para os setores dominantes, que dispõe de recursos econômicos para custear-se desses produtos ou serviços, mas que ao mesmo tempo torna-os inatingíveis

para a grande maioria da população, por isso acabam avaliando positivamente o grupo. Também existe o contrário, quando o serviço ou produto não é satisfatório para os setores no poder e por isso acaba avaliando negativamente esse grupo. Essa avaliação se dá de várias maneiras, através da influência desses setores sobre a mídia, sobre o poder público, sobre os meios de produção. Um exemplo do primeiro caso são os hotéis de primeiro nível no litoral, que mesmo que sejam prejudiciais para os caiçaras, a mídia ou o poder público podem avaliar como positivo e necessário para a cidade. Agora, um exemplo do segundo caso, seria por exemplo os movimentos de luta pela reforma agrária. (Martin-Baró, 1983, p.382). Por isso devemos analisar historicamente as relações entre os grupos em uma comunidade.

A definição de comunidade é complexa, por isso na verdade a comunidade possui muitas definições nas ciências sociais. Montero (2004, p. 211) ao pesquisar sobre o tema indica que existem vários enfoques e que cada um traz conseqüências diversas na atuação do psicólogo nessa comunidade. Desses enfoques destacamos os três mais presentes na literatura das ciências sociais. O primeiro enfoque considera a comunidade como algo *contaminante*, ou seja, os modos de aproximação da comunidade em que os interventores ou pesquisadores mantêm um discurso que fala de igualdade, mas tomam medidas que mantêm a separação entre o que fazem e a comunidade, é a lógica da higiene, não contaminar-se com a comunidade, porém essa postura reflete a incapacidade de ver a comunidade e de relacionar-se com ela. O segundo enfoque consiste em ver a comunidade como *deficiente*, ou seja, como incapaz ,débil e enferma, baseada em modelo médico, que só vê as carências, não as forças e levando a relacionar-se com a comunidade de forma parthenalista, clientelista. A comunidade nessa visão não é capaz, sem apoio externo, de superar seus problemas. O terceiro enfoque é ver a comunidade como algo *puro*, que poderia ser contaminado pela ação dos agentes externos, pois tudo que é proveniente dessa comunidade é perfeito, intocável, e imutável. No fundo essa pureza sugere uma fragilidade que descarta toda forma de discussão, de aprendizagem e de transformação, como se a comunidade não fosse capaz de refletir sobre novas idéias e modos de ação. Neste trabalho temos uma posição mais crítica quanto ao conceito de comunidade, que não é algo idealizado ou estático, mas em constante movimento, pois a comunidade é um processo que se constrói e se desconstrói continuamente.

Outra questão importante para esse trabalho é o conceito do Sentido de comunidade. Na relação indivíduo-comunidade constrói-se muitos processos e um deles é sentido de comunidade, que pode ser definido como o sentido que tem os membros de uma comunidade de pertencer, seu sentimento de que os membros se importam uns com os outros e com o grupo. É uma fé compartilhada de que as necessidades dos membros seriam atendidas

mediante o compromisso seu compromisso de estar junto. Os componentes básicos desse sentido de comunidade seriam: a *membresia*, que envolve a história e a identidade social compartilhada pelos membros, os símbolos comuns, a segurança e o apoio emocional, os direitos e deveres dessa *membresia*, as gratificações pelo fato de pertencer a uma comunidade e os limites dessa *membresia*, também muitos importantes para o sentimento de pertença. Outro componente seria a *influência*, ou seja, é a capacidade, tal como é percebida, de um do indivíduo influenciar, induzir, ou mesmo ser ouvido e conseguir alterar algo na comunidade. Também pode ser entendida como a capacidade de uma comunidade ou um grupo de influenciar nos comportamentos das pessoas. Outro componente seria a Integração e satisfação das necessidades, pois refere-se aos benefícios que a pessoa pode receber pelo fato de pertencer a comunidade em termos de status, respeito, valores compartilhados, popularidade e ajuda material ou psicológica em momentos de necessidade. E por fim o sentido de comunidade se relaciona com o compromisso e os laços emocionais compartilhados, pois pertencer a uma comunidade significa compartilhar datas e acontecimentos especiais, conhecer as pessoas por seu nome e sobrenome, manter relações estreitas e afetivas com muitas pessoas, saber que se conta com elas em momentos de alegria e de tristeza. Este é o componente fundamental no sentido de comunidade, baseado em relações afetivas. (Montero, 2004, p. 216-217). Porém devemos entender que os sentidos que a comunidade tem para cada indivíduo é diferente, pois os sentidos são construídos numa relação ativa com o mundo. Mas o que falamos aqui são fatores que influenciam nesse processo.

Na comunidade, as relações entre os diversos grupos e pessoas também podem ser consideradas como *relações de dominação*¹⁴ à medida que em nossas práticas sociais reproduzimos a ideologia do sistema capitalista no qual vivemos com seus valores e condições objetivas decorrentes do meio de produção e sistema de trabalho. A alienação deve ser considerada como uma relação que se processa no cotidiano. (Guareschi, 2001, p.91).

A vida social humana é dividida em dois âmbitos: a vida cotidiana e a vida não-cotidiana. Na vida cotidiana estão as objetivações do gênero humano, objetivações genéricas em si, onde estão os elementos básicos para sua sobrevivência que são a linguagem, os objetos (utensílios e instrumentos) e os costumes de uma sociedade. Já a vida não-cotidiana,

¹⁴ “Dominação é definida como uma “relação” entre pessoas, entre grupos, ou entre pessoas e grupos, através da qual uma das partes expropria, rouba, se apodera do poder (capacidade) de outros. Por extensão, dominação é uma relação onde alguém, a pretexto de o outro possuir determinadas qualidades ou características, se apodera de seus poderes (capacidades) e passa a tratá-lo de maneira desigual. Dominação portanto, é uma relação assimétrica, desigual, injusta.” (Guareschi, 2001, p.90).

que tem sua gênese na primeira e reflete o estágio de desenvolvimento de uma sociedade, se constitui a partir de objetivações humanas superiores, objetivações genéricas para si, mais complexas como: a arte, a moral, a política, a filosofia. Vigotski (1999, p.294) aponta para esse quadro quando fala da arte como catarse emocional, quando o artista está absorto em sua obra ou quando assistimos à peça teatral. São características da vida cotidiana: a espontaneidade, probabilidade, economicismo, pragmatismo, ultrageneralização, entonação. (Heller, 1977, p.293).

Na vida cotidiana agimos pela espontaneidade, isto é, agimos e pensamos sem uma reflexão crítica e consciente. Isso acontece porque é necessário viver o cotidiano de forma prática, ou seja, não podemos parar para refletir sobre cada ação cotidiana. Assim, nas relações sociais agimos de forma espontânea, não refletida, e assim vamos formando nossos costumes e hábitos. Também agimos através da probabilidade, ou seja, não precisamos determinar para cada ação com um rigor o que vai acontecer, isso é aprendido através da educação no mundo, se já fizemos isso ou se já vimos alguém fazer, então temos grandes chances de prever os resultados e isto basta. Outro aspecto importante é o economicismo, ou seja na vida cotidiana, tendemos a pensar e agir de forma a economizar o máximo possível de tempo e esforço físico e intelectual. Segundo Montero (2004, p. 256) nas relações comunitárias, o ser humano acaba construindo um campo habitual de conhecimento, no qual codifica e organiza a realidade através de processos de habituação e normalização das situações adversas e de familiarização de novas circunstâncias adequando-as as habituais, integrando-as dentro do já conhecido e fazendo-as similares, semelhantes a esse já conhecido e, portanto, familiares. Um efeito desse processo são as baixas expectativas de mudanças das circunstâncias da vida, uma vez que se percebe as circunstâncias alternativas como distantes, impossíveis, alheias, ou fora do alcance das pessoas que se encontram numa situação difícil.

A continuidade de certas ações, pensamentos e sentimentos tendem a permanecerem ou se reproduzirem em decorrência de sua eficácia na vida cotidiana. Da mesma forma, o pragmatismo, é caracterizado pela ação e pensamento sem uma reflexão mais aprofundada, não temos interesse na vida cotidiana em refletirmos filosoficamente, por exemplo, em cada ação ou pensamento, eles são determinados muito mais por sua funcionalidade e viabilidade do que por razões de ordem teórica ou filosófica. Na vida cotidiana agimos baseados nas generalizações tradicionalmente aceitas e difundidas pela sociedade, as suas representações sociais, ou segundo nossa generalização de nossas próprias experiências. Esse processo leva também ao que Montero (2004, p. 256) chamou de processo de naturalização, ou seja, encara-se um conceito, uma idéia, ou mesmo uma situação, como se fosse um ser, atribuindo-lhe

preferências e ações, valores e tendências. Naturaliza-se o social, as coisas são assim porque são. Segundo Heller (1977) são exemplos dessas ultrageneralizações: os juízos provisórios, o preconceito e analogia. Outro aspecto importante é a entonação, ou seja, é uma espécie de tom afetivo que existe em volta da pessoa, é uma espécie de ultrageneralização emocional, que tem como função a avaliação das outras pessoas e a comunicação, pois o pensamento cotidiano aparece sempre saturado de percepções, ou muito próximo a elas, e carregado sempre de sentimentos (Heller, 1977, p.341-342). Para Heller a presença dessas formas de pensamento, ação e sentimentos não são necessariamente um problema, mas quando elas se cristalizam e os indivíduos não são capazes de romper com esses padrões acontece a alienação, pois o indivíduo não consegue em nenhum momento transcender essas características.

Vendo por esse prisma, a questão da afetividade e, sua relação com a consciência de si e social, não pode ser tratada como um tema exclusivamente particular, mas torna-se um fenômeno social que perpassa as esferas do cotidiano e seus grupos onde vivemos. Os afetos estão presentes em qualquer grupo e os fenômenos afetivos que lhes são subjacentes, no desenvolvimento de suas atividades. Esses aspectos influenciam determinantemente nos resultados alcançados pelo grupo, pois o permeiam, direcionam ou redirecionam as relações pessoais e as ações frente a determinadas situações com as quais estamos envolvidos. (Vieira, 2000, p.13). Para entender concretamente essa manifestação emocional, devemos estudar a estreita relação entre desenvolvimento da consciência e da linguagem em face da ideologia presente nas significações institucionalizadas das palavras e mediadas nos processos de relações sociais práticas e de comunicação (Friedman, 1995, p.135), tanto intergrupo quanto intragrupo, entendendo que essa tomada de consciência é um processo de construção social, como todo conhecimento, e não simplesmente um descobrir ou colocar a luz sobre algo que já está lá. (Martin-Baró, 1983, p.382), para isso uma das saídas propostas por Montero (2004, p. 261), com base em Freire (1979) é a *problematização* do cotidiano nas relações comunitárias, pois é um processo que analisa criticamente o “ser no mundo”, descartando o caráter natural de certos fenômenos e refletindo sobre suas causas e conseqüências. Esse processo de *problematização* conduz a *desnaturalização*, pois *ao problematizar o caráter essencial e natural atribuídos a certos fatos ou relações, se revelam contradições, assim como seu caráter ligado a interesses sociais ou políticos e suas limitações a respeito da capacidade de avançar ou de superar situações negativas ou limitantes*. Ao investigarmos e trabalharmos junto a grupos e comunidades devemos considerar a questão da afetividade nos processos de problematização, de desnaturalização e conscientização dessa população. Segundo Montero

(2004, p. 281) a afetividade interveem em todos os processos comunitários e particularmente evidente em alguns deles como: A participação ou não das pessoas em movimentos, influenciando seu compromisso com a comunidade. Nos processos de Problematização e Conscientização dessas pessoas, na formação de uma identidade comunitária e no sentido de comunidade, no rechaço dessa comunidade por parte das pessoas, na geração de movimentos de resistência e de protesto no seu interior e na dinamização da ação comunitária.

A afetividade (emoção e sentimento) é um universo particular de estudo e de ação social transformadora que supera a cisão universal/particular e mente/corpo. Ela é a dimensão particular de uma ação política: encontrar um meio de entrar no que há de mais singular da vida social e coletiva, em sua singularidade, para promover a transformação social. (Sawaia, 2000)

Parte II

Método da Pesquisa

1 - Algumas palavras sobre o método.

Essa pesquisa busca investigar o processo de constituição de um grupo, destacando os aspectos afetivos desse processo. Para isso buscou-se um método que permitisse analisar esse processo grupal em sua totalidade e olhar sua processualidade cotidiana.

As orientações metodológicas dessa pesquisa são fundamentadas no método dialético e no materialismo histórico, pois é dentro deles que *vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permite uma intervenção efetiva na rede de relações que define cada indivíduo – objeto da Psicologia Social* (Lane, 1984c, p. 16-17).

Foi Vigotski, e posteriormente a *Troika* (o próprio Vigotski, Leontiev e Luria), que implementou o método proposto por Marx, o materialismo histórico, na psicologia. O elemento-chave desse método para o estudo do comportamento humano decorre de sua compreensão do contraste estabelecido por Engels entre as abordagens naturalísticas e dialética na compreensão da história humana, ou seja, Engels afirmava que, na abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, o homem age sobre ela, e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições para a sua existência. O homem age sobre a natureza e esta sobre ele, numa relação dialética. Isso traz uma nova forma de compreender o psiquismo, um novo método e uma nova estrutura analítica. (Vigotski, 2000, p. 80). Essa nova abordagem de análise é alicerçada em três princípios fundamentais: *Analisar processos e não objetos; explicação versus descrição; o problema do “comportamento fossilizado”* (Vigotski, 2000, p. 81-84)

No primeiro princípio, *Analisar processos e não objetos*, Vigotski (2000, p. 81) destaca a importância de se estudar os processos e não os objetos, então deve-se perceber os fenômenos não como estáticos mas sim dinâmicos e em mudança. Para entendermos um processo, primeiro devemos fazer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos, nesse sentido *a tarefa básica da pesquisa obviamente se torna uma reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo: deve-se fazer com que o processo retorne aos seus estágios iniciais.* (Vigotski, 2000, p. 82).

O segundo princípio reflete sua insatisfação sobre um dos procedimentos mais enraizados da psicologia em sua época, a *descrição*, principalmente em referência a psicologia introspectiva e associacionista. Sua crítica é ao mesmo tempo simples e profunda: a simples descrição não revela as relações dinâmico-causais reais subjacentes ao fenômeno e prender-se a descrições nominais tinha pouco proveito para a psicologia, pois retomando uma idéia de Marx, de que se a essência dos fenômenos correspondesse exatamente a sua aparência, então toda a ciência seria inútil. Assim, um novo tipo de análise objetiva deveria procurar mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de focalizar-se em suas características perceptíveis, não que esses últimos não fossem importantes, mas somente eles são insuficientes. A psicologia deve fazer uma análise que inclua tanto as manifestações externas quanto o processo em estudo, determinando suas relações dinâmico-causais. (Vigotski, 2000, p. 82-84).

Por último, Vigotski afirma que um dos principais desafios na análise é estudar os processos que passaram por um período bastante longo de tempo e tornaram-se fossilizados, ou seja, esses comportamentos tornaram-se mecanizados, automáticos e, na maioria das vezes, perderam sua aparência original, e a sua aparência externa nada diz sobre sua natureza interna. (Vigotski, 2000, p. 84). Em função disso, há a necessidade de estudarmos os fenômenos de maneira dinâmica e histórica, não nos concentrando-nos no *produto* do desenvolvimento, mas no próprio *processo* de estabelecimento das formas psicológicas superiores, ou seja, o estudo do caráter histórico é fundamental nesse processo. Com isso Vigotski afirma que *estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético*. (Vigotski, 2000, p. 85-86). Esses três aspectos são importantes na abordagem adotada aqui para analisar o processo grupal.

Outro aspecto que nos baseamos na definição da metodologia dessa pesquisa foi o conceito e a prática da Pesquisa Participante, nela a lógica é qualitativa, embora não despreze os dados quantificáveis; sua arena é política, embora possa incorporar a técnica; seu método é o desvelamento das relações, contradições, conflitos, desigualdades, tendências impositivas, ideologias. Aspectos importantes na investigação do processo grupal. Seu modo de existência é a participação dos envolvidos no problema, já não mais percebidos como objeto. Diagnóstico da situação, a execução da investigação e os resultados que alcança são colocados em discussão, na busca da geração de conhecimento, através da análise e da síntese coletivas. Não propõe a generalização dos resultados, mas o conhecimento gerado permite que outras práticas dele as valham. Criticamente. (Vergara, 1988. p.27). Seu objetivo é

integrar: Investigação Social, Trabalho Educacional e a Intervenção na Realidade. (Vergara, 1988. p.27).

O método da pesquisa participante também oferece limites e riscos, mas é um poderoso meio para a construção da cidadania:

A pesquisa participante oferece limites e riscos, mas não se pode deixar de considerar que, adequadamente processada, oferece também contribuições para o exercício da cidadania, na medida em que busca o comparecimento das pessoas à arena política, como participantes criticamente conscientes de sua prática. (Vergara, 1988. p.28).

Esses princípios que norteiam esse estudo são compatíveis com a conjugação investigar/intervir, baseando-se em métodos participativos de investigação, chamados de Pesquisa Ação (Thiollent, 2002) e Pesquisa Participante (Brandão, 1981). Será, porém, utilizado o termo *Observação Participante*, como uma tradução mais precisa desse fazer pesquisa. (Sawaia, 1987, p.33).

A opção foi investigar o cotidiano dessas pessoas, através da participação direta do pesquisador no grupo. O psicólogo que trabalha com grupos comunitários deve assumir uma posição clara, não de uma pseudo neutralidade científica, mas de compromisso com as causas populares. Essa postura traz conseqüências tanto em sua atuação, quanto nas alternativas metodológicas utilizadas, pois essas devem estar em consonância com o princípio de que a relação sujeito-objeto é dinâmica e não estática, onde o pesquisador está comprometido com seu objeto de estudo, acompanhando-o em seu desenvolvimento histórico. (Reboredo, 1982, p.41). O que significa que o pesquisador deve “fazer com” e não “fazer para” (Freire, 1983, p.146), a iniciativa para mudanças deve ser das próprias pessoas da comunidade, o pesquisador deve auxiliá-los no desvelamento das determinações históricas de sua condição de vida, mas para isso é necessário a problematização desse cotidiano via fatos reais. A metodologia utilizada visa investigar constituição desse grupo, o que também resulta em um conhecimento da comunidade onde está inserido. Foi escolhido o grupo como categoria de análise privilegiada. Essa escolha se deve aos seguintes fatores: É no grupo que podemos conhecer as determinações sociais que agem sobre o indivíduo, e sua ação como sujeito histórico, portanto, a análise do processo grupal permite captar esse dialético indivíduo-grupo, analisar a questão da consciência e alienação tanto individual quanto coletiva, através desse processo que envolve pensamento e ação, mediados pela linguagem e os afetos (Lane, 1984, p.42).

2 - Procedimentos da Pesquisa

Os procedimentos de pesquisa foram planejados conforme os objetivos da pesquisa. Uma vez que se pretendia uma observação participante, a aproximação com o grupo e a inclusão do pesquisador neste era fundamental, pois um dos objetivos era poder participar ativamente nas atividades realizadas pelo grupo, participando de seu cotidiano e, assim, poder observar, e muitas vezes intervir, junto a essas pessoas. A pesquisa teve as seguintes etapas: um primeiro momento exploratório (de aproximação) e um segundo momento de participação ativa no grupo.

No primeiro momento, ocorrido no segundo semestre de 2004, o pesquisador chegou ao grupo da seguinte forma: o pesquisador é morador da cidade onde a comunidade está inserida e conhecendo alguns dos problemas do bairro através da mídia local, como por exemplo, a questão da prostituição e da violência, se propôs a procurar algum grupo no bairro que estivesse realizando algum trabalho em prol dessa comunidade, pois estava interessado em pesquisar um grupo que de alguma forma estivesse em um processo de possível construção de uma consciência crítica e ação em prol de uma comunidade. Primeiro o pesquisador chegou à comunidade e localizou junto à prefeitura local se existia algum grupo com essas características, o administrador local indicou uma associação de moradores que estava em processo de formação com a ajuda do P.S.F. (Programa Saúde da Família). Chegando a esse PSF, me informei com a coordenadora do PSF sobre a associação, expus minhas intenções e que foi bem recebido pela coordenadora e o convidou para participar das reuniões desse grupo que pretendia fundar essa associação. A partir de então, o pesquisador ia até o bairro uma vez por semana para participar de reuniões do grupo, e posteriormente também para outros eventos promovidos por esse grupo. Em algumas ocasiões foram realizadas algumas entrevistas com alguns sujeitos do grupo para aprofundar algum tema e também para complementar algumas informações. Todas as reuniões eram gravadas em fita cassete e o pesquisador fazia anotações em um diário de campo. Também eram fotografados alguns encontros e eventos do grupo. Esse acompanhamento durou aproximadamente um ano. Em paralelo, foi realizada uma pesquisa documental sobre o bairro no acervo da biblioteca municipal, colhendo informações em jornais e revistas regionais. Portanto, todo o material utilizado para análise foi proveniente das seguintes fontes: anotações do diário de campo, entrevistas, gravações em fita cassete e fotos, documentação oficial ou não (levantamento

histórico do bairro, infra-estrutura, serviços, e outros), jornais, transcrição dos diálogos do grupo nos momentos que se reuniram.

Todo o material colhido, ou seja, as discussões nas reuniões e as anotações do diário do campo foram transcritas e organizadas em uma folha de registro, conforme o modelo de cédula de campo. Ver anexo 02. Foram mantidos a forma original das falas, ou seja, suas características pessoais como linguagem coloquial e erros gramaticais, pois consideramos que isso é importante para compreensão das pessoas e seu meio.

Após essa organização, todo esse material foi analisado da seguinte forma: primeiro foi realizada uma leitura por completo do material, buscando identificar o processo grupal, ou seja, verificar como foi o movimento de constituição desse grupo, quais foram às fases que passou, quais elementos o afetaram, como os afetos emergiam nesse processo e como eram lidados no grupo, como se deram as relações de poder nesse grupo, quais foram a ações tomadas por esse grupo, como eles se organizavam, como eles se identificavam e outros aspectos importantes para a compreensão dessas processualidade. Depois essas informações foram organizadas em um “Mapa temporal dos eventos do grupo” (ver anexo), separando em momentos do grupo e em subcategorias dentro desses momentos, sempre analisando como cada subcategoria se relacionava com os aspectos afetivos e com a consciência. Analisando as ações e o discurso do grupo. Basicamente foram analisados os discursos e os significados atribuídos pelos membros do grupo a esses momentos, com isso pretendeu-se verificar a processo grupal e como os afetos interferiam nas ações desse grupo.

Parte III

Análise dos dados

3.1 – O grupo

O grupo pesquisado era formado por aproximadamente 15 pessoas que eram mais constantes nas atividades, que podemos dividir da seguinte forma: Os profissionais do P.S.F. (os agentes comunitários de saúde, a supervisora e a médica) e os moradores. A seguir uma dos identificação dos participantes desse grupo, segundo as siglas que utilizadas no decorrer da dissertação:

Dra. – é a médica do PSF, responsável pelo posto de saúde local e idealizadora da ONG.

M – Agente comunitário de saúde, feminino, 30 anos.

Re – supervisora do PSF, feminino, 40 anos.

V - Agente comunitário de saúde, feminino, 25 anos.

M.J. - Agente comunitário de saúde, feminino, 30 anos.

G - Agente comunitário de saúde, feminino, 40 anos.

L - Agente comunitário de saúde, feminino, 40 anos.

Sr.O – morador do bairro, aposentado, 55 anos.

Sr. E - morador do bairro, aposentado, 60 anos.

R - morador do bairro, advogado, 30 anos.

Sil. - morador do bairro, doméstica, 25 anos.

D. A. - morador do bairro, aposentada, 60 anos.

D. At. - morador do bairro, do lar, 50 anos.

S - morador do bairro, aposentada, 50 anos.

L - morador do bairro, desempregado, 30 anos.

Ver. L – vereador do município.

Ver. R - vereador do município.

P – pesquisador.

Na análise dos dados, verificou-se que o grupo passou por vários momentos ou fases, das quais é feito um resumo abaixo:

Primeiro momento, o surgimento do grupo. O grupo surgiu por iniciativa dos profissionais do PSF do bairro. O objetivo desde o início era cumprir uma norma do programa federal saúde da família que prevê que o PSF local crie grupos na comunidade onde está inserido com o objetivo de promover saúde coletiva. Inicialmente os agentes de saúde, sob a orientação da médica do Programa, escolheram várias pessoas e para participarem e as convidaram. Assim, marcaram as primeiras reuniões desse grupo, onde a intenção era fundar uma associação de moradores para apoiar os trabalhos do PSF. Desde o início, a participação no grupo foi delimitada pela equipe do PSF, delimitando também seus objetivos para serem coerentes com o que desejavam. A primeira reunião desse grupo ocorreu no dia 28/04/2004. Inicialmente o grupo era composto por aproximadamente 24 pessoas, ele foi composta por homens e mulheres de diversas idades, porém com prevalência de pessoas de meia idade (pós 45 anos). Eles começaram a se reunir em um local cedido por um dos membros e posteriormente conseguiram local (um antigo posto policial) que foi cedido pela prefeitura. Os fatos que se pode destacar desse primeiro momento são: a “eleição” da primeira diretoria, a transformação de associação em ONG, a formulação de um estatuto e o início do processo de registro na prefeitura local. Em todos esses momentos ocorreram fatos muitos importantes para o processo grupal e são analisados adiante.

Um segundo momento, “a luta no grupo e a luta pelo grupo”. Nesse momento, que iniciou após uns seis meses da primeira reunião e durou até praticamente o final do grupo alguns acontecimentos externos ao grupo e internos levaram as pessoas entrarem e um conflito constante, em uma luta pelo poder, nesse momento o grupo torna-se um “lugar para falar” e um “lugar para se calar”. Desse momento podemos destacar os seguintes aspectos, que também serão analisados adiante: a relação tempestuosa entre a médica e a equipe do PSF; a eleição de um novo prefeito; o possível desligamento ou transferência de alguns funcionários do PSF; a relação entre os membros da diretoria e a médica; a organização das atividades do grupo; o afastamento da médica; a exposição do grupo perante a mídia local (reivindicações pela comunidade); formação de subgrupos e a luta pelo poder.

E um terceiro momento, a “quebra do grupo”. Nesse momento, o grupo começa a se desfazer. O acirramento dos conflitos internos e a incompatibilidade dos interesses pessoais e coletivos fazem com que as pessoas comecem a sair do grupo. Podem-se destacar os seguintes fatos desse momento: o acirramento dos conflitos internos devido a luta pelo poder no grupo devido aos interesses pessoais (médica e diretoria); a desistência da diretoria; o “esfriamento” do grupo; o reaparecimento da médica; o surgimento de novas pessoas; o final do grupo.

Em todos esses momentos ocorreram fatos importantes para a história desse processo grupal, onde pode-se observar como os afetos podem influenciar nas ações de um coletivo e como eles são importantes no processo de formação da consciência dos indivíduos. Mais adiante serão retomados esses momentos e analisados sob ótica sócio-histórica do processo desse grupo.

3.2 – História e características da comunidade

Em seguida, faz-se um breve relato sobre a comunidade onde ao grupo está inserido, pois é importante conhecer o contexto onde essas pessoas vivem e um pouco dos fatores que influenciam seu cotidiano.

O grupo estava localizado no Bairro Praia Azul, em Americana (uma cidade de aproximadamente 200.000 habitantes), interior de São Paulo. A região é composta por 14 bairros e a represa do Salto Grande (formada pelo represamento do rio Atibaia, para fornecimento de água para uma hidroelétrica), que genericamente são conhecidos como Região das Praias. Existem aproximadamente 14.000 habitantes nessa área porém essa é uma região com pouca densidade demográfica, pois somente partir da década de 80 que o bairro foi povoado mais intensamente. O primeiro bairro surgiu na década de 30. Nas décadas de 60 e 70 houve a transformação da orla da represa do Salto Grande, em área turística. Nesse período tornou-se um ponto turístico muito freqüentado por pessoas da região, outros estados e até países. Surgem muitos hotéis nesse período. As águas da represa são límpidas e atraem muitos banhistas. Muitas pessoas do bairro trabalhavam no segmento turístico montando barracas para vender alimentos, alugando barcos para passeios e nos próprios hotéis e restaurantes. Como se pode verificar nas fotos dessa época que foram cedidas por um dos membros do grupo.



(Turistas na Praia Azul em 1969)



(Família à beira da Represa na década de 70)



(Turistas à beira da Represa na década de 70)

No final década de 70 e início de 80, as águas da represa começam a ficar poluídas devido aos despejos de detritos residências e industriais provenientes de muitas cidades da região que despejam seu esgoto em rios que desembocam na represa. Hoje esse é um dos maiores problemas ambientais da região. A poluição das águas se agravou cada vez mais e fez com que o turismo entrasse em declínio, fazendo com que os turistas progressivamente desaparecessem e com que muitos hotéis da região fossem fechados ou transformados em motéis. Dessa época, restou somente um hotel, que praticamente não possui hóspedes. A água da represa tornou-se progressivamente imprópria para o banho, levando ao surgimento de aguapés em toda sua superfície (denunciando o desequilíbrio ecológico da represa). Nas décadas de 80 e 90 houve uma explosão demográfica na região, novos formaram-se, mesmo sem estrutura e de forma desordenada. Hoje a região convive com vários problemas como a falta de infra-estrutura (falta pavimentação e esgoto e não há 100% de água tratada disponível para os moradores) e sociais como a violência, tráfico de drogas e a prostituição. Esse último problema é apontado pelos membros do grupo como uns dos principais, pois se dizem estigmatizados. Segundo um levantamento da secretaria da saúde municipal, existe em torno de 200 profissionais do sexo que trabalham nas ruas do bairro, das quais cinco moram no bairro e as demais são provenientes de outros bairros da cidade ou de cidades da região. Uma das principais reclamações que apareceram nas discussões do grupo é que essas mulheres utilizam-se do espaço público do bairro (ruas e praças) como ponto de prostituição e que fazem isso, em sua maioria, durante o dia. Numa foto abaixo é mostrado um dos principais

locais onde ocorre essa prática. Outros problemas denunciados pelos moradores são a discriminações sofridas devido a essa situação, onde as mulheres do bairro são estigmatizadas como prostitutas quando vão em outros locais da cidade. Abaixo segue algumas fotos que retratam a região nos dias de hoje.



(Rua do bairro Praia Azul em 2005, próxima a Orla da Represa, principal ponto de prostituição do bairro)



(Vista da Praia Azul e da Represa do Salto Grande em 2005)



(O Hotel Porto Fino, um dos mais luxuosos, que faliu na década de 80)



(Animais ocupam o lugar o que antes era freqüentado por turistas)



(Uma das áreas ocupadas no bairro: moradias precárias)

3.3 - Estudo do processo grupal: consciência e afetividade

Nesse momento, faremos a análise dos dados provenientes de todos os instrumentos utilizados nessa pesquisa, como as transcrições dos discursos do grupo nas reuniões, as observações do pesquisador do diário de campo e as entrevistas (como forma complementar de informação). Foi escolhida a forma de *Narrativa* para expor a história do grupo e concomitantemente analisar esse movimento grupal, investigando na constituição desse grupo as manifestações da consciência, destacando seus aspectos afetivos.

Então que comece a história.

O texto será exposto de tal forma que demonstre a processualidade desse grupo, falando os momentos de agregação e “costurando” com outros fatos que foram ouvidos e vistos nos “bastidores” dessas reuniões, em momentos informais e interessantes, relatando fatos observados, sensações e sentimentos experimentados, conflitos vividos, alegrias experimentadas.

Como dito acima, quando cheguei à comunidade em abril de 2004, fui informado por uma assistente social da prefeitura que o P.S.F. (Programa da Saúde da Família) do bairro estava organizando uma associação de moradores na região. Essa associação surgiu por iniciativa da equipe do PSF, mais precisamente da médica, com o objetivo de servir como ponto apoio para os trabalhos do PSF, já que uma das premissas desse programa é que a comunidade tenha atividades em grupo junto com a equipe do PSF. Nesse sentido foi dado início a essa associação. A composição inicial foi realizada da seguinte forma, cada agente de saúde “escolheu” duas ou mais pessoas para convidar para participar. A escolha estava condicionada a aprovação da médica. Assim, desde o início houve uma seleção das pessoas que participariam, segundo critérios pessoais da médica que não ficaram claros nesse primeiro momento.

Os grupos podem se formar por vários motivos e a maneira como ocorre essa formação revela vários aspectos importantes sobre esse grupo. Como o grupo se formou é uma questão crucial para entendermos seu processo, porém, talvez mais importante ainda, sejam as questões: Porque o grupo se formou? Porque dessa maneira? A primeira questão nos revela aspectos dinâmicos do grupo e sua relação com a comunidade, já a segunda diz respeito à função social que o grupo representa naquele momento histórico, pois ele emerge nessa comunidade nesse exato momento e tem uma função, no contexto comunitário, mas também no ordenamento social que o gerou.

O grupo foi formado dentro de um contexto que responde a duas situações diferentes mas imbricadas: primeiro, a iniciativa de formação de um grupo, que pudesse servir de apoio para as atividades do PSF do bairro, foi de uma única pessoa, demonstrando assim que, desde o início, o grupo tinha uma função delineada por outro, por um terceiro, e que esses interesses pessoais (sendo que a formação de um grupo de apoio na comunidade é uma obrigatoriedade dentro das normas do Programa Saúde da Família, e portanto de interesse pessoal-profissional dessa pessoa) mesmo com pretensões de ajudar a comunidade, demarcaram desde o início os limites e ações desse grupo, e que muitas vezes se sobressaíram a alguns interesses mais coletivos (como a livre participação de todos os moradores dos bairros, independentemente de área de abrangência do PSF). Outra situação, é que a formação desse grupo, mesmo sendo por iniciativa de uma única pessoa, de alguma forma, corresponde à eclosão de forças sociais na comunidade que estavam latentes, respondendo a necessidades objetivas e subjetivas das pessoas dessa comunidade. Como exemplo da primeira, podemos citar a necessidade de muitos moradores em lutar por asfaltamento, esgoto, limpeza, segurança e como exemplo da segunda, podemos citar a dificuldade que muitos enfrentam que é a discriminação sofrida por

morarem nesse bairro. Assim, no início principalmente, essas pessoas vislumbravam o grupo como um instrumento e uma possibilidade de superação ou, ao menos, de alívio e melhoria dessas condições de vida, portanto essa formação aconteceu de certa forma, indiretamente, como consequência da discriminação e segregação social, geradas socialmente na cidade. A formação do grupo nessa comunidade tem aspectos tanto mais concretos quanto afetivos, já que as condições concretas como a falta de bens públicos, a insegurança, podem levar as outras questões como a discriminação e o preconceito, interferindo tanto na representação social que essas pessoas têm da comunidade onde vivem quanto de si mesmas como moradores e cidadãos. Como nos referimos acima, a afetividade interfere, e muitas vezes são definidoras, da formação espontânea de um grupo numa comunidade. No caso da ONG, tivemos várias situações quanto às participações iniciais das pessoas. Os agentes de saúde e a médica do PSF convidaram os moradores que freqüentavam o posto de saúde local para que participassem de uma associação de moradores. Porém esse convite não foi tão democrático assim, houve conchavos para o convencimento de algumas pessoas para a participação, não em forma de coerção violenta, mas por certo constrangimento e troca de favores, que revelaram interesses pessoais (no caso de algumas pessoas que tinham privilégios externos pessoais ao participarem do grupo, como terem um atendimento preferencial no posto de saúde), mas também tivemos muitos casos onde as pessoas visavam principalmente os interesses coletivos, com uma real preocupação com a comunidade onde vivem.

Sr. E: “ Eu tenho orgulho de morar aqui, tenho amigos aqui. Mas não adianta ter orgulho de morar aqui e quando citamos o nome do bairro lá na cidade, em outros bairros, nós somos discriminados, a verdade é essa. Não foge disso. Então nós precisamos, no começo do ano, fazer uma comissão, ver os problemas reais e levar ao conhecimento do prefeito, fazer uma reunião e falar com os vereadores, para nós reivindicarmos, agora um sozinho ir lá não adianta. Temos que fazer uma comissão, apresentar um projeto e depois cobrar, é isso que precisamos”.

(Sr. E - 15/12/04- Reunião Geral da ONG.)

São vários fatores influenciaram na participação das pessoas, porém é diferente pertencer a um grupo e ter a consciência de pertencer a esse grupo. A primeira trata-se de um fato concreto, objetivo, a segunda de um saber subjetivo, com laços emocionais. A consciência do indivíduo para a participação em um grupo pode ser tanto uma consciência que corresponda a interesses reais dos próprios indivíduos ou de uma falsa consciência induzida por um estado de alienação social. Isso acontece também porque o grupo é a materialização de uma consciência coletiva que reflete, verdadeiramente ou não, a demanda interesses tanto pessoais quanto coletivos de determinados grupos ou pessoas. Uma pessoa

pode pertencer a um grupo e não ter consciência que é membro deste, ou mesmo essa consciência pode ser falsa, induzida pela ordem social, representada por membros do próprio grupo ou instituições. A consciência que os indivíduos têm de pertencer ao grupo é um fator que define a identidade grupal, ou seja, o quanto o indivíduo toma como referência o grupo, seja conscientemente ou não. A consciência de pertencer a um grupo pode ser verificada quando o indivíduo toma esse grupo como uma referência importante na constituição de sua própria identidade ou tem um papel importante em sua vida. Também devemos considerar que estamos falando de pessoas inseridas numa realidade alienante, onde a plena consciência não é possível, ou ao menos, integrada, pois a consciência é de certa forma fragmentada e seletiva, pois é um filtro para o mundo que o modifica de maneira que o indivíduo vive e atua no mundo. A consciência é constituída no contato social, como experiência duplicada, ou seja, como contato social e como contato social consigo mesmo. Nessa relação com os grupos, o sujeito vai desenvolvendo sua consciência que pode ser crítica ou somente reproduzir, em maior escala, o discurso ideológico do qual o grupo é portador. As emoções têm um papel fundamental na participação ou não de uma pessoa em um grupo. A “escolha afetiva” por um grupo está relacionada também as necessidades e motivos individuais. Percebe-se isso em vários momentos, quando alguns indivíduos hora manifestavam uma consciência mais crítica, ora, os mesmos indivíduos, mostram-se como reprodutores de discursos preconceituosos e alienantes. E também quando diziam que gostavam ou não de participar do grupo, que se sentiam bem ou não ao participar do grupo.

Sr. E – Uma organização como a ONG devia ser como uma espécie de lazer...é gostoso participar... procurar o bem do bairro...deve participar com prazer, acho que isso é muito essencial. Agora...Será isso, será aquilo... essa contradição...é horrível, já um sacrifício...eu sempre participei com prazer...Não desmotivado.. não pode.

(Sr. E – 03/03/2005- Reunião Geral da ONG.)

O envolvimento que o indivíduo tem com o grupo pode ser intenso e crucial ou também pode ser muito superficial e circunstancial. O que vai determinar esse envolvimento são muitos fatores, entre eles o quanto o grupo representa o suprimimento das expectativas tanto objetivas quanto subjetivas dessas pessoas. O indivíduo toma o grupo como referência de formas diferentes: o indivíduo pode usar o grupo de forma instrumental, para adquirir uma referência que seja socialmente interessante ou vantajoso para ele. No caso da Ong, algumas pessoas se interessaram, inicialmente ao menos, em participar, pois viam vantagens pessoais, como por exemplo, serem melhores atendidas no PSF, pois se diferenciariam dos outros

moradores perante a equipe. O *status* diferenciado que a pessoa recebe ao participar desse grupo promove uma alteração na sua motivação em participar. As pessoas recebem, direto ou indiretamente, orientações, valores e normas do grupo, mediante as quais vai regular seu comportamento, seja no interior do grupo, sejam naqueles aspectos que o grupo interfere e mesmo em toda sua vida social. A mediação do grupo ocorria mais dentro do próprio grupo, através do controle que o outro produz em sua relação com os demais.

Temos que considerar que o grupo nesse momento estava iniciando. Em Abril de 2004 foi realizada a primeira reunião dessa associação. Participaram moradores convidados e a equipe do PSF. Na primeira reunião que participei (era a segunda reunião que aconteceu) foi “eleita” a primeira diretoria da associação. Coloquei a palavra eleição entre aspas porque foi muito interessante como se deu esse fato. Segue uma descrição sumária do que aconteceu:

Já no início da reunião, a médica monopolizava os discursos e foi escolhendo quem ela queria que assumisse um cargo:

Dra.: - Fulano, você aceita esse cargo? Aceita, né...Ciclano, você pode ser o tesoureiro...Quem mais se habilita, que tal você..

(28/07/2004 – Reunião Geral).

.As pessoas sem jeito de recusar iam aceitando e ficando. Mas, ao final da reunião, algumas pessoas comentavam entre si, meio sem jeito, que não queriam um cargo, porém não disseram isso à médica, talvez por sentirem-se coagidos. Esse fato revela algo de interessante sobre a relação entre a médica e as pessoas, tanto na ONG quanto na sua equipe. Uma das pessoas da equipe me disse nessa ocasião que ela centraliza muito as decisões e fez um desabafo: “*De forma autoritária não se consegue nada...*” .

Como já disse, a associação foi montada por iniciativa dessa equipe. Sendo que o objetivo de criar essa associação (que depois virou ONG) era bem claro para a médica. Em suas palavras a ONG teria como objetivo central o apoio às atividades do PSF e em especial trabalhar com os adolescentes do bairro: “*temos muitos adolescentes no bairro sem ter o que faze, precisamos ocupá-los*”. (Dra, 28/07/2004). Desde o início, a ONG já tinha um objetivo declarado, se bem que não muito detalhado, que foi elaborado exclusivamente por uma pessoa.

Nessa primeira reunião que participei foi-se falado muito na necessidade de se legalizar a associação, de fazer um estatuto para registrá-la, essa preocupação e a discussão com esse tema tomou a maior parte do tempo dessa reunião e das seguintes também. Em um

momento posterior a Associação foi transformada em ONG (Organização Não Governamental), por sugestão de uma pessoa da própria prefeitura, pois, segundo ela seria mais fácil seu reconhecimento e legalização. Mais adiante retoma-se essa questão que reflete como o grupo se relaciona com os demais grupos na comunidade.

O grupo está em seu estágio inicial de formação, portanto ainda não existe um grupo nesse momento, mas um agrupamento de pessoas. Percebe-se que as pessoas não possuem objetivos comuns, ou se os possuem ainda não os percebem. O que os congrega são motivos circunstanciais e nem sempre estão claros para todos. Há muita competição interna no grupo e o outro é visto como uma ameaça. Os sentimentos e sensações mais presentes são: o sentimento de solidão e desconfiança.

V.: O essencial para nossa ONG que está nascendo agora é saber qual é o nosso objetivo. Porque nós estamos aqui, então, foi falado, críticas. Isso é válido, mas primeiro temos que mostrar o que queremos. Não adianta ficar falando, reclamando, se nós não estamos fazendo, nada, mas primeiro precisamos saber como funciona a ONG, o que é, porque estamos aqui. O primeiro é saber isso e começar a partir para as ações. Fazer isso acontecer....

(15/12/04- Reunião Geral da ONG)

As relações de poder no grupo revelam muito de sua dinâmica interna/externa e também como ele se relaciona os demais grupos com quais mantêm relações na comunidade, ou seja, o quanto há diferenças de recursos que cada grupo dispõe na sua relação com os demais grupos. Nos trechos abaixo podemos observar dois momentos onde a médica e o Sr.E manifestam o poder de forma coercitiva sobre o grupo, lembrando sempre que a questão emocional está diretamente ligada ao exercício desse tipo de poder, gerando medo e fazendo com que as pessoas se submetam-se a outra dentro do grupo.

Sr. O = também reclama no grupo dos problemas do bairro, confirmando e afirmando o que o Sr. E dizia, dando mais informações e exemplos dos problemas do bairro.

Sr. E = Diz “O que precisa, é nós moradores do bairro tirar essa imagem horrível que se tem do bairro. Você vai em uma casa comercial: < onde o Sr. mora?> ai você responde e a pessoa já fica olhando feio para você, acha que nós somos marginais. Então, nós precisamos lutar, nossa ONG, se Deus quiser, vamos conseguir, agora só vamos conseguir alguma coisa com o apoio da administração, senão, não vamos conseguir nada, se não vamos ficar batendo, falando, falando e nós não conseguimos nada, fica aquele papo furado e nós precisamos de alguém que faça lá em cima, que nos apoie e nós esperamos isso do prefeito eleito, esperamos isso dos nossos vereadores, precisamos de alguma coisa que nos faça ter pelo menos uma satisfação em dizer: “Eu moro na Praia Azul” era uma maravilha, era lindo isso aqui, porque está desse jeito, está abandonado. É por isso que estamos reunidos, não é verdade? Pra ver se conseguirmos solucionar esse problema, agora não adianta ficarmos falando, falando, falando, se não tiver apoio da parte administrativa.

Dra.: Discurso de “dono do grupo”. Tentativa de reprimir as reclamações dos moradores: “compreendo isso, mas depende de nós, regaçarmos a manga e fazemos por nós, independente de política, nós temos que criar atividades aqui”.

(15/12/04- Reunião Geral da ONG.)

Pois o poder emerge nas relações sociais concretas, por causa das diferenças de recursos que dispõe os indivíduos, grupos ou populações inteiras. Nesse caso a médica e a diretoria possuem uma autoridade diferenciada perante o grupo, seja pela posição diferenciada de poder que a médica possui perante sua equipe do PSF (afinal é a “chefe” deles) ou pela representação social do médico na sociedade.



(Local utilizado pelo grupo para seus eventos)

Do ponto de vista interno, as relações de poder dentro de um grupo se constroem através dos papéis que as pessoas assumem, mas também do confronto direto de idéias e ações entre os membros do grupo. As relações sociais são construídas cotidianamente dentro de um grupo, mas também representa, em certo sentido, uma reprodução do modo de vida do ordenamento social onde está inserido, pois o grupo é veículo para transmissão ideológica da

sociedade. Dentro de um grupo as pessoas assumem papéis, ou seja, certo tipo de atuação ou comportamento esperado desse indivíduo por isso o indivíduo sofre grande pressão, por parte dos membros do grupo ou de outros grupos e pessoas, para agirem conforme esse papel exigido. Na verdade, esses papéis são elaborados socialmente, em geral como estereótipo, e tornam essa expectativa social ainda mais rígida e simplista. Esses papéis também significam que é formada uma representação social sobre ele, como por exemplo em nosso grupo temos a médica, que, apesar de estar dentro da ONG como mais um membro e nem possuir um cargo oficialmente, possui um status diferenciado, influenciando seu poder nas relações interpessoais no grupo. Nesse caso, as pessoas não questionavam muito a médica quando ela falava, mesmo ao discordar. O mesmo acontecia com o pesquisador, ou com os diretores da entidade. Em um certo momento, isso fica bem claro:

Nessa reunião duas pessoas dominaram as discussões: a Dra. e o Sr.E. .O Sr. E porém quando solicitado permitia que os outros falassem, já a Dra. não... parecia que não ouvia o que os outros falavam. A um certo momento, a Dra. teve que se ausentar e o grupo pareceu “relaxar”, as pessoas que estavam até então caladas começaram a dar sua opinião.

(28/09/2004 – Reunião geral)

Na reação das pessoas em se calarem perante a médica e depois falarem quando esta precisou ausentar-se, podemos perceber um afeto negativo que da presença dela sobre alguns membros do grupo. Nesse sentido, podemos dizer a mediação emocional do grupo, nesse caso negativa, provavelmente um tipo de medo, causa efeitos concretos no diálogo grupal e, em consequência, em suas ações, já que ação, o pensamento e a sentimento caracterizam todas as manifestações da vida humana, e não podem ser separados. Esses fatores demonstram as relações de poder no interior do grupo e a representação social do grupo para os membros. O grupo representa ao mesmo tempo: “*um lugar para falar*” e “*um lugar para se calar*”. Ele é um “*lugar para falar*” porque é um espaço onde as pessoas podem falar de seus problemas cotidianos, tanto em relação a sua vida na comunidade quanto sua vida pessoal, mesmo que até esse momento inicial, muitas pessoas ainda não emitiam suas opiniões no grupo, sendo que muitas vezes eram subjugados por outras pessoas. Isso nos leva também a outro aspecto que aparece nesse grupo, mesmo que ele represente um lugar onde teoricamente as pessoas poderiam falar, ele se constituiu em muitas vezes “*um lugar para se calar*” . Ele também representa um local de repressão e opressão, através das relações de poder que se estabeleceram no grupo, como no exemplo dado acima. Também existiam temas que eram tabus no grupo, com por exemplo a questão da prostituição no bairro, pois o tema era tocado

sutilmente mas não falado claro e diretamente. O autoritarismo de muitos membros, principalmente de sua liderança formal, fazia com que as pessoas tivessem menos liberdade de se expressar.

Nesse momento inicial, o poder está centralizado em algumas pessoas no interior do grupo. A forma como se deu a “eleição” da diretoria demonstra isso, pois os papéis (cargos) não foram assumidos de forma totalmente espontânea, mas impostos pela médica ao grupo. Assim ao ser atribuído um papel para uma pessoa ela vai responder com seu comportamento concreto, com sua particular execução da atividade requerida pelo papel atribuído. A forma que a pessoa executa esse papel, está ligada, primeira à representação social que a pessoa possui deste, também a outros fatores como as condições externas de possibilidades (como a disponibilidades de recursos, adequação as circunstâncias), as condições internas da pessoa (como suas habilidades, capacidade intelectual e a mobilização afetiva), a compreensão que a pessoa possui do que é esperado nesse papel; se há conflitos entre as exigências de um determinado papel e as demandas de outros papéis também assumidos pelo indivíduo, ou seja, as diferentes exigências que o indivíduo está submetido na execução do papel. Nesse caso, pode-se dizer que as pessoas assumiram os papéis (os cargos: presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretária, etc). O presidente ao ser “indicado” para o cargo, não assumiu de forma verdadeira suas funções, na verdade depois dessa primeira reunião pouco apareceu na ONG. Isso aconteceu também com outros membros do grupo, ao assumirem suas funções. As emoções têm um papel fundamental nesse movimento, a coerção de algumas pessoas sobre outras tem no elemento afetivo da comunicação um apoio importante. Muitos membros do grupo não falavam, pois somente a presença da médica, que representa de alguma forma uma autoridade, coibia as manifestações. Se considerar que todo pensamento e ação têm uma base afetivo-volitiva, pode-se verificar que a simples não expressão de suas opiniões, ou melhor a impossibilidade gerada pelo meio de expor idéias e afetos, serve como instrumento de dominação e reproduz uma lógica de dominação autoritarismo e o grupo serve como mediação desse processo.

R – “...teve algumas pessoas da diretoria que assumiram o compromisso sem vontade própria, assumiram imposto isso ...foi uma coisa imposta pelo grupo...e acabou ficando...e com amadurecimento da ONG , agente vê quem está aqui está interessado, mas a diretoria perdeu o interesse...e eles não entenderam o papel deles...”

(Sr. E – 03/03/2005- Reunião Geral da ONG.)

Uma outra forma de repressão dos sentimentos dentro desse grupo, é a seleção por parte de algumas pessoas, detentoras de um poder sobre os demais, do que são manifestações adequadas ou não no grupo. Sejam de opiniões, assuntos e mesmo de expressões emocionais. Um exemplo disso aparece claramente em uma determinada situação, onde há uma maior abertura para as pessoas falarem e elas começam a falar sobre seus problemas emitindo opiniões. O grupo se configura ao mesmo tempo um *“lugar para se calar”*, pois quando essas pessoas emitem suas opiniões são repreendidas e se calam novamente, e um *“lugar para se falar”*, demonstrando claramente a relação entre poder e emoção no grupo, essa ambigüidade aparece em vários momentos, como no trecho abaixo:

Sr. E = Diz “O que precisa, é nós moradores do bairro tirar essa imagem horrível que se tem do bairro. ... Então, nós precisamos lutar, nossa ONG, se Deus quiser, vamos conseguir, agora só vamos conseguir alguma coisa com o apoio da administração, senão, não vamos conseguir nada, se não vamos ficar batendo, falando, falando e nós não conseguimos nada, fica aquele papo furado e nós precisamos de alguém que faça lá em cima, que nos apóie e nós esperamos isso do prefeito eleito, esperamos isso dos nossos vereadores, precisamos de alguma coisa que nos faça ter pelo menos uma satisfação em dizer: “Eu moro na Praia Azul” era uma maravilha, era lindo isso aqui, porque está desse jeito, está abandonado. É por isso que estamos reunidos, não é verdade? Pra ver se conseguirmos solucionar esse problema, agora não adianta ficarmos falando, falando, falando, se não tiver apoio da parte administrativa

Dra.: “Nossa ONG não é para brigar, é para construir. A ONG não é para brigar com ninguém, é para construí, independente de política, entende? Eu digo porque a idéia foi minha, através do PSF...”

Nós temos adolescentes na rua, nós vamos dar curso de capacitação, nós vamos ocupá-los de outro forma. Vamos ocupar o espaço público, para que as profissionais do sexo irem para outro lugar. Não estou discriminando, mas não estou defendendo, sei que é errado. Também não podemos jogá-las fora, quero dizer que a ONG... não é de briga, é de mostrar que estamos construindo alguma coisa com esforço de uma comunidade, de uma área de abrangência limitada em prol de uma comunidade também...

Dra.: “A nossa ONG tem um intuito, reclamar do odor, do asfalto é lá na prefeitura não é coisa da ONG. Reclamações nós não vamos resolver nada porque nós aqui somos apenas integrantes da ONG”.

(15/12/04- Reunião Geral da ONG)

No fato citado acima, a médica representante do poder dentro do grupo, repreende as pessoas que falaram dos problemas do bairro como o odor da água, a falta de asfaltamento segurança inadequada, fazendo com que outras pessoas do grupo, pelo menos nesse momento, concordem com ela, seja por concordarem com sua opinião ou por medo (no caso abaixo a pessoa é funcionária da prefeitura e subordinada dela no PSF):

V.: O essencial para nossa ONG que está nascendo agora é saber qual é o nosso objetivo. Porque nós estamos aqui, então, foi falado, críticas... Ficar brigando por asfalto, esgoto, isso é bla, bla, bla..(em um tom irônico)”

V: “Estou sentindo de que não seja essencial no momento...”

V.: “nosso objetivo como ONG é outro. Nós precisamos de empenho. O primeiro passo é conhecer os problemas. Isso é o mais fácil. Passos pequenos, aos poucos”. (ela estava exaltada)

Outro morador interfere: “ Não é bla, bla, bla...”

(15/12/04- Reunião Geral da ONG)

Mesmo assim, esse conluio para reprimir não passa despercebido por outras pessoas que protestam e dizem que é sim essencial falar dos problemas ali no grupo, pois talvez seja um dos únicos lugares onde isso é possível. As reclamações indicam nuances de consciência crítica das pessoas sobre sua realidade. Na verdade as pessoas sentem sua realidade, mas não tem oportunidade para falarem dela. E se sentir é estar implicado em algo, a implicação das pessoas com esses problemas que as atingem diretamente, geram um sentimento de indignação, necessário e presente nas manifestações de protesto dessas pessoas, e, portanto não poderiam ser abafados nas reuniões. Os sentimentos jogam papéis de figura e fundo em nossa consciência, quando o sentimento está no foco de nossa consciência é figura e quando está fora dele é fundo. Assim o sentimento de indignação torna-se figura nesse momento e torna-se necessário ser manifestado de alguma forma. Nas relações interpessoais em um grupo, o quanto é possível essa livre e espontânea manifestação dos sentimentos nos dá uma pista se as relações são mais pessoais e conscientes ou mais impessoais e instrumentais. Algumas pessoas, nesse momento do grupo, começam a questionar essa relação de poder e o discurso homogêneo do grupo, “imposto” por seus líderes. As reações que se seguiram, começaram ao mesmo tempo proporcionar ao grupo um salto qualitativo, ou seja, começaram a olhar para si mesmos e verem que tem problemas e objetivos em comum, mas também começou, nesse momento, um movimento de manobra de alianças dentro do grupo, com bases afetivas, ou seja, baseadas na cumplicidade e amizade, ou mesmo por interesses pessoais. Apesar, do conflito nessa última reunião, o grupo começa a demonstrar traços de uma evolução no seu processo grupal, começam a perceber que existem objetivos e necessidades comuns a todos e começam a surgir os primeiro indícios de organização.

A relação que o grupo manteve com outros grupos demonstra seu poder perante estes na comunidade. A ONG, enquanto um coletivo, ela se relaciona diretamente com dois outros grupos: O PSF (Programa Saúde da Família) e a Prefeitura local.

O primeiro grupo, O PSF, é importante, pois a associação surge pela iniciativa deste grupo de profissionais e, desde o início, desenvolveu-se uma relação estreita entre os profissionais do PSF e os moradores que participavam do grupo. Porém, essa relação também gera outras conseqüências que influenciaram o grupo, das quais podemos citar: o grupo de moradores vê nos participantes que são funcionários do PSF como essenciais e, mais ainda,

como indispensáveis para a manutenção da ONG. Essa relação, no início, é sentida como benéfica e fundamental para o grupo:

Nós precisamos do pessoal do posto (PSF)...porque vocês têm contato com várias pessoas, nós temos poucos. Se, por exemplo, não quiser mais participar, não vai ... A população frequenta lá, então vocês têm mais facilidade de divulgar, falar...

(Sr. E, um morador, se dirigindo a coordenadora do PSF, 03/11/04).

A participação dos profissionais do PSF representa, em certo sentido, segurança para o grupo, pois fornecem apoio constante, tanto material (como um local para reuniões, mão-de-obra nas atividades do grupo), quanto emocional (os profissionais do PSF apoiavam os moradores nas atividades e os incentivavam para a formação da ONG). Mas, essa relação também traz conseqüências negativas para o grupo. A ONG, em muitos momentos, torna-se uma extensão do PSF, onde os conflitos gerados entre os membros da equipe eram trazidos para dentro do grupo. Durante as reuniões, tratava-se também de outros assuntos referentes exclusivamente ao PSF. Houve também um entrelaçamento e, em muitas ocasiões, conflitos de papéis, pois os funcionários que aparentemente possuíam uma relação tensa com a médica, levavam isso para o grupo. Também refletiam dentro do grupo as situações político-administrativas as quais essa equipe estava sujeita, como por exemplo, as eleições, a posse de um novo prefeito, políticas públicas.

Uma das ACS me revelou que não sabe se poderá continuar participando do grupo, pois algumas pessoas da secretaria de saúde foram ao PSF e a questionaram sobre a ONG, sobre o que ela deseja o que querem as pessoas e ela ficou com medo, teme por seu emprego. Tanto que não quis nem sair na foto tirada nesse dia. Também me disse que dois vereadores a procuraram querendo saber mais informações sobre a ONG. (trecho do diário de campo).

(27/01/2004 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

V – “...Não querendo me justificar, mas nós (os ACS) estamos passando por um problema político.. não podemos nos envolver tanto mais diretamente na ONG...a participação está falha justamente por isso...”

(21/02/2005 – Reunião da Comissão de Eventos)



(As pessoas do grupo participando de uma técnica grupal)

No cotidiano as pessoas participam de diversos grupos: a família, o grupo de trabalho, o grupo religioso, etc. E em cada um representa um papel que lhe é atribuído e exigido. No grupo, o conflito entre o papel de funcionário público do PSF e o de membro da ONG, aparecem constantemente, pois em muitas vezes tem exigências contraditórias. O poder institucional que a médica possui na relação com a equipe é levado para dentro do grupo. Nesse momento, o grupo não possui recursos suficientes para se impor perante as vontades e decisões dos membros do PSF, instala-se uma hierarquia não oficial e não declarada entre moradores e agentes comunitários de saúde. O poder que os agentes possuem dentro do grupo é diferenciado daquele que um morador e participante tem.

O grupo também se relaciona com a Prefeitura local de diversas formas. Primeiro através dos próprios membros do PSF, em especial a médica, que de alguma forma são os representantes dos interesses do poder local e também, diretamente com as pessoas que controlam os registros de associações na prefeitura e administrador do bairro. O grupo desde o início, se preocupou com a legalização dessa ONG. E por uma “sugestão” de uma pessoa responsável por isso na Prefeitura, o que era para ser uma Associação de Moradores, tornou-se uma ONG. Essa sugestão se deu porque a pessoa disse que como ONG seria mais fácil a prefeitura aprovar sua criação e legalização do que como uma Associação de Moradores. Já que como associação, as pessoas teriam mais dificuldade, uma vez que a Prefeitura local não costumava reconhecer associações de moradores tão facilmente. Neste sentido vemos isso como uma manobra política da prefeitura, pois era uma tentativa de caracterizar esse grupo

não como um conjunto de moradores que lutariam por melhorias no bairro, mas identificá-los e nomeá-los como uma organização que teriam outros propósitos, talvez menos inconvenientes e mais confortáveis para as pessoas que estão no poder local. É uma forma de controle social desse grupo. Dessa forma a associação virou ONG, mas nunca se pretendeu ser uma ONG, nem sabiam o que era uma ONG. Nessa relação de poder o grupo não dispunha de elementos críticos que pudessem questionar esse fato, assim isso foi aceito por todos e não houve questionamentos de qualquer espécie.

Re. Disse que a assistente social da prefeitura sugeriu transformar a associação de moradores em uma ONG, pois seria mais fácil para registrar e legalizar.

(25/08/2004 – Visita ao bairro)

Após a “eleição da diretoria” e os acontecimentos em uma reunião (em 15/12/04), onde algumas pessoas questionaram o que era tratado nas reuniões da ONG e falaram sobre vários problemas, inclusive questionando diretamente a médica sobre a atuação do PSF no bairro. A médica parece que se sentiu ameaçada e convocou uma reunião somente com os membros da diretoria de forma sigilosa. Nessa reunião, ela colocou que não queria mais que a comunidade participasse das reuniões da ONG, pois achava que isso poderia ser ruim para o grupo.

A Dra. me disse que não gostou da última reunião. Que a ONG não era para servir para isso. E achava que não devíamos abrir para a comunidade a participação nas reuniões. Na verdade, proibiu a diretoria (que era escolhida por ela) e ao ACS a chamar mais pessoas para a reunião. Também fui desmotivado a colocar os cartazes convidando para a reunião do dia 31/12, pois achava que as pessoas não iriam se interessar e poderiam até destruir o que fizéssemos.

(29/12/2004 – Visita ao bairro e PSF)

Nesse momento, torna-se mais uma vez claro as relações de poder dentro do grupo e aparece mais uma contradição, a inclusão/exclusão da comunidade, a ONG criada para incluir, acaba excluindo em seu processo. Isso demonstra o poder que a médica ainda possui sobre a Diretoria que ela escolheu para o grupo. Essas restrições têm alguns motivos, que mesmo não declarados, influenciaram nessa decisão da médica: o prefeito rival ganhou as eleições nesse ano e equipe do PSF estava tensa, pois não sabiam se iriam continuar a trabalhar no bairro e a médica temia perder o emprego, pois não é concursada, somente contratada. Acredita-se que havia um temor da médica em permitir algum tipo de

manifestações no grupo e essas informações chegarem aos seus superiores e ser prejudicada por isso. Pois os coordenadores da saúde do município já haviam manifestado interesse em saber o que estava ocorrendo nessa ONG.

Isso representou um retrocesso para o grupo, pois este se submeteu às exigências externas da médica. A exclusão da comunidade no processo da ONG é sentida como uma afronta por vários membros do grupo. Isso aparece em diversas falas. Apesar de que a participação da comunidade sempre foi restrita nessa ONG, pois ela estava condicionada, desde o início a área de abrangência do PSF, ou seja, somente poderiam participar pessoas que moravam nesse perímetro. Isso causou protestos diversos, mas não conseguiram mudar a imposição vinda da diretoria e da médica:

- Por exemplo: tenho meu pai e minha mãe que moram duas ruas para cima da área da abrangência, eles não podem participar. Como tem que ser da área de abrangência, por exigência de uma pessoa (referindo-se a médica, em um tom irônico e de desabafo), eu não posso trazer meu pai e minha mãe aqui, não posso passar por cima dessa exigência. (M.)
- Não precisa ser assim, não precisa morar na área de abrangência do PSF, a princípio não.(R.)
- Mas você sabe que foi desde o início uma exigência, você sabe de quem. (M.)

(03/11/04)

Isso demonstra também a imagem negativa que a médica e os próprios membros da ONG possuem dos moradores da comunidade. O que é curioso pois eles também pois eles também moram no bairro e também sofrem discriminação quando vão a algum lugar e se identificam como moradores desse bairro.

...essa gente ignorante desse bairro... (Sr. E.)

- Muitas vezes essa pessoa não sabe ler...tem que ter o segundo grau... (sr. O)

...infelizmente a realidade aqui é uma: existem tanto ignorantes.. Você vai falar, o outro diz: <aquilo lá não funciona, você é bobo de ir atrás daquilo>, eu ouço isso daí. Agente luta,mas quantidade de ignorante que tem aqui é incrível. Experimenta ir você numa casa: <Você está convidado>: < você é bobo de ir atrás daquilo, não dá nada>. (Sr. E, 03/11/04).

O maior problema nosso é que somos marginalizados, eu sei eu tenho um imóvel aqui, há 30 anos, eu participo de tudo aqui. Infelizmente é um crime você mora no bairro. Nós precisamos de pessoas que queiram tirar essa...(hesitação)...isso. Quando você vai numa loja, para preencher o cadastro..já assusta... isso é uma realidade...tem que ter uma imagem bonita do bairro, se cuidasse disso aqui seria uma maravilha. Não é verdade?

Sr. E = “O que precisa, é nós moradores do bairro tirar essa imagem horrível que se tem do bairro. Você vai em uma casa comercial: < onde o sr. Mora?> ai você responde e a pessoa já fica olhando feio para você, acha nós somos marginais.

(sr. E, 03/11/04).

A discriminação sofrida pelos próprios moradores é reproduzida aqui por algumas pessoas do grupo, levando a exclusão de outras pessoas da comunidade, mas isso não é aceito

sem protestos por outras pessoas do grupo, demonstrando indícios de uma consciência mais crítica perante sua realidade:

...não tem preconceito com as pessoas...? (M. 03/11/04).

- Não tem que ser assim, se era assim antes, podemos mudar....a caminhada por exemplo, não participam, talvez seja por causa dessas exclusões que as pessoas não vem, temos que avaliar isso. (supervisora de estágio, 03/11/04)”.

...a partir do momento que ela trouxe, trouxe uma coisa que já existia, que já trabalhava, mas como ela tem.. (...) (hesitação), uma postura de estar colocando e a população de estar aceitando, então é assim...pela postura como médica ela tem mais fácil o acesso de saber o que está acontecendo a população. (Re., 03/11/04)”.

...não posso ser escolhido, eu tenho que participar porque eu quero participar, porque eu.. partiu não foi indicado por ninguém (tom de insatisfação)... o que temos que fazer? Vamos retomar...isso aqui vai continuar... (supervisora de estágio, 03/11/05)”.

Mais uma vez o grupo estigmatiza os moradores do bairro, reclamando da não participação. Porém não compreendem que o próprio grupo de certa forma repele a participação de qualquer pessoa da comunidade na ONG, e isso é colocado como falta de interesse das pessoas ou mesmo como se as pessoas somente tivessem interesses particulares e não coletivos. Já de antemão classificam os moradores como interesseiros, generalizando e rotulando a comunidade. Desde o início do grupo uma das principais reclamações do grupo é a não participação das pessoas nas atividades, pelo menos de forma espontânea e voluntária. Não participação ou a falta de interesse de outras pessoas do bairro em participar. Nesse momento algumas pessoas do grupo também apontam para a forma errônea que foi iniciado o grupo, de forma autoritária.

- Seria legal interessante tentar entender porque as pessoas não querem dar o nome para a ONG. Se as pessoas têm medo, deve haver um motivo. (Pesquisador, 03/11/04)

- O motivo é a falta de vontade, estou falando...(Sr. O.)

- Mas será que receberam, não seria falta de comunicação. (V.)

- Não, não, é falta de vontade mesmo. Porque a partir do momento que você disser que vai ganhar três mil reais por mês, todos participam. (Sr. O.)

- É, a dificuldade de você achar alguém voluntário é grande, mas eu volto a dizer de novo, isso aqui não foi divulgado para ter nome suficiente para os cargos. Isso aqui foi escolhido a dedo e só estamos nós aqui. Desde quando abriu, isso foi apontado, eu quero aquele, e aquele outro. Isso começou errado, por isso que estou batendo na tecla de fazer essa assembléia geral. (M.)

Pode-se dizer que algumas pessoas no grupo demonstram nesse momento um avanço na consciência, pois consciência de si e do social somente aparece no indivíduo quando ele é capaz de detectar as contradições entre as representações sociais que acredita (por exemplo, os valores de bom-mau, verdadeiro-falso, certo-errado) e suas atividades desempenhadas na

produção da sua vida material. A ideologia está presente na linguagem, pois ela é um produto histórico, e traz essas representações, significados e valores existentes em um grupo social, portanto sendo um veículo da ideologia desse grupo. Mas a consciência também é fragmentada ou seja, ela percebe apenas partes de uma realidade. Uma pessoa pode ser crítica em relação a um assunto ou situação e totalmente conservadora e preconceituosa em outro momento.

Quando o indivíduo consegue perceber as contradições entre o que ela acredita e a realidade que a circunda, começa a ter um avanço em sua consciência. As emoções têm um papel fundamental nesse processo, pois mobilizam as percepções e abrem novos horizontes para uma nova visão de mundo, quando encontram caminhos para sua expressão. No trecho de diálogo acima, M. critica a visão do Sr.O, pois está envolvida emocionalmente nesse processo, ela “sente na pele” as conseqüências desse fato. Essa tomada de consciência é um processo de construção social, como todo conhecimento. Para isso o indivíduo necessita refletir sobre sua prática, a práxis, através da problematização do seu cotidiano, descartando o caráter natural de certos fenômenos e refletindo sobre suas causas e conseqüências. Esse processo de problematização conduz a desnaturalização, pois ao problematizar o caráter essencial e natural atribuídos a certos fatos ou relações, se revelam contradições, assim como seu caráter ligado a interesses sociais ou políticos e suas limitações a respeito da capacidade de avançar ou de superar situações negativas ou limitantes.

Como conseqüência da última reunião, a comunidade foi excluída da ONG. Em seqüência foi realizada uma reunião somente com a diretoria da entidade. Essa reunião foi convocada pela médica, mas ela não participou. A proibição da comunidade participar não foi tocada nessa reunião, parecia que o tema estava latente, mas não foi dito claramente, tornou-se um tabu. Retomou-se a questão do estatuto do grupo, preocupação com as regras e normas para gerir as relações no grupo. Durante meses foi-se tratado muito sobre o estatuto e a legalização da Ong. Nas reuniões as pessoas utilizavam bastante tempo com isso, o que gerou até um conflito pois muitos queriam partir para fazer outras coisas, mas a Dra. e algumas pessoas da diretoria frisavam que só poderiam fazer algo quando fossem legalizados. Ao meu ver isso, funcionava como uma estratégia, mesmo que não consciente, do grupo para não discutir outras coisas, principalmente os problemas do bairro, que eram tabus do grupo. Porém alguns momentos as pessoas percebem isso e tentam dar um novo rumo nas discussões do grupo:

Nós já fomos errados de não divulgar, ninguém sabe que isso aqui existe, gente... E outra... A gente faz reunião, só que fica em cima desse registro. Eu acho isso errado. Eu acho que a gente devia trabalhar independente de registro e de ajuda. O Sr. O. sabe fazer um artesanato. Tem muita gente que sei então eu acho assim: em uma dessas reuniões a gente senta e decide, enquanto o estatuto está lá sendo... Registrado ou sendo reprovado... A gente vai fazer o que? A gente tem tal pessoa, faz tal coisa, vamos divulgar abrir inscrição, vamos se a gente consegue pelo menos umas dez pessoas para fazer uma aula sobre aquilo, mas não todo mês é sempre a mesma coisa. (em “um tom mais enérgico e rápido), ou muda presidente ou muda não sei o que e tem o bendito do estatuto...” (M. 03/11/05)

...e se esse estatuto não for aprovado nunca? Não vai existir a entidade porque o estatuto não foi aprovado. (M., 03/11/04).

Os sentimentos de indignação e revolta com a situação fazem com que o grupo se mexa e pense em estratégias para sair da inércia. Agora o grupo, que era composto essencialmente pela diretoria e os ACS (agentes comunitários de saúde), começaram a enxergar a necessidade de organização da divisão de tarefas e papéis no grupo, e também legítima a formação de subgrupos em seu interior. Nessa reunião começa-se uma discussão sobre o que cada um deve fazer no grupo. Essa discussão é interessante, pois demonstra como são tomadas as decisões demonstra e como se dão as relações de poder no seu interior. Se por um lado a divisão de tarefas é necessária a um grupo, pois à medida que dividimos tarefas, redistribuímos o poder, as responsabilidades, e damos direção às ações. Por outro lado, o “como” esse processo se dá é definido já pelas relações de poder dentro do grupo, as habilidades de cada um, mas também as identificações (tanto com o papel, quanto com a tarefa e até com as pessoas), mostrando o aspecto afetivo nessa escolha. Nesse aspecto a divisão não é puramente consciência, mas afetivamente mediada pelo grupo. Ao mesmo tempo em que a divisão é importante, ela oferece um status diferenciado às pessoas, pessoas em papéis diferentes, status diferente. O trabalho no grupo está atravessado pelas representações sociais das pessoas, sobre o próprio grupo, sobre a comunidade, e a sociedade. Nesse momento, o grupo começa a ter consciência que existem tarefas comuns e que cada um depende do outro. O grupo tem certa estabilidade nos papéis como nos temas. Há um início da percepção que existem objetivos e necessidades comuns a todos, começam a surgir os primeiros indícios de organização. As decisões começam a ser analisadas e discutidas no coletivo. Ocorrem práticas reflexivas para a manutenção do grupo e a relação de seus membros se constitui em uma comunidade que atua sobre si mesma. Surge o sentimento que é necessário haver uma relação de interdependência entre os membros do grupo. A tensão gerada pelas necessidades é necessária para que o grupo se mexa.

V- “... nós temos que ver, qual é o papel de cada um, qual é a função de cada um... as pessoas que tem tempo vão se colocar a disposição...”.

(20/04/2005 – Reunião Geral da ONG)



(O grupo participando de uma técnica grupal)

O grupo começa a adquirir uma formalização organizativa: formam um estatuto que gerirá as relações entre os membros e começam a fazer as divisões de papéis em seu interior. Muitas dessas normas são formais (como o estatuto), mas outras são informais, criadas nas relações de poder entre as pessoas do grupo, como o controle do que se fala no grupo. Já a divisão de papéis e a estratificação no interior do grupo emergem originalmente através da interação de seus membros, mas o grupo é um lugar social onde se atualiza e se solidificam as forças existentes em uma sociedade através dos papéis desempenhados, pois estes são os determinantes básicos tanto da estratificação social quanto da identidade do próprio indivíduo.

Nessa fase, foi decidido que seriam criadas três comissões para sua organização: Comissão de Eventos e Doações: para organizar eventos, festas, bazar, doações, campanhas; Comissão de Comunicação e Administração: que zelaria pela burocracia e comunicação da ONG e uma Comissão de Educação: que trataria dos cursos que ONG poderia oferecer. Essas equipes de trabalho serviriam para realizar funções específicas e apresentar resultados para o grupo. A idéia original era que cada uma delas se organizariam, dentro de sua competência, as tarefas e apresentariam para o grupo, ora para sua ciência ou para sua aprovação. Essa divisão

fez inevitavelmente com que houvesse divisões de novos papéis e do poder de decisão no grupo. A forma com que foram escolhidas as pessoas para participarem dessas comissões também foi interessante. No início M. e V. fizeram as sugestões das comissões e pediram para que as pessoas fossem se inscrevendo, mas houve muita hesitação das pessoas em participar, isso fez com que ficasse mais nervosa e começasse a indicar ela mesma alguns nomes para participar, dessa forma parece que foram sendo repetidos os mesmos erros de antes, ou seja, de forma arbitrária, foram sendo escolhidas as pessoas. Algumas pessoas não gostaram e reagiram. V. pediu então que as pessoas se candidatassem voluntariamente, o que parece que funcionou e todas as comissões receberam pessoas interessadas. Essa divisão de funções fez com que o grupo também formasse novos subgrupos, além dos que já existiam, pois o conflito anterior com a médica fez com que fossem formados sub-grupos por alianças afetivas e de resistência. Como a médica parece ter cooptado a Diretoria, ou seja, influenciou-os para que agissem segundo seus interesses (no caso excluindo a comunidade e tratando de assuntos que lhe eram interessantes). Formaram-se pelo menos três grupos distintos: a Diretoria (pró-médica), as Agentes Comunitárias de Saúde (que tinham uma relação tempestuosa com a médica) e os outros membros do grupo (que são os outros moradores que participavam). Interessante observar que esses subgrupos se rivalizavam muitas vezes, e geralmente não diretamente por assuntos pertinentes a ONG, mas por essa preferência quanto à relação com a médica. A luta pelo poder dentro do grupo se acirrou ainda mais quando foram formadas essas comissões. O trecho abaixo demonstra um pouco desse conflito entre os subgrupos.

Sr. E intima o sub-grupo das ACS se irão continuar participando ou não.

V – “A idéia foi do PSF, mas agora...”

Sr. O – Cobra uma postura das ACS.

... momento de muita emoção no grupo. As pessoas começam a verbalizar o que estavam guardando: birras, mágoas com as demais pessoas do grupo.

Sr.E e Sr. O – cobram das ACS que os convites para a população devem ser feitos por elas.

M- “lavar roupa suja” – “quando teve a entrevista no rádio não nos avisaram”.

...

Sr.E – “lavando roupa suja” – “pedi para você dar um retorno de um assunto e não deu...”

P – intervenção do pesquisador na tentativa de demonstrar que o conflito faz parte de um processo de crescimento do grupo.

V. assume um papel de conciliação.

V – “Esse conflito entre PSF e ONG tem que se resolver... temos que superar...”

R. também assume uma postura de conciliação e esclarecedora.

R – “temos que aprender a desvencilhar o PSF e a ONG. Não podemos cobrar nada do PSF, só podemos pedir colaboração... eles têm uma função social diferente da nossa... mas não podemos perder o nosso foco, para isso temos que ter união e passar por cima de problemas pessoais, A ONG está tomando proporções que fogem do controle de uma pessoa só... imagine quando ela ficar maior ainda... então o que eu peço é: vamos nos unir...”.

As emoções são manifestadas nesses momentos de conflito, porém não só neles, no dia relatado acima demonstra um momento de muita emocionalidade, os sentimentos tornam-se mais uma vez figura e o medo da dispersão do grupo fica mais forte. Para entendermos a afetividade devemos estudar a estreita relação entre o desenvolvimento da consciência e da linguagem frente à ideologia presente nas significações institucionalizadas das palavras e mediadas nas relações sociais práticas e de comunicação. Nesse trecho duas pessoas usam a expressão “lavar roupa suja” , nela podemos compreender como a mediação da linguagem e das emoções são importantes nas relações sócias, pois estas alteram a consciência e esta é alterada por elas. É na linguagem não é só um meio de comunicação, mas o veículo mais importante do pensamento, pois transmite e representação do mundo, em seus significados e sentidos assumidos pelas pessoas. Nesse caso, nomeia-se aquela situação de conflito de “lavar roupa suja” , um significado social da expressão que é ideológico também, pois quando as pessoas começam a falar de seus sentimentos abertamente isso tem uma conotação negativa, mas adiante retomaremos essa análise.

Ao assumirem essas novas funções também assumiram novos papéis no grupo. Esses papéis sociais desempenhados pelo indivíduo nas suas relações também representam à interação efetiva no nível das determinações concretas onde são reproduzidos a estrutura relacional característica do sistema (relação dominador-dominado) (Lane, 1984b, p. 85), e com freqüência servem de veículo de opressão (Martin-Baró, 1983, p.322). Mas as pessoas podem não assumir esses papéis passivamente, pois frente ao papel exigido, o indivíduo responde com seu comportamento concreto, com sua particular execução da atividade requerida, portanto, o indivíduo assume sua personagem dentro do papel, que é a sua forma própria de representar o papel. Nesse caso, as pessoas assumiram suas funções e agiram conforme sua particular forma de ação. A divisão do grupo, com fins operativos, também dá início a sua “quebra”, ou seja, ele começa a se desfazer, aumentam os conflitos e a luta pelo poder dentro do grupo e a noção de um “sujeito coletivo” começa a ser cada vez mais distante. Se por um lado essa divisão causou essa quebra no grupo, por outro o grupo começa a organizar e implantar novas atividades como: um bazar mensal aberto para a comunidade, um evento de carnaval para as crianças do bairro e aulas de artesanato para mulheres duas vezes por semana, ministrada por uma professora voluntária membro do grupo. Nesse sentido vemos que o grupo começa a se movimentar, apesar dos conflitos internos, e fazer atividades

que no decorrer do processo, como será demonstrado adiante, também contribuiu para o avanço da consciência crítica desse grupo, pois ao atuar sobre o mundo, o homem atua interferindo (atividade), e ao mesmo tempo, também é afetado por essa realidade, constituindo seus registros. A atividade é toda ação humana, nesse processo, dentro do mundo objetivo, da cultura, do coletivo, do social é que temos a possibilidade de nos constituirmos como humanos. Também é nessa troca com as demais pessoas do grupo que possuem a possibilidade de rever seus valores, conceitos e afetos. A emoção e a ação estão estreitamente ligadas, pois a primeira caracteriza o estado do sujeito perante a segunda, ou seja, as emoções por meio das ações situam os sujeitos no espaço de suas relações sociais, entrando no cenário da cultura. A atividade humana depende diretamente das emoções e vice-versa. A emoção é anterior à ação, surge em na atividade e transforma o sentido atribuído pelo sujeito a essa experiência (González Rey, 2003, p. 242). A emoção tem um papel fundamental na constituição do sentido das experiências. O sentido, produzido na experiência, se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transitam e dessa unidade entre o simbólico e o emocional, sem que um desses momentos seja “reduzido” ao outro, se define o sentido.

Nesse momento, algumas pessoas do grupo também começam a apresentar indícios de uma consciência mais crítica perante a realidade, as pessoas têm ao mesmo tempo uma postura mais crítica, como por exemplo, aos problemas do bairro, mas também apresentam discursos e agem de forma a excluir a comunidade. Se não permitem a participação da comunidade nas reuniões, como iriam ter contato com novas experiências conhecer novos pontos de vista, pois a experiência pode questionar os conceitos e alterar a consciência, causando um impacto afetivo, pois a experiência, mediada pelas emoções, muda a consciência do sujeito. O grupo de certa forma se fecha em si mesmo. A consciência apresenta limiares, ou seja, só percebemos o mundo de forma sintetizada e em extratos, pela mediação semiótica. Ela é um reflexo, ou seja, a imagem da realidade não se confunde com o vivido pelo sujeito, seu sentido, mas a evolução da consciência ocorre quando o sujeito consegue distinguir a consciência do mundo (a realidade) com sua própria vivência enquanto sujeito singular no mundo, seus sentidos. No caso das pessoas do grupo, podemos observar que vão se fechando a essas novas experiências que poderiam alterar suas consciências, pois a constituição do eu, da consciência, passa pela experiência, pelo outro. Só posso me reconhecer nas relações sociais com as demais pessoas, é idéia do duplo, ou seja, o sujeito é constituído por meio da experiência social, histórica e pelo desdobramento da consciência na relação eu-outro.



(Bazar: uma das atividades realizadas pelo grupo)

Essas comissões começaram a se reunir separadamente. Cada comissão marcou um dia para sua reunião e convocaram os membros inscritos. Participei de algumas reuniões dessas comissões. Um fato observado que considero relevante foi que os subgrupos repetem a mesma forma de organização interna e de tomada de decisão do grupo maior. Em seguida ilustrarei um fato ocorrido na comissão de eventos como um exemplo disso. A forma que um grupo decide internamente algum assunto demonstra claramente como é seu funcionamento. Pois como já dito anteriormente, existem três questões que devemos analisar sobre esse processo decisório de um grupo, primeiro: Quem decide? Essa questão revela como o poder é distribuído no interior de um grupo, se a decisão é tomada por uma única pessoa, um líder, que é uma forma de dominação, ou se o grupo toma essa decisão coletivamente. A segunda questão é: Como se toma a decisão? Ela revela como se chega a uma decisão e revela os mecanismos de poder na estrutura e vida do grupo, também relativos à participação das pessoas no funcionamento grupal e a consciência, pessoal e grupal, sobre a identidade e fins do grupo. E por último: Quais são as consequências da decisão grupal. Por que decide? A quem beneficia? A quem prejudica? Essas questões mostram os interesses sociais e revela o caráter ideológico das opções grupais.

Diálogo demonstrando a mediação emocional no grupo em um processo de tomada de decisão, posteriormente verificando as consequências dessa discussão no grupo. Sobre a decisão da ONG fazer um evento de carnaval para as crianças da comunidade.

M – “vai fazer o carnaval de vocês, fantasia de papel?”

D. Ant. – “Vamos fazer a fantasia e vamos falar com o comércio para ele ajudar, a padaria, a farmácia...”
M. “mas vai ser que dia isso?”
V – “escolher uma data!”
D. Ant. “Vê que dia aí”.
M. “Vai ser em dia de semana? no dia do carnaval?”
D. Ant. – “Vai ser no dia do carnaval. Porque vem jornal, vem a rádio, tudo divulgação.”
V- Carnaval é dia 8, não é?
Sr. E. “V. dá licença, a comemoração de carnaval do PSF vai ser quando?”
M – “Dia 8 nós vamos fazer”.

...

Sr. O – “ Para fazer nessa data, se a prefeitura não for fazer nós vamos ficar boiando que nem...”
M- Não...

Sr. O – (**exaltando-se**) Nós precisamos por uma barraca nesse dia para poder arrecadar fundos, essas coisas...

M. – Isso, exatamente (**em um tom irônico**).

Sr. O. – Entendeu?

P. – Pode ser feito algum tipo de barraca? A ONG montar uma barraca no dia do carnaval?

...

M. – Vai falar com quem, daí?

V – A gente conversa com o grupo de comunicação. É o grupo...

Sr. O. – Tem que fazer uma ligação para prefeitura... Vê se consegue uma barraca, ou a gente fazer a nossa...

...

Sr. E – Na prefeitura é assim: passa pra cá , passa pra lá, no final das contas você sai do jeito que você entrou...ficam jogando a gente, eu sei porque fui muitas vezes lá...No fim faz contas você vai embora.

M. – Então, eu vou conseguir lá...

Sr. O. - Tem que ter um alvará...

Sr. E. – Tem que ter uma válvula, um negócio, uma pessoa lá dentro para você se comunicar.

V- Nós temos, a vereadora L.

Sr. O – Ela pode ajudar bastante.

...

M – Sempre que tiver eventos culturais na cidade, podemos ter uma barraca lá. Só que para isso precisamos de um alvará.

...

M. – A V. consegue o alvará?

V. – Preciso de informações: como montar esse alvará? O que escrever? Um esboço.

P – O R. pode te ajudar.

V- Colocaria tudo isso no dia 2 na Assembléia Geral, colocaria nossos objetivos e começaria a trabalhar.

...

M. – No carnaval mesmo, a festa não tem hora para acabar.

...

P – Talvez devêssemos antecipar as nossas.

Sr. O. – Ou mudar o horário para a parte da tarde.

P. – Ou um dia depois...

(12/01/2005- Reunião da comissão de eventos)

O grupo possui uma característica peculiar. Quando se precisa fazer algo é comum indicarem uma pessoa e perguntar diretamente: “você faz isso?”. A questão de “quem decide?” podemos dizer que os assuntos são colocados na discussão do grupo, porém em certo momento sempre são as mesmas pessoas que decidem (geralmente M e Sr. E). Talvez seja esse o motivo que causa exaltações emocionais constantes entre Sr. E e M, pois sempre um quer dar a palavra final. Da mesma forma os mecanismos de decisão, o diálogo dirigido, leva a uma decisão que geralmente é semelhante à opinião dessas duas pessoas. Podemos ver como ainda é aceita uma forma mais autoritária de divisão de trabalho, naturalizando as

relações de dominação. Quem se beneficia? Geralmente as decisões tomadas vão de encontro da vontade da Diretoria da entidade, não necessariamente do coletivo. Com isso verificamos que a formalização dos cargos dentro do grupo tem um peso grande, inclusive porque foram indicados pela médica. As relações de poder e as emoções aparecem novamente nesse trecho, no momento da decisão de alguma coisa, há uma coação, mesmo que indiretamente, as emoções tornam-se fundo e os diálogos figura nos discursos, porém os sentimentos estão muito presentes. Essa pseudo-separação entre sentimento e pensamento na consciência cotidiana acontece porque os sentimentos que estão no fundo não são vistos como sentimentos e mesmo somente poucos em uma gama de tipos de sentimentos são considerados como tais, ou seja, os afetos como temor, raiva, ira, são considerados, quando ainda é figura. Conclui-se que há uma hierarquização dos sentimentos no cotidiano e no grupo, do mais importante e louvável, aos menos importantes e os indesejáveis. No grupo isso aparece muito claramente, quando um sentimento “não louvável” como raiva aparece, ele é reprimido e jogado como fundo. Essa política da afetividade nos insere cada vez mais em um mundo de não autenticidade.

O grupo começa a agir, se movimentar. E é nesse momento que ocorre um fato importante: a médica se afasta de suas funções no PSF por motivos de saúde. Isso trás conseqüências para o grupo: a médica se afasta fisicamente do grupo, trazendo com isso mais liberdade para o grupo decidir sobre as questões da ONG, mas também, mesmo a distância, ela ainda influenciava o grupo, através da Diretoria. Nesse momento, o grupo assume um potencial de consciência crítica. Os elementos que estão contribuindo para isso são: o afastamento de um líder que tentava dominar o grupo em prol de seus objetivos pessoais e um aumento da liberdade dentro do grupo; a aproximação afetiva entre muitos membros, laços de amizade; a consciência que existem objetivos comuns a todos e que há necessidade de fazer com que as pessoas trabalhem juntas para os atingirem e avanço na consciência crítica de muitos membros (ao menos a maior expressão dessas opiniões no grupo).

Podemos verificar que o grupo oscila entre uma consciência do seu poder enquanto ator social e a dependência, política de “apadrinhamento” tão comum na cultura política brasileira. Onde um político se vale muitas vezes de um grupo, em parte para auxiliá-lo, mas também como trampolim político e cabo eleitoral. O Ser. E. admite que é necessário que as pessoas tenham acesso ao poder público, que também precisamos de uma comissão, ou seja uma pressão coletiva, mas ainda vê o vereador como um “facilitador” desse processo, uma “cunha” (ferramenta pontuda usada na marcenaria para abrir fendas na madeira mais facilmente). Percebe-se que a consciência crítica de alguns membros grupo oscila entre a

necessidade de utilizar os meios políticos existentes na cidade para conseguir suprir uma necessidade do grupo e o medo de se “envolver com a política”, ou seja, um receio de serem confundidos como partidários de algum vereador, porém há a ilusão de que não se envolvendo com políticos a ONG não tenha um tom político também, sendo que o agir coletivo sempre possui um tom político na sociedade. Como podemos ver no diálogo abaixo, quando era discutido se iria à prefeitura solicitar apoio para fazer um evento na orla da praia.

M. – Temos que ir lá (prefeitura) e dizer: Quero fazer isso, mas não tem condições, o que vocês podem fazer pra mim?

D. Ant. – Mas precisamos do alvará.

P. – Mas estamos com algo pra brigar... e exigir, pedir para limpar. Mesmo coisa daqui. Como vamos pedir que arrumem se não temos a proposta de ocupar.

R. – O prefeito disse que vai dar atenção a Praia.

P. – É ganhar um por um, uma coisa de cada vez.

M – E se, se, policia só por aquilo, por enquanto, ser objetivo.

P – A comissão de eventos é importante, vai gerar recursos, e dar apoio. Os outros vão depender de vocês. Por isso, temos que tem um planejamento do ano, é diferente quando se chega para exigir alguma coisa e se tem um planejamento. Aí uma coisa de cada vez. Qual é o próximo passo?...

Sr. E. - Eu acho que quando, for solicitar alguma coisa na prefeitura, a Vereadora se prontificou. Nós vamos lá, não sozinhos, mas com ela. Formar uma comissão... Eu me disponho.. mas tem que ir uma pessoa ... Tem que programar... Senão não consegue. Eu vou Sr. O. vai desde que seja acompanhado de uma pessoa que tenha acesso, senão não adianta.

Sr. O – tem que tem uma pessoa que tem acesso lá.

Sr. E. – Sempre acompanhado de um político. Não que eu quero política, mas nós precisamos de um político lá dentro.

(12/01/2005- Reunião da comissão de eventos)

Por outro lado, as pessoas começam a perceber que a relação com o poder público local pode não ser tão amistosa agora. As relações que se iniciaram há algum tempo, via médica e equipe do PSF, foi estremecida, devido a troca de prefeito e toda sua cúpula administrativa. Com isso, o grupo estava sendo pressionado e questionado pelas autoridades da cidade como o secretário de obras e a coordenação de saúde pública, aumentando a pressão sobre a ONG. Como conseqüências disso podem citar: O pedido da ONG para a montagem de uma barraca de venda de bebidas no carnaval do próprio bairro foi negado, ou melhor, foi imposta uma condição absurda para fornecer a autorização (a prefeitura exigiu que a ONG fornecesse água gratuitamente para as todas as pessoas no dia da festa em troca da autorização). As pessoas na prefeitura que antes disseram que ajudariam a ONG (uma vereadora e própria primeira-dama do prefeito eleito) nunca mais os receberam, tornaram-se inacessíveis. O processo de regularização da ONG ficou bloqueado em um departamento da prefeitura (A ONG ainda não tinha sido registrada, pois dependia de uma carta oficializando a cessão do prédio onde era ocupada pela ONG, para ter o endereço e essa execução dessa carta

arrastou-se por meses a fio). Os funcionários do PSF foram impedidos, por seus superiores, de participarem do grupo, (algumas pessoas da secretaria de saúde foram ao PSF e os questionaram sobre a ONG, deixando as pessoas com medo, temor por seus empregos). Dois vereadores procuraram o grupo querendo saber mais informações sobre a ONG e querendo uma aproximação. Devido a esses fatos algumas pessoas do grupo começam a questionar a relação entre a ONG e o poder público, se revoltando e se indignando com a manobra política desses atores sociais. Esse movimento gerou sentimentos de indignação em várias pessoas do grupo:

Também foi falado que a prefeitura estava dificultando a legalização da ONG, através da burocracia.
O Sr. E: **Indignado.** “Se não quiserem dar a autorização, nós mudamos de prédio”.
O Sr. E questionou se isso (aproximação dos dois vereadores) era um bom negócio para a ONG.

(27/01/2005 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

Os objetivos do grupo começaram a ser traçados e discutidos no grupo. Em Janeiro de 2005 foi realizado um evento que contribuiria muito para que o grupo avançasse sua consciência crítica, mas também, como qualquer ação, essa também teve conseqüências contraditórias para outros membros. O pesquisador analisando o momento do grupo propôs uma atividade, baseada na técnica de “temas geradores”¹⁵ de Paulo Freire, onde seria montada uma exposição de fotos e recortes de jornais relatando sobre a história do bairro. Também havia a intenção de levar essa exposição para diversos pontos do bairro como escolas, supermercados, bares, postos de saúde (locais de grande circulação de pessoas) para que as pessoas pudessem conhecer melhor o bairro onde vivem, suas histórias, sua realidade e também perante o grupo tinha uma dupla finalidade: Fazer com que o grupo realizasse um trabalho coletivo, com vistas ao fortalecimento dos vínculos e desenvolver a consciência crítica dessas pessoas em relação aos problemas do bairro, através da discussão dos fatos que levaram a atual situação do bairro, estimulando a reflexão sobre o cotidiano dessas pessoas e proporcionar um espaço para reflexão crítica sobre a realidade. Solicitou-se, então que as pessoas trouxessem várias recortes de jornais que falassem do bairro, fotos de suas famílias tiradas no bairro e outros recortes que achassem interessante.

¹⁵ A técnica de temas geradores que foi usada por Paulo Freire na alfabetização de adultos consiste apresentar fotos, recortes de jornal, contar fatos com o objetivo de gerar discussões sobre o tema e fazer com que os indivíduos caminhem para uma conscientização do seu cotidiano.



(27/01/2005 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

Na atividade ocorreram fatos muito interessantes, desde comentários bem críticos sobre a realidade, expressões de sentimentos em relação ao bairro e as pessoas que ali vivem. Na seqüência serão citados alguns trechos que demonstram como as emoções permearam esse trabalho e seu papel na tomada de consciência. Podemos destacar as discussões surgidas entorno das fotos e matérias de jornal sobre os problemas de bairro. Em diversos momentos as pessoas foram mais críticas e construtivas em relação a sua realidade. Nessa atividade podemos verificar as três dimensões da atividade grupal: Operativa, valorativa e afetiva. Na Operativa: organização para a tarefa. As atenções estavam bem voltadas para o fazer, mas também para o refletir. A Valorativa: as pessoas expressavam por vários momentos seus valores, sobre o sentido de comunidade, as outras pessoas. E Afetiva: seja quando dizia sobre algo que era bonito mas acabou, seja quando diziam que se sentem indignados pela situação atual. Em destaque algumas dessas falas. As emoções emergem no grupo não somente em momento de conflito, mas também de descontração e alegria.

Quando fazemos algo que é valorizado pelo grupo, damos um sentido estético positivo, a beleza. A atribuição do valor beleza é fundamental para o trabalho grupal. Quando um grupo produz algo belo, valorizado, isso aumenta sua estima de si, mediado pelo outro. É o aspecto afetivo da beleza estética do trabalho.

Sr. E: - Está ficando bonito isso...
V – **Sorri...**

(27/01/2005 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

Nessa reunião o clima estava mais leve, ou seja, as pessoas relaxaram mais, ficaram menos tensas, brincaram bastante, se divertiram. Os aparentes conflitos da reunião anterior foram abrandados, ou tiveram uma trégua. As pessoas puderam expressar mais livremente suas emoções e opiniões. A emoção de alegria e descontração torna-se figura no grupo.

P – O Sr. não quer colar nesse papel aqui Sr. O (trocando o nome da pessoa).

Sr. E. – Me corrigindo. É E.

Risos generalizados...

Sr. E – Já está trocando meu nome...Fiquei quieto.. **(risos)**.

R. – Pior é chamar de “Seu Zé”.

Sr. E – “Seu Zé” é duro **(risos)**.

Risos no grupo.

...

(27/01/2005 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

Talvez, devido a um clima mais favorável, o grupo se torna, mesmo que momentaneamente , um novo local de trocas afetivas e simbólicas, através de relatos de fatos exteriores ao grupo, da vida pessoal das pessoas. O que em outros momentos não acontece. Isso demonstra como os vínculos afetivos favoráveis abrem a possibilidades de novas portas de comunicação e de trocas simbólicas-afetivas, transformando o grupo num *espaço para falar*. Demonstra também uma evolução do grupo. Não para a harmonia e coesão (pensando no sentido mais clássico do termo), mas em novas possibilidades de trocas da vida cotidiana. A aparente formalidade, tão presente em outros momentos, do grupo dá lugar a proximidade e a abertura:

Sr.E – Ontem fui levar meu carro para revisão... Aí tem aquela proteção na porta... Eu paguei cem reais em novembro e hoje me cobraram-me mais... Caro, não é?

(27/01/2005 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

Em alguns momentos o pesquisador foi mostrando algumas das matérias de jornal e perguntando as pessoas se lembravam daqueles fatos. (Isso faz parte da técnica). Provocando uma discussão sobre o tema.

Por exemplo:

Manchete do Jornal: “*Guerra de Passeatas incomoda moradores da Praia Azul*”.

Sr. E – Me lembro, eles ficavam passando de carros em torno do comício do adversário fazendo barulho.

M – É mesmo.

S. – Eles fizeram carreatas sim.
Sr. E. – Isso aí é político ignorante.

Outro Exemplo:

Sr. E – Pode ser que eles não fazem nada, mas que nós enchamos o saco deles (os políticos), isso sim.
P – Começa por aí, não é.

Outro Exemplo:

Sr. E – Você sabe de uma coisa, aqui na Praia...você vai conversar com gente...Você fala: Vamos nos unir.. : << Ahh, aquela porcaria >>. Não pode. Não tem união...Fomos vender uma rifa para a ONG aqui: << Aquilo lá não é nada, aquilo é uma porcaria >>.

R – É fácil reclamar.

(27/01/2005 - Reunião / Montagem da placas para a exposição das fotos)

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE AMERICANA		Americana
Jornal: TODDIA	Número: 279	Assunto: HISTÓRIA - BAIRROS - BAIRRO PRAIA AZUL - PROBLEMAS
Data: 02.08.1997	Página: 12	

Moradores reclamam de preconceito

Fama de local de prostituição resulta na desvalorização de imóveis e discriminação para se arrumar emprego

Luciano Calafiori

Americana

O preconceito e a desvalorização monetária de imóveis têm endereço certo em Americana: a Praia Azul. Morar no bairro quer dizer muitas vezes ser confundido com prostituta e ter de se desfazer de um imóvel por até duas vezes menos do que o valor real. Nos dias que não tem blitz policial, moças e até senhoras são abordadas por clientes da venda de sexo. É constrangedor ser confundida com prostituta. Comigo não aconteceu, mas se acontecer processo por danos morais", disse a secretária da Associação dos Moradores do Jardim do Lago, Elizabeth dos Santos. Ela conta ser comum moças e até senhoras serem abordadas por homens que perguntam, "você faz programa?"

S. R. S. que comercializa cosméticos na região da Praia Azul, disse ter escapado de uma blitz policial no bairro com a ajuda de outras mulheres. Na quarta-feira, 24 mulheres foram autuadas por prostituição e atestado público ao Fudor e todas levadas ao 4º Distrito Policial num ônibus da Guarda Municipal (GAMA). Outra blitz foi realizada ontem (leia mais detalhes na página 12).

Tava andando com o castiço e, quando fui subir as ruas dos motéis, um guarda queria que eu subisse no ônibus. Ai eu disse a ele que vendi produtos e que moro num motel porque meu pai é gerente lá. Isso é chato porque eu nunca fui numa delegacia", disse S. R. S. que é maior de idade, mas não quis se identificar.

Para o comerciante Luis

Carlos Samora, que mora e trabalha na chamada orla da Praia Azul, os motéis não deveriam ser permitidos naquela área. "Não deveria ter motel aqui. O que tem aqui não é motel, é uma zona", disparou o comerciante. Parte das moças que atendem clientes na Praia Azul mora nos motéis. O preconceito por morar na Praia Azul atinge os homens também. Jovens disseram ter problemas para arrumar emprego e até namorar moças residentes de outras áreas da cidade. R. T. anos, disse que já teve problemas por morar no bairro. "Se eu chego num emprego e digo que moro aqui, eles respondem que já arrumaram alguém para a vaga", disse. A discriminação com os moradores também atinge as paupéras. "Até com a mulherada se fala que é da praia desbratada", completou R. T.

A. 16 anos, e amigo de R. T., também convive com o problema. "Temos que aprender a conviver, o povo discrimina", opinou. Segundo A., está cada vez mais difícil morar no bairro porque a qualquer momento uma blitz pode complicar a vida dos moradores. "É horrível morar num bairro que não se pode sair na rua. Se a polícia leva a gente, nossa mãe pode pensar que estamos envolvidos com droga", sentenciou A.

Moradores da praia disseram não serem contra as prostitutas, mas sim questionarem o Poder Público sobre como reverter a imagem do bairro. "Ninguém tem nada com as prostitutas, elas não arrumam problemas. Se tem família de domingo aqui, elas não chegam perto", revelou a comerciante Giovana da Silva, moradora do Jardim do Lago.



ELIZABETH: secretária da Associação diz que moças e senhoras são confundidas com prostitutas

Moradores reclamam das blitzes

Mesmo com a blitz da Polícia Militar e da Guarda Municipal (GAMA), que autuaram 24 prostitutas na última quarta-feira na Praia Azul, o comércio do sexo continua no bairro durante o dia e principalmente à noite. Na quinta e sexta-feira, dezenas de prostitutas agitam em redes de motéis, mas se afastavam ao sinal da imprensa e da polícia. Na blitz realizada, 24 mulheres foram autuadas por prostituição e atestado público ao poder. Moradoras e comerciantes que não fazem parte do comércio de sexo questionaram a ação da polícia e da GAMA. Segundo eles, um dos motéis não foi fiscalizado, enquanto outros tiveram suas moças levadas para o 4º Distrito Policial.

As mulheres que fazem parte do cotidiano do sexo no bairro estão usando artifícios para tentarem escapar das blitzes policiais. Elas agora levam nas bolsas produtos femininos para se passarem de vendedoras de cosméticos.

Quinta e ontem elas andaram normalmente no bairro até a realização de uma nova blitz, mas algumas preferiram se manter nas ruas mesmo agitando para se prevenir de novos flagrantos. Temerosos também estão os vendedores ambulantes do local, que estão sem os impostos regulamentados. A Prefeitura prometeu investigar sobre esses comerciantes. (LC)

Desvalorização dos imóveis

A desvalorização dos preços de imóveis na região da Praia Azul vem revoltando moradores que tentam se desfazer das propriedades. No mercado imobiliário, as casas das ruas próximas aos motéis, onde agem as prostitutas, têm preços até duas vezes inferior ao preço venal.

O comerciante Luis Carlos Samora, que reside ao lado de motéis e comercializa lanches na orla da praia afirma ter uma casa que vale R\$ 300 mil, mas se for pôr à venda não consegue valor superior a R\$ 80 mil. "Não vendem mais do que isso. É só passar pe-

la casa e ver o ambiente em volta que não compra pelo preço certo", disse o comerciante. Para reverter esse processo de desvalorização no mercado de imóveis, a solução encontrada é a limpeza da região da Praia Azul e revitalização do bairro. A Prefeitura tenta com instituições financeiras um empréstimo de R\$ 7 milhões para realização da rede de esgoto da área. Sobre melhorias no resto do bairro, nada há de concreto.

Segundo o corretor imobiliário Jair Zanaga, na Praia Azul a desvalorização de imóveis não se dá

em todo o bairro. "Depende do local onde se tem o terreno ou casa. Isso influencia muito. A Praia Azul é bem procurada, mas na parte baixa do bairro, perto dos motéis, os preços caem. Não tenho uma noção completa porque é preciso ver o imóvel para dizer", disse Zanaga.

Em outras áreas mais afastadas dos motéis o comércio de imóveis é tido como promissor. "Tem chácara lá que estão sendo vendidas por até R\$ 45 mil e fica a uma quadra de padaria e outros comerciantes", relatou o corretor Jair Zanaga. (LC)

06

(Recorte de Jornal utilizado na montagem da exposição – 18/02/2005)

Nas falas podemos verificar que o grupo entra em um momento de discussão sobre a situação do bairro, sua própria situação. No decorrer da técnica, o pesquisador ia colhendo os recortes de jornal e perguntando o que as pessoas achavam daquilo. Nesse dia muitas informações interessantes foram dadas pelos participantes, as pessoas davam suas opiniões lembravam de fatos ocorridos semelhantes, como a manchete acima "Moradores reclamam do

preconceito”, falam de seus sentimentos sobre os assuntos, sobre o bairro, sobre o grupo. As emoções ajudam a desvelar aquilo que está latente, o incômodo não nomeado, sentido, mas muitas vezes negado, da revolta, da indignação pela situação que o morador passa no dia a dia. Da discriminação, da saudade de outros tempos, que ao menos na memória, foram melhores que os de hoje, na esperança que os faz vir até aqui. As emoções mobilizaram um agir crítico sim. A afetividade intervém em todo processo comunitário e mobiliza vários processos como a participação, o compromisso, a reflexão e avaliação a formação de identidade comunitária e sentido de comunidade e dinamiza a ação dos grupos na comunidade.

Esse encontro ajudou a catalisar e dinamizar algumas ações do grupo: o Sr. E, através de contatos pessoais, conseguiu que um Jornal da cidade e uma rádio se interessasse em entrevistar o grupo. Assim, marcado o dia os jornalistas vieram para o bairro e fizeram uma entrevista para o jornal local.



(Membros da ONG no momento da entrevista para um jornal local -18/02/2005)

Na entrevista pode-se notar alguns fatos interessantes: primeiro, o grupo se posicionou enquanto tal, ou seja, eles falaram em nome de um ser coletivo, em nome da ONG. O grupo assume um nós, mesmo que esse “nós” não incluía todos os membros do grupo. Essa atitude pode ser vista como uma das definidoras da identidade grupal; segundo, o sentido dessa ação para o grupo e para seus membros que participaram da ação por um lado queriam realmente fazer valer seu direito de protestar, mas também, isso se revelou no final, tinham uma segunda intenção (a promoção da figura da médica à custa do grupo).

Durante, a entrevista, entretanto, pudemos notar também o como a consciência crítica dos membros do grupo é relativa. Se por um lado existem membros que procuram, através da problematização e historização dos problemas, chegarem às causas fundamentais da atual situação (mesmo que não extrapolem isso em um nível mais macrosocial), outros membros focam, ou mesmo culpam determinadas pessoas ou grupos pelos problemas do bairro. Os dois principais grupos que são os “culpados” pelos problemas do bairro são as “profissionais do sexo” e “os proprietários de motéis”. Abaixo temos dois trechos das entrevistas cedidas por dois membros da ONG. No primeiro, o morador tenta achar uma explicação para sua atual situação, enquanto morador, buscando encontrar as raízes dos problemas na poluição das águas da represa do Salto Grande. De certa forma é uma visão mais crítica, mas ainda não conseguiu relacionar essa situação com discriminação sofrida historicamente pelo bairro pelo poder público, já que a poluição e tudo o mais está inserido numa lógica, onde os interesses econômicos de alguns grupos (como os industriais da região que depositam seus detritos há décadas nessa represa) se sobressaem sobre a população em geral (todos os moradores da região da represa do Salto Grande, que abrange três cidades diferentes).

O problema central da Praia Azul, o principal, todos os outros problemas eles giram entorno da poluição das águas da represa. Os outros problemas são periféricos, não deixam de ser importantes, talvez sejam tão importantes quanto. Mas eles giram em torno desse outro problema. Os problemas secundários são: a falta de asfaltamento público, a fiscalização do poder público dos estabelecimentos comerciais do bairro e o aumento de motéis, que estão funcionando sem autorização, não sabem se tem alvará, muitos deles em condições precárias com preços aviltantes, que eu tenho certeza que se fossem comércio sérios esses preços não seriam praticados. A vinda desses motéis, eles facilitam a prostituição, o porte e tráfico de drogas...eles usam para usar drogas...também a violência que aumenta por causa do abandono, então basicamente é isso. Nossa proposta é despertar o interesse do poder público pelo nosso bairro, porque é um bairro antigo...e até agora não vimos fazerem algo e a resolução desses problemas é vital para o desenvolvimento do nosso bairro.

(18/02/2005 – R. na entrevista do grupo da ONG para o Jornal “O Liberal”)

Mesmo assim, vejo que isso significa um avanço na consciência crítica do indivíduo, pois ela começa a compreender que o aparente, o imediato, tem raízes sócio-históricas e que devem comparar sua análise com o imediato, verificando as contradições existentes entre as representações sociais do que se acredita (por exemplo, que a violência é fruto de indivíduos maus intencionados simplesmente) com suas atividades desempenhadas na produção da sua vida material. Porém outros membros do grupo elegem a questão da prostituição em si como geradora dos problemas do bairro, acusando-as e também os motéis como os principais causadores dos problemas do bairro, principalmente da estigmatização das pessoas.

Sr. E- reclama da discriminação sofrida pelos moradores do bairro:

“ ... Essas prostitutas chamam (os motéis)...Na minha opinião, a Praia Azul... quando você vai fazer uma compra e pede seu cadastro: << Onde o Sr. mora? >>.Na Praia Azul, na rua tal, já é motivo pra, de... de...**preconceito**, então é isso que nós precisamos terminar, abolir, nós vamos procurar de toda maneira fazer festa, atividade sadia, unir crianças, como já fizemos no carnaval... então nossa finalidade é moralizar o bairro...Isso que é mais importante. ... Infelizmente, nós temos um motel aqui, que é um verdadeiro...nunca vi... esse que é o principal...é um chamariz de prostituta...esse é horrível...isso traz uma prostituição terrível para o bairro... estou falando mas é verdade mesmo, tem gente que tem medo de falar, porque: << Ahh. Não sei o que. >> pode sofrer ameaça, porque já sofreram ameaça, mas alguém tem que falar, para que esse problema seja resolvido, não é verdade?...Ele dá uma cobertura para as prostitutas... ”.

Sr. E “ isso aqui é um bairro de turismo, infelizmente é abandonado...Aqui moram famílias boas, distintas...do jeito que estamos caminhando as pessoas decentes, as pessoas normais...tem bastante aqui..vão acabando indo embora...E vai ficar quem? As prostitutas vão dominar nosso ambiente...

Sr.O “...eu mesmo tenho uma filha, minha esposa mesmo, saí para tomar ônibus toma cantada...não respeitam mesmo...”

(18/02/2005 – Sr. E e Sr. O. na entrevista do grupo da ONG para o Jornal “O Liberal”)

Mesmo que a matéria do jornal seja uma versão do próprio repórter sobre o que as pessoas falaram (pois ele focou muito a questão da prostituição) percebemos que isso mexeu com o grupo, ficaram mais animados, sentiram-se valorizados, como alguém que tem voz e pode falar e ter alguém que escuta. Essa atitude foi importante, mas também demonstrou um outro problema interno no grupo (a questão da disputa entre os subgrupos), pois algumas pessoas não foram convidadas para participar dessa entrevista e isso gerou um desconforto nas reuniões seguintes.



(Jornal "O Liberal" de 24/02/2005, gerado através da entrevista cedida pelos membros da ONG).

Na reunião seguinte (reunião da comissão de eventos em 21/02/2005), as relações entre os membros do grupo pareciam mais tensas, havia um clima de questionamento das atitudes de várias pessoas, entre elas o tesoureiro o Sr. E, porém a questão da entrevista não foi mencionada por ninguém do subgrupo que participou. Isso nos leva a observar que os conflitos internos no grupo pelo poder já estavam acontecendo (Mesmo que as questões da entrevista tivessem o agravado). Foi um dia de muita tensão dentro do grupo, de exaltações de vozes, de reclamações sobre a exclusão de alguns membros do grupo por outros. A questão emocional torna-se novamente figura.

Sil – O certo seria alguma coisa para deixar em caixa... para nós comprarmos ...alguma coisa...pelo que estou vendo não tem nada em caixa.

S. - Tem da Ong. Mas não sei se pode ficar gastando, quem tem que resolver isso aí é o grupo todo... não só o tesoureiro...

M – do jeito que você está colocando teria que fazer um caixa 2.

Sil. – Exatamente. Para poder...comprar alguma coisa .. precisar fazer uma reunião...

M- não dá.

Sil – O que cada grupo (comissão) decidir tem que aceitar...

Sil – Uma coisa que estou sentindo no grupo é falta de comunicação...está faltando incentivo da pessoa. Por exemplo...Ir à prefeitura, pegar e ligar: << Eu estou indo à prefeitura, você quer ir comigo? >> falta isso. O que está acontecendo no nosso grupo é isso. **(exaltada)**

(21/02/2005 – Reunião da Comissão de Eventos)

As discussões que geralmente são acaloradas (demonstração das emoções), nos diálogos as pessoas demonstram mais suas exaltações, quando não gostam, quando discordam, quando concordam...não se fala em emoções, não as nomeia ou assume-se claramente: “eu estou irritado com você”, porém elas são notórias...nas entonações, no volume das vozes, nas expressões e gesticulações. Apesar dos conflitos, os subgrupos têm no aspecto organizativo um dos principais objetivos do momento, mas isso aparece como uma forma ganhar poder perante os outros subgrupos, ou seja, eles estão empenhados em produzir algo, mostrar ação, para ganhar notoriedade no grupo maior. O interessante nessa reunião foi o questionamento da autoridade do tesoureiro, enquanto um papel atribuído pelo grupo numa eleição e assumido por um membro, como membro da diretoria. Também as relações de poder são entendidas como falhas de comunicação. Isso é interessante observar, pois o poder é questionado. Existem muitos conflitos e há o sentimento que o grupo poderá se desfazer. Por isso o grupo estabelece instrumentos reguladores de ações individuais e coletivas para evitar sua dispersão do grupo, reduzindo a liberdade individual e priorizando o interesse coletivo. Do ponto de vista afetivo, o medo de dispersão torna-se mais forte. O grupo estabelece mais rigidamente um controle para quem participa ou não das reuniões e apelam novamente para o estatuto. Quando o grupo separou as tarefas e criaram novos papéis, criou condições para uma nova *Organização*, porém essa reorganização interna também gerou uma nova visão do grupo sobre a questão do poder, tomando consciência de sua unidade prática, com a perspectiva do objetivo conscientemente perseguido, por isso percebeu-se que há uma tentativa de uma redefinição do poder no grupo. Mesmo que a organização do grupo tornou-o mais eficaz e se estabeleceram meios para lidar com as condições objetivas através das comissões, a necessidade da divisão das tarefas e o enfrentamento do poder criaram uma situação de perigo para a soberania de todos. Com isso, aumentaram no grupo os conflitos pelo poder e o temor pela dispersão é constante. Nesse momento as ações são mais duras para controlar as possibilidades de fuga, desvio e não participação. Há o estabelecimento de um estatuto comum de forma declarada. Os integrantes do grupo procuram criar regras mais rígida para que o grupo não se disperse, representado pela rigidez na faltas das reuniões, na participação de eventos. O sentimento de temor da dispersão do grupo torna-se figura e os sentimentos de desconfiança aumentam.

M - “a idéia de formar os grupos é exatamente para isso...foi colocado que haveria uma rigidez na falta da reunião..tem gente que nunca apareceu...e foi colocado para se fazer uma escala...”

Sil – “ ... em um evento alguns moradores me perguntaram: << Cadê as outras pessoas? >>. Eu acho que devem vir de qualquer jeito...”.

Sil – “...quando tem um evento às pessoas do grupo devem vir...tem que vir... não levar com a barriga...”

Conflito no grupo. Sil questiona o agir do tesoureiro do grupo. Ela quer saber como o dinheiro de uma rifa foi empregado.

Sil – “ o que eu quero saber é isso.. onde foi usado o dinheiro é nosso direito saber...”.

(21/02/2005 – Reunião da Comissão de Eventos)

Os conflitos aumentaram e a desconfiança também. A luta pelo poder interno no grupo é evidente nesse momento, a emoção aparece a todo o momento nas acaloradas discussões. Isso aumenta mais quando o mesmo subgrupo (a diretoria) faz uma entrevista para uma rádio local. A entrevista foi ao ar ao vivo, durante um programa que se chama “A voz do Povo”, onde um repórter vai toda semana a um bairro, conversa com os moradores, que fazem uma participação ao vivo, reclamando e falando dos problemas do bairro. Como disse, somente participaram as pessoas da diretoria da ONG, que não avisaram os demais membros. As temáticas das falas das pessoas giraram em torno de duas questões: a prostituição e os motéis. De certa forma, foi o repórter que levou as discussões nesse sentido. Isso seria um fato interessante para se analisar como a mídia constrói a notícia e reproduz a discriminação e o estigma social, porém não cabe nesse trabalho essa análise. O que nos interessa é conferir quais foram às conseqüências desse fato para o grupo e a comunidade.

O repórter entrevistou o Sr.E, o Sr. O, R, P. As perguntas ressaltaram o problema dos motéis e da prostituição. E as repostas, por esse motivo, não saíram desses temas. Houve também a participação do S.C. e de um proprietário de um motel do bairro, via telefone. O S.C. falou sobre os problemas dos motéis em um tom bem irritado, tanto que o apresentador do programa cortou a participação dele, tirou-o fora do ar. No final do programa o R. falou da ONG e convidou as pessoas para participarem. O Sr. O e o R. , também no final, tiveram um comportamento interessante que revelou um pouco da segunda intenção dessa ação como dito anteriormente, ele pediu a palavra e falou sobre a médica do PSF em forma de agradecimento. A ambivalência do grupo como um todo em relação médica, se por um lado ela representa uma opressão sobre o grupo, por outro, alguns membros a apóiam e até se submetem a fazer suas vontades, como nesse fato. Ficou claro depois que ela havia de alguma forma, ou instruído ou incentivado para que falasse sobre ela na entrevista. A ambivalência também é emocional, pois de um lado a temem e por outro se sujeitam a ela.



(22/02/2005 – Entrevista da ONG para a rádio Você AM 580)

Ele tinha preparado um texto para isso. Interessante dizer que nesse momento a médica corria o risco de ser demitida, pois ela não era um funcionário concursado e houve um concurso público recentemente para contratação de novos médicos e ela não prestou o concurso. Os agradecimentos foram os seguintes:

R – “...essa ONG ela nasceu graças a uma pessoa que se identificou com os problemas da Praia Azul, é uma médica ela trabalha no PSF, Dra . M. e nós gostaríamos de aproveitar a oportunidade para agradecê-la...”

Sr. O – “ quero fazer um agradecimento em nome de todos...a Dra. M....tentando melhorar ...obrigado por você existir, sem você o que seria de nós?...”

(22/02/2005 – Entrevista da ONG para a rádio Você AM 580)

Essa entrevista foi interessante, pois demonstrou um pouco do funcionamento do grupo. Mas também revelou como uma estratégia de manipulação da médica, usando o grupo pra interesses próprios. Isso trouxe conseqüências sérias para o grupo, como por exemplo, o agravamento dos conflitos internos do grupo e o aumento da disputa entre os subgrupos (subgrupo pró-médica e subgrupo contra médica). Isso também demonstra que o grupo estava suscetível a ser manipulado por uma pessoa (um líder), ou seja, ele serviu de instrumento político para essa pessoa, mesmo estando afastada do grupo. Nesse momento, dá-se início a “quebra do grupo”. No final da entrevista, algumas pessoas do outro subgrupo (contra médica) ligaram irritados com o que os outros tinham feito, pois não tinham sido avisadas e

que só agradeceram a médica e não a equipe. As conseqüências apareceram mais claramente na próxima reunião, que foi definidora para a continuação ou não desse grupo.

Na reunião seguinte, podemos dizer que se consolidou a cisão do grupo, em um ambiente muito tenso, onde emergiram os conflitos latentes e também surgiram novos. A formação de subgrupos por vínculos afetivos e interesses pessoais tornou-se evidente para o grupo. Houve o risco do grupo realmente acabar, sendo que várias pessoas pediram exoneração de seus cargos. Nas falas pudemos verificar o caráter comunicativo das emoções, o quanto impulsionavam as discussões e ao mesmo, o quanto bloqueavam as possíveis soluções desses conflitos. Nesse episódio ocorreu um fato interessante, as emoções começaram a serem nomeadas nas discussões do grupo. Elas sempre estiveram presentes, mas as pessoas do grupo pouco tomavam contato com suas emoções e sentimentos (ou se tomavam, não expunham) e muito menos com as emoções dos outros. A questão de como me sinto nessa situação perante meu colega de grupo e o que isso produz em nossa relação e aos resultados do grupo, geralmente, não era tocado nas reuniões. O grupo era gerido por uma pseudo-racionalidade, que excluía ora conscientemente (“não devemos falar de nossos conflitos”), ora de uma forma não consciente (as questões afetivas são, geralmente, tratadas no âmbito privado e não no público). Desvelando uma política da afetividade que exclui o tema emocional das instituições e organizações. Parece que a emoção somente atrapalha e o assunto deve ser excluído do âmbito público de nossa vida como no trabalho, nas ações que fazemos em nosso dia a dia para a sobrevivência. As emoções são reservadas para o âmbito privado, para a família, para a cama. Assim, quando acontece um fato que faz com que as pessoas tenham que lidar com as emoções no âmbito público, ficam sem jeito, incomodadas e, geralmente, não sabem como lidar com elas. Nesse sentido, esse momento do grupo foi praticamente uma “catarse coletiva” onde as pessoas falaram de seus sentimentos (negativos e positivos) em relação às pessoas e ao grupo como um todo. Porém essa experiência agravou ainda mais os conflitos existentes entre os sub-grupos e fez com que rompesse a frágil trama das relações desse grupo comunitário. Numa comunidade, existem vários tipos de relações, desde as mais solidárias, as de dependência, as centralizadas em si mesmos ou no núcleo familiar, as instrumentais (vejo o outro como um instrumento para conseguir o meu objetivo) e outras, mas em todas elas a afetividade das pessoas e seu sentido de comunidade tem um papel fundamental na determinação da viabilidade e duração dessas relações. Pode-se dizer que os que os congregavam ainda eram motivos mais circunstanciais e de interesse pessoal do que relações solidárias autênticas com as demais pessoas da comunidade. Com isso, não quero dizer que não existiam relações afetivas verdadeira, trocas afetivas, entre as pessoas, pois

existiam, mas ocorriam muito mais os vínculos formados extra grupo do que pelo contato e os propósitos firmados nesse coletivo.

Os últimos acontecimentos (as entrevistas) contribuíram para que os conflitos emergissem. Em uma reunião anterior um dos membros questiona a postura de uma das pessoas na execução de suas funções de tesoureiro, questiona na verdade o funcionamento do grupo, porque todas as vezes que precisar comprar alguma coisa, tem que ser aprovado pelo tesoureiro e a diretoria da ONG. Não se sabe o motivo desse questionamento, porém ele existiu e isso gerou um conflito interno no grupo, causando um estremecimento nas relações, porém também funcionou como um “gatilho” para que se disparassem opiniões e sentimentos que não estavam sendo expressas no grupo. As emoções tornam-se novamente figura. A seguir colocamos um trecho dessa discussão.

Em seguida o Sr. E, pediu a palavra e a reunião mudou de tom ele falou que estava “**magoado**” com “algumas pessoas” que questionaram o que ele estava fazendo com o dinheiro da ONG. Achou um absurdo e pediu demissão do cargo de tesoureiro, entregando o livro-caixa para uma pessoa. Em seguida um trecho desse diálogo.

M – ela não cobrou oficialmente a ONG, ela só perguntou: << para onde vai o dinheiro da rifa? >> . Entendeu?

Sil – Nós estávamos discutindo sobre o material para ser comprado, tanto que a D. A. falou assim: << Dois reais de cada um para começar >> e perguntaram onde estava o dinheiro e ninguém sabia onde estava o dinheiro.

M – Ninguém sabia.

Sil – foi optado, para que eu comprasse o material e reembolsasse. Todas as pessoas têm que estar aberto a saber...Foram falar que eu quero saber... (**Irritada**)

M – Você tem o direito como todos de saber como qualquer um. (**muito irritada**).

Sil – Estou dando um dia meu para erguer isso aqui...já fiz isso. Só que são pessoas ignorantes para abrir a cabeça para isso... estou sendo voluntária...

M – Foi um mal entendido...

M – Se toda vez que precisar comprar alguma coisa para ONG, precisar fazer reunião, não vai andar nunca.

Sr. O – Não é assim. É dinheiro. Nós vamos fazer isso. Todo mundo concordou.

Sr. E – A ONG tem que ser uma união... Não quero discussão...estamos aqui para um bem só: a Praia Azul. Agora se haver desavenças, eu caio fora... Não quero que duvidem dos meus atos... (**muito irritado**). ... as pessoas têm que primeiro participar...Tudo tem limite, chegamos no limite...(**enfático**).

D. A – Pelo amor de Deus, estava tão bonito, agora vai acabar tudo.

Sr. O – Não dá, já tentamos...

Muita emoção no ar, exaltações de vozes...

Sil – Eu vou parar, vou fazer o curso na minha casa, eu saio.

F – Tem que parar com esse negócio, por a cabeça no lugar, tem que estar preparado para tudo...Vamos nos unir...parar de fuxico...

Muitas pessoas falando ao mesmo tempo.

Sr. E. – Quando se começa é a maior alegria, mas depois vai vendo a realidade...tem pessoas no bairro que querem colaborar e outras querem puxar o tapete...criticar é a coisa mais fácil que tem...

(03/03/2005 – Reunião Geral da ONG)

Muitas palavras surgiram nesse dia para nomear, dar um sentido, ao que estava acontecendo, ou melhor, ao que se estava sentindo: “magoado”, “sentir prazer”, “desmotivado”. Quando tomam consciência de que estão falando de seus sentimentos nomeiam isso de “lavar roupa suja”. Essa é uma expressão interessante que nos revela muito de como a nossa cultura lida com as expressões de nossas opiniões e sentimentos. Desvela uma política da afetividade perversa. Quando nossas opiniões e sentimentos (em geral negativos em função do objeto) não estão em conforme com o discurso dominante num grupo, numa cultura, ou que não fala “aquilo que é permitido”, são taxados como ruins e, portanto não são bem aceitos num discurso cotidiano “civilizado”. As normas sociais levam as pessoas a maneiras de sentir, mas normas não produzem o sentimento diretamente, elas servem como uma indicação, as pessoas agem conforme uma convenção social externa, elas se ajustam a norma, que por sua vez poderá gerar o sentimento que a norma tentar estabelecer. No caso de eu acreditar nessa norma e não conseguir realizá-la pode gerar um sentimento de culpa.

Porém ai é que está o interessante: ao expor nossa roupa suja perante as pessoas, também expomos nossa intimidade, aquilo que temos de mais pessoal. Simbolicamente, expomos nossos sentimentos e opiniões pessoais, nossos posicionamentos, nossos desejos. Não é a toa que essa expressão surge nesse momento do grupo, a repressão da expressão do que se sentia atingiu um grau insuportável e encontrou uma forma de aparecer, através do conflito. Se pensar bem, os conflitos no interior de um grupo de trabalho, são na verdade uma forma de resistência dessas pessoas a imposição ideologizada da não expressão de seus sentimentos e opiniões. O que é “ruim” também é para se mostrar num grupo. Mas diria Paulo Freire: “nós engolimos nossos opressores” e acabamos reproduzindo dentro do grupo a lógica dessa ideologia que nos talha que nos cinde, que nos bloqueia e reprime, assim quando surgem os conflitos nesse dia, algumas pessoas assumem uma postura de “por panos quentes”, ou seja, de tentarem sufocar esses conflitos. Mas no nosso caso, os efeitos já foram sentidos pelo grupo., levando as pessoas a mostrarem-se um pouco mais e a se posicionarem a favor de um ou outro sub-grupo. Nesse ponto isso foi um avanço para o grupo, um crescimento, uma evolução, porém a trama frágil que os unia não suportou e rompeu. Abaixo segue um outro diálogo onde aparecem esses fatos comentados.

Sr. E fala da importância do prazer em participar de um grupo.

Sr. E – Uma organização como a ONG devia ser como uma espécie de lazer...é gostoso participar... procurar o bem do bairro...deve participar com prazer, acho que isso é muito essencial. Agora...Será isso, será aquilo... essa contradição...é horrível, já um sacrifício...eu sempre participei com prazer...Não desmotivado.. não pode.

Sil assume uma postura mais branda no grupo...tentar superar o conflito...
Sr.E – “ Precisamos de mais diálogo no grupo.”
Sr. E intima o sub-grupo das ACS se irão continuar participando ou não.
V – “A idéia foi do PSF, mas agora...”
Sr. O – Cobra uma postura das ACS.
...
Sr.E e Sr. O – cobram das ACS que os convites para a população devem ser feitos por elas.
M- “lavar roupa suja” – “quando teve a entrevista no rádio não nos avisaram”.
...
Sr.E – “lavando roupa suja” – “pedi para você dar um retorno de um assunto e não deu...”
V. assume um papel de conciliação.
V – “Esse conflito entre PSF e ONG tem que se resolver...temos que superar...”
R. também assume uma postura de conciliação e esclarecedora.
R – “ temos que aprender a desvencilhar o PSF e a ONG. não podemos cobrar nada do PSF, só podemos pedir colaboração...eles tem uma função social diferente da nossa...mas não podemos perder o nosso foco, para isso temos que ter união e passar por cima de problemas pessoais, A ONG está tomando proporções que fogem do controle de uma pessoa só... imagine quando ela ficar maior ainda... então o que eu peço que vamos nos unir...”

(03/03/2005 – Reunião Geral da ONG)

Nesse momento de conflito, o grupo começa a expor mais suas opiniões e sentimentos. Os subgrupos se tornam mais evidentes e os conflitos também. Há o medo do fim do grupo, pois muitos começam a desistir. Algumas pessoas começam a tentar não deixar que o grupo acabe. A relação entre os funcionários do PSF e os membros da ONG entra novamente em pauta. As pessoas retomam as discussões na reunião seguinte num tom de desabafo. Há um clima de cobrança mútua entre os subgrupos, colocando a responsabilidades pela situação da ONG ou em outro grupo:

V – A ONG tem que se desvincular para a coisa andar...
Onde está às outras pessoas, cadê o tesoureiro, cadê o diretor não está presente?...As coisas precisam entrar no eixo...
Onde estão as pessoas da comissão de eventos?
R – “...teve algumas pessoas da diretoria que quando assumiram o compromisso com vontade própria, assumiram imposto isso ...foi uma coisa imposta pelo grupo...e acabou ficando...e com amadurecimento da ONG , agente vê quem está aqui está interessado, mas a diretoria perdeu o interesse...e eles não entenderam o papel deles...”
V- tenho orgulho de participar da ONG. Lá fora as pessoas estão cientes do que está acontecendo aqui...mas nós temos que nos organizar aqui dentro...as coisas têm que ser mudadas...as coisas têm que continuar...

(30/03/2005 – Reunião Geral da ONG)

A acusação mútua entre os subgrupos, por exemplo, da exclusão de alguns membros no dia da entrevista para a mídia, agravaram a situação interna e houve boicote de alguns membros ativos da diretoria nessa reunião (Sr. E e Sr. O.). No grupo encontram-se

explicações para a atual situação do grupo, principalmente responsabilizando a diretoria. O líder, ou melhor, a ausência de uma liderança, aparece no discurso de algumas pessoas do grupo como a principal causa dos problemas do grupo.

Sr. E – “...eu acho que estamos muito mal orientados, porque com a falta de presidente, aparece um fala uma coisa...tudo, uma família, um município, um estado tem um chefe. Para nós aqui, está faltando um chefe... um presidente.. que determine as coisas...eu sempre colaborei mas tem que ter uma pessoas responsável por todos os atos da ONG.. precisa e nós temos, fica um falando uma coisa outro falando outra e tumultua e não resolve nada, estou certo?”

Sr. E – “ Eu acho que o presidente tem que mandar...eu fui presidente de clube muitos anos, então tudo que era feito dentro do clube, era eu que mandava...a idéia principal...tem que ter uma pessoa que mande...”

V – “...não queremos que pare mas que funcione, mas tem que existir um líder, eu acho que devemos fazer uma assembléia geral...convidar pessoas e escolher pessoas que tenham um perfil para ser presidente...”

V. – “ podemos continuar com outra diretoria...”

R – Sugestão e orientação de uma nova eleição para diretoria. Fazer chapas para eleição.

(20/04/2005 – Reunião Geral da ONG)

A idéia de que um grupo necessita de um líder, ou seja, de uma pessoa que tenha autoridade sobre os demais membros, aparece aqui como naturalizada. Essa idéia entrou em um processo de naturalização, onde o papel de uma pessoa que possua um poder diferenciado sobre os demais é visto como natural, ou mais ainda, como essencial e necessária. Também é uma reprodução ideológica macrossocial, pois reproduz a ordem social existente, onde algumas pessoas e grupos possuem um poder diferenciado sobre os demais. A liderança também pode ser entendida como um processo de dominação social e também uma forma de projeção (utilizando aqui a noção freudiana) onde cada membro do grupo projeta em uma única pessoa suas ansiedades e expectativas, e ao mesmo tempo, excluindo-se de sua responsabilidade como membro de um grupo. Enquanto coloco no outro, em um líder, a responsabilidade pelos meus fracassos, enquanto grupo, não assumo meus deveres e conflitos perante as situações de meu cotidiano. O responsável é sempre o outro, o líder do grupo, o prefeito, o presidente da república. Não que cada um desses não tenha uma parcela no processo, porém a medida que não assumo minha parcela nesse processo também não sou capaz de compreender ou de tomar consciência de minhas ações e suas implicações. Esse processo é histórico e socialmente construído e um dos principais problemas que o psicólogo comunitário enfrenta em seu trabalho com os grupos. Um outro aspecto fundamental é que nesse processo temos o fator afetivo como fundamental para a mudança dessa consciência. O

avanço da consciência de um grupo em assumir o processo de si mesmo, encontra nas emoções um fator mobilizador ou paralisante. A alternativa encontrada pelo grupo é eleger uma nova diretoria como tentativa de não deixar a ONG acabar. Não se avança a consciência porque as emoções não permitem, tem-se medo, ansiedade de prosseguir, pois consciência tem uma base afetivo-volitiva. O grupo retorna a um estágio anterior de consciência.

O grupo está se findando, mas acontecem nesse momento novos acontecimentos que poderiam dar um novo fôlego para esse grupo. O registro da ONG finalmente é aprovado pela prefeitura e o prédio onde a ONG se reunia é cedido oficialmente. Isso traz uma nova expectativa para alguns membros, porém os efeitos não são profundos e duradouros suficientes para que as pessoas voltem para a ONG. Também a médica reaparece nesse cenário e convoca uma reunião para conversar com a diretoria da ONG. Só que novamente ela assume um papel autoritário perante o grupo, constringendo as pessoas a participarem. A maioria consente essa imposição, porém R., um membro muito ativo anteriormente, decide-se não participar mais e mantém sua posição até o final.

Dra. M – “ Fulano...você vai continuar com a gente, não é? É claro que vai, não é mesmo...”

R. se opõe e disse que veio decidido a encerrar o assunto da ONG na vida dele (nesse momento ele não mora mais no bairro) para sempre.

(13/07/2005 – Reunião da Diretoria da ONG)

A situação do grupo também faz com que outras pessoas queiram assumir os cargos das pessoas que desistiram, mas o clima em geral é de que não há mais nada a ser dito. Algumas pessoas querem continuar, mas ainda culpam os demais pelos problemas. Algumas pessoas retornam ao grupo, porém percebe-se o clima de descontentamento e acusação com os demais membros do grupo com os quais tiveram algum conflito no passado.

S – “ já estamos na luta há um ano, quase paramos, mas vamos tentar reativar...e precisamos de mais pessoas para ajudar a lutar, porque só algumas pessoas não conseguem...”

Sr.E – “ nós paramos por causa do registro, depois nós paramos porque chovia mais aqui dentro que lá fora... aí foi trocado o telhado...agora nós temos tudo, não temos mais motivo para parar...”

Sr. O. – “... ficou um tempo parado...eu me afastei, por sinceridade, por vários comentários que teve...e nesse período eu já notei coisas estranhas da pessoa que ficou substituindo a mim... inclusive houve um bazar aí e ninguém sabe o que aconteceu com o dinheiro...”

(17/08/2005 – Curso sobre ONG)



(Evento realizado pelo grupo)

Afinal, uma última tentativa é feita pelo grupo, eles decidem organizar um evento no dia das crianças para os moradores do bairro. Nesse cenário surge um novo ator, é uma pessoa que já organizava festas no bairro. Essa aproximação no final revela-se como uma forma de aproveitar-se do grupo, da ONG, de sua legalidade perante a prefeitura. F. faz uma proposta para a ONG:

F. que possui uma barraca e vende bebida na orla quando há festas que incentivou a ONG a fazer uma festa. A idéia era fazer uma parceria: ele colocaria o “nome” da ONG no evento e os membros ajudariam (com verbas para palhaços, colher doações de doces, ajudar no dia da festa, fornecer o nome da ONG para conseguir a autorização na prefeitura, etc) e F. faria todos os documentos, divulgação, contrataria o palhaço e procuraria outros voluntários e venderia as bebidas (dando uma comissão para a ONG).

Os membros remanescentes da ONG concordam com essa proposta e cumprem o prometido. Fazem rifas, buscam doações para ajudar na festa e no dia colaboram na execução do evento. Porém, no final do dia do evento os membros da ONG percebem que F. utilizou-se do nome da ONG somente para conseguir as autorizações da prefeitura para realizar o evento e conseguir vender bebidas nesse dia. Sr. E me diz que a ONG nunca mais fará um evento com essa pessoa, pois foram enganados porque ele não cumpriu o prometido que era dividir o lucro com a ONG.

No final, soube que F. deu para a ONG um valor (R\$ 50,00) de comissão da venda de bebida. Porém alguns membros me disseram que ficaram descontentes, pois além do dinheiro ser pouco, F. também utilizou a oportunidade (usando o nome da ONG) para fazer uma festa

no dia anterior à noite (coisa que não foi autorizada pela prefeitura) e teve problemas com a fiscalização da cidade, colocando o nome da ONG em uma situação ruim. Esses membros acharam que eles e a ONG foram usadas por F. e um dos resultados disso, foi que não aceitarão mais fazer parceria com F. F. por sua vez, prometeu que faria muitas coisas pela ONG, porém após o evento, não apareceu e nem deu notícias para o grupo da ONG.

(09/10/2005 – Festa do Dia das Crianças)

Nesse mesmo dia os membros restantes da ONG decidem parar definitivamente com o grupo. A partir desse momento o grupo se desfez oficialmente e não se encontraram mais e nem realizaram mais nenhum evento. Foi a morte do grupo. A idéia era manter o registro da ONG aberto na prefeitura, mas devolver o prédio onde se reuniam. Essa foi meu último contato pessoal com o grupo. Depois disso somente conseguir fazer contato por telefone, mas até a atual data as tudo se mantém como foi decidido: o prédio foi cedido para o PSF e as pessoas não mais se reuniram.

Parte IV

Conclusões

Os grupos são locais privilegiados para pesquisa, é onde as intersubjetividades, as relações sociais cotidianas acontecem, neles vivemos, trabalhamos, sentimos, conquistamos, perdemos. Neles também, é onde se desenvolve a consciência crítica ou alienada dos sujeitos perante a realidade. Essa pesquisa pretendia investigar o processo grupal, destacando os aspectos afetivos, e como esses agem como agentes mobilizadores da ação coletiva. Foi optado por estudar um grupo participante de uma ONG (Organização Não Governamental), inserido dentro de uma comunidade com vários problemas sociais como: a falta de infraestrutura, a prostituição, a violência, a estigmatização dos moradores. Esse grupo comunitário atravessou várias fases durante o período que foi acompanhado pelo pesquisador, que viu nascer e morrer este grupo. Pode-se dizer que o grupo passou pelas seguintes fases: Primeiro, o surgimento do grupo. Desde o início, os objetivos do grupo foram dirigidos mais por interesses pessoais e menos por interesses coletivos. Ele surge por iniciativa do PSF do bairro e acaba cumprindo um papel político do PSF perante a comunidade, servindo como um apoio e de instrumento de dominação para esse programa. Ele surge de uma forma autoritária e não democrática, fato evidente na escolha dos membros e na “eleição” da primeira diretoria, a questão do poder e das emoções como catalisadoras desse processo aparecem a todo o tempo no grupo, os conflitos internos e a luta pelas posições dentro do grupo demonstram isso. A questão do poder também aparece na relação do grupo com a administração pública da cidade de várias formas: desde a pressão para transformar a associação em ONG e depois a luta para conseguir registra-la, e no dia a dia, com pressões sobre os funcionários do PSF que participavam da ONG e demora e atrasos no atendimento dos membros da ONG pela prefeitura local. Em todos esses momentos, foi analisado o quanto a consciência e as emoções tem um papel fundamental na mobilização coletiva desse grupo. Num segundo momento, “a luta no grupo e a luta pelo grupo”. O clima no grupo torna-se de conflito constante, seja pela luta pelo poder interno, seja para lutar pelo grupo, pela sua continuidade e perante o mundo externo. O grupo torna-se um lugar para falar e um lugar para se calar.

O grupo torna-se um lugar para falar porque é um local onde, pelo menos algumas vezes, as pessoas podem falar de seus problemas, idéias e sentimentos, torna-se um lugar para falar porque é um lugar, onde de alguma forma, há possibilidades para se expor e ser ouvido. Mas também é um lugar para se calar, porque é onde ocorre repressão de idéias e sentimentos,

conflitos e frustrações. A questão do poder é constante nas relações, ficando evidente principalmente nas relações entre: a médica e a equipe do PSF; entre a médica e a diretoria da ONG; entre a médica e os demais membros da ONG. No grupo, o poder institucional que a médica possui na relação com sua equipe é levado para dentro do grupo e eles não possuem recursos suficientes para se impor perante as vontades e decisões dos membros do PSF e da médica, mostrando que há uma hierarquia não oficial e não declarada entre moradores e agentes comunitários de saúde e a médica. O poder que os agentes e a médica possuem dentro do grupo é diferenciado daquele que os outros membros possuem. Essa relação de poder implica em lutas pelo controle do grupo, por interesses pessoais da médica (utilizando o grupo para isso), na repressão da espontaneidade das pessoas, formando subgrupos (pró-médica, contra médica e os demais membros). Essas lutas, muitas vezes veladas, entre esses subgrupos fazem com que as pessoas minam a cada reunião e atividade a perspectiva que o grupo continue, até que o grupo se acaba, é o terceiro, a “quebra do grupo”. O acirramento dos conflitos internos e a incompatibilidade dos interesses pessoais e coletivos fazem com que as pessoas saiam do grupo. Em todos esses momentos ocorreram fatos importantes para a história desse processo grupal, onde se pode observar como os afetos podem influenciar nas ações de um coletivo e como eles são importantes no processo de formação da consciência dos indivíduos.

Essa pesquisa visava analisar dois aspectos principais nesse processo grupal: a consciência crítica dessas pessoas perante a realidade e como os afetos influenciaram no processo de ação desse grupo.

No primeiro item, pode-se ver que a consciência é fragmentada, ora as pessoas manifestavam opiniões e tinham ações que visavam o bem coletivo e conseguiam ver um pouco além das aparências cotidianas, ora se mostravam tão conservadores e preconceituosos com as próprias pessoas a comunidade que pretensamente estariam ajudando com a ONG. Os afetos, os sentimentos das pessoas perante as outras, seja no próprio grupo, seja em relação a comunidade enquanto uma representação social variavam em momentos distintos, até para o mesmo sujeito. Porém o que se notou foi que prevaleceu uma conotação negativa sobre as pessoas, mas não sobre o bairro. O sentido de comunidade discutido na pesquisa abrange tudo isso. Conclui-se que essas pessoas que participaram do grupo tinham uma percepção preconceituosa dos outros moradores da comunidade e que o grupo não conseguiu durante seu processo mudar essa visão, pelo contrário, o grupo serviu como um reforço dessa representação.

Mas o grupo também conseguiu agir de forma a contribuir com a comunidade, conseguiram realizar algumas atividades em prol desta. Uma delas onde fica clara a questão emocional como mobilizadora de ações coletivas. No trabalho feito com a técnica dos temas geradores, as emoções positivas para com a comunidade aparecem, eles conseguem uma maior aproximação, começa a enxergar no outro como um aliado e começam a agir mais coletivamente. Como uma das conseqüências desse dia, o grupo se mobilizou e conseguiram a atenção da mídia para si e para o bairro.

As emoções se mostraram em vários momentos como mediadoras nesse processo grupal, muitas delas foram expressas, verbalizadas e ficou subentendido, como o medo, o temor, a alegria, a mágoa, o amizade. A cada reunião elas estavam presentes ora como figura, ora como fundo. O grupo criou sua própria lógica, ou política da afetividade, para lidar com esses afetos, criou-se uma hierarquização dos sentimentos no grupo, do mais importante e louvável, aos menos importantes e os indesejáveis. Isso aparece claramente, quando um sentimento “não louvável” como raiva aparece, ele é reprimido e jogado como fundo. Outro sentimento muito presente no grupo é o temor, o medo, principalmente em relação à médica, tanto da equipe quanto dos membros do grupo, tanto que quando a médica se afasta o grupo reage positivamente, conseguindo até realizar algumas atividades sem muitos custos emocionais. O medo foi paralisante em muitos momentos para o grupo.

O grupo, como lócus das intersubjetividades, tem o potencial tanto para emancipação quanto para a opressão. Pode ser um lugar para o desenvolvimento de uma consciência crítica quanto para a alienação social. As emoções nesse processo têm um papel fundamental, importante, centrais. O quanto mais se caminha para o entendimento do processo emocional nas formações da consciência e da ação coletiva mais poderemos contribuir para que a intervenção do psicólogo que trabalha com grupos em uma comunidade.

Parte V

Bibliografia

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BOCK, A. M.B. *As aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia..* São Paulo: EDUC : Cortez Editora. 1999.
- BOCK, A. M.B. Psicologia socio-história: uma perspectiva crítica em psicologia, In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. & FURTADO, O.(orgs).*Psicologia socio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo. Cortez. 2001.
- BOTARELLI, A. *Exclusão e sofrimento: o lugar da afetividade em programas de atendimento às famílias pobres*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC-SP. 2002.
- BRANDÃO, C. R. (org). *Pesquisa participante*. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1981.
- BROTTO, F. O. *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. 2ª ed. Santos, SP: Editora Renovada / Projeto Cooperação, 1997.
- CARONE, Y. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In: LANE, S. T. & CODO, W. (orgs).*Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo. Brasiliense. 1984.
- CASTEL, R. As armadilhas da exclusão in WANDERLEY, Mariângela B.; BÓGUS, Lúcia; YASBEK, Carmelita (orgs). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo. EDUC. 2000. P-17-50.
- CHAUI, M. Sobre o medo. In: CARDOSO, S. (org). *Os sentidos da paixão*. São Paulo. Companhia das Letras. 1987.
- CHAUI, M. *Espinosa – uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- CHAVES, A. M. (2000). O fenômeno psicológico como objeto de estudo transdisciplinar. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.13, nº1, p.159-165.
- CIAMPA, A. C. *A estória de Severino e a história de Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo. Brasiliense. 1998.
- COSTA, J. F. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CROCHIK, J. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. *Psicol. USP*, vol.9, nº2, p 69- 1998.
- D'ÁVILA NETO, M.I. *Enquete participativa com mulheres desfavorecidas e desenvolvimento cultural*. Fórum Educacional. Rio de Janeiro, FGV, 1987.
- DAMASIO, A *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- DAMASIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dois sentimentos*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- DELARI JR., A. Psicologia e linguagem - em busca de possibilidades para o discurso psicológico contemporâneo. In: *SEMANA DE PSICOLOGIA DA UNIMEP*, Piracicaba, 1999.
- DELARI JR., A. *Consciência e linguagem em Vigotski: aproximações ao debate sobre a subjetividade*. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas, UNICAMP. 2000.
- DELARI JR., A. O problema da subjetivação numa abordagem histórico-cultural - anotações iniciais para um trabalho de revisão crítica. Mimeo. Piracicaba. 2001.

- DEMO, P. *O charme da exclusão social*. 2ª ed. Ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- DOMINGUES, A. R. *A dificuldade de expressar emoções: um estudo psicossocial da servidão*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC-SP. 2001.
- ESPINOSA, B. *Ética*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- ESPINOSA, B. Pensamentos metafísicos; Tratado para correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência / Baruch de Espinosa; seleção de textos de Marilena Chauí. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 12ª ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação*. São Paulo, Editora Cortez e Moraes, 1979.
- FREITAS, M. F. Q. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: Práticas da psicologia em comunidades nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R.H.F. (org). *Psicologia social comunitária*. Petrópolis, RJ. Vozes.2001
- FREITAS, M.T.A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Card. Pesquisa*, n. 116, p. 21-39. São Paulo. 2002.
- FRIEDMAN, S. Uma aproximação metodológica ao estudo das emoções. In: LANE, S. T. & SAWAIA, B. (orgs). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo. Brasiliense. 1995
- FURTADO, O. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. & FURTADO, O.(orgs).*Psicologia socio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo. Cortez. 2001
- FURTADO, O. As dimensões subjetivas da realidade: uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. In: FURTADO, O. & GONZÁLES REY, F. L. (orgs). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- GONÇALVES, M.G.M.. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. & FURTADO, O.(orgs).*Psicologia socio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo. Cortez. 2001.
- GONÇALVES, M.G.M. *Psicologia Sócio – Histórica e Políticas Públicas: a dimensão subjetiva de fenômenos sociais*. Doutorado em Psicologia Social. PUC. São Paulo. 2003.
- GOHN, M. G. Reivindicações populares urbana: um estudo sobre as Associações de Moradores em São Paulo, São Paulo, Cortez, 1982.
- GONÇALVES FILHO, J. M. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, A. M. B.(org). *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2004.
- GONZÁLES REY, F.L..L.S. *Vigotski: presencia y continuidad de su pensamiento em el centenario de su nacimiento*. *Psicologia e Sociedade*, 8 (2): 63-81, jul/dez. São Paulo. 1996.
- GONZÁLES REY, F.L. *Epistemologia cualitativa e subjetividad*. São Paulo. EDUC. 1997.
- GONZÁLES REY, F.L. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, S.T. & ARAÚJO, Y. (orgs). *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ. Vozes. 1999
- GONZÁLES REY, F.L. El lugar de las emociones em la constitucion social de lo psiquismo: El aporte de Vigotski . In: *Educación & Sociedad*, Outubro, nº 71, Campinas.2000a

- GONZÁLES REY, F.L.(2000). *El sujeto y la subjetividad: algunos de los dilemas actuales de su estudio..* In: III CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL. Campinas. 2000b
- GONZÁLES REY, F.L. *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo. Thomson. 2002
- GONZÁLES REY, F.L. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo. Thomson. 2003.
- GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em representações sociais*. 2ª Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 1995.
- GUARESCHI, P. A. Relações comunitárias – relações de dominação. In: CAMPOS, R.H.F. (org). *Psicologia social comunitária*. Petrópolis, RJ. Vozes. 1996.
- GUARESCHI, P. A. A ideologia: um terreno minado. In: *Psicologia e Sociedade*, 8 (2): 82-94, jul/dez. São Paulo. 1996.
- HELLER, A. *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona. Editora Península 1977 (1991).
- HELLER, A. *Teoría de los sentimientos*. Barcelona. Editora Fontamara. 1985.
- HELLER, A. *Teoría de las necesidades en Marx*. Barcelona. Editora Península 1986.
- JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LANE, S.T. Consciência / alienação: a ideologia em nível individual. In: LANE, S. T. & CODO, W. (orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo. Brasiliense. 1984.
- LANE, S.T. O processo grupal. In: LANE, S. T. & CODO, W. (orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo. Brasiliense. 1984 b
- LANE, S.T.. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: LANE, S. T. & CODO, W. (orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo. Brasiliense. 1984 c.
- LANE, S.T. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T. & SAWAIA, B. (orgs). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo. Brasiliense. 1995.
- LANE, S.T.. Estudos sobre a consciência. In: *Psicologia e Sociedade*, 8 (2): 95-105, jul/dez. São Paulo. 1996.
- LANE, S.T.. A linguagem e a constituição do sujeito. O sujeito entre a língua e a linguagem. E.M. Parlato e L.F.B. da Silveira. *Série linguagem*, n. 2-1997. São Paulo. Ed. Lovise.1997
- LANE, S.T. Os fundamentos teóricos. In: LANE, S.T. & ARAÚJO, Y. (orgs). *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ. Vozes. 1999.
- LANE, S. T. A dialética da subjetividade *versus* objetividade. In: FURTADO, O. & GONZÁLES REY, F. L. (orgs). *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LEONTIEV. A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa. Horizonte Universitário. 1978.
- LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo. EDUC. 1996
- LURIA. A. R. *Desenvolvimento Cognitivo*. São Paulo: Ícone Editora, 1990.
- LURIA. A. R. *Curso de psicologia Geral*. Vol. I , 2ª, Ed. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira. 1991.
- LURIA. A. R. *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MANZINI CROVRE, M. L. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

- MARTÍN-BARÓ, I. *Sistema, grupo y poder: psicología social desde Centroamerica II*. San Salvador. UCA. 1983.
- MARTÍN-BARÓ, I. *Acción e ideologia: psicología social desde Centroamerica*. San Salvador. UCA. 1983a.
- MARTINS, S. T. F. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. In: *Psicologia & Sociedade*; 15 (1): 201-217; jan./jun. 2003.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MOLON, S.I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis, RJ. Vozes. 2003.
- MONTERO, M. (ed.). *Psicologia social comunitária*. Guadalajara, Univ. Guadalajara, 1994.
- NASCIUTI J.C.R..A instituição como via de acesso a comunidade. In: CAMPOS, R.H.F. (org). *Psicologia social comunitária*. Petrópolis, RJ. Vozes. 1996
- OLIEVENSTEIN, C. *O não-dito das emoções*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor,1989.
- ORLICK, T. *Vencendo a competição: como usar a cooperação*. São Paulo: Círculo do livro, 1997.
- ORTEGA, J. J. V. (coord). *Psicologia social y liberación en América Latina*. México, D.F.: Universidade Autónoma Metropolitana Iztapalapa, 2000.
- PAGAUN, S. *A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza.*, São Paulo. EDUC/Cortez, 2003.
- PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In: *Cad. CEDES*, 24. Campinas. Papirus. 1991
- PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educ. Soc.*, vol. 21, n. 71, Campinas. 2000.
- RATNER, C. A Cultural-Psychological Analysis of Emotions. In: *Culture & Psychology*. Volume 6. Sage Publications . London, UK. 2000.
- REBOREDO, L.A . *A transformação de um bairro operário numa comunidade: um estudo na psicologia social do cotidiano*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC-SP. 1982.
- REBOREDO, L.A . *Da serialidade a institucionalização: um estudo do movimento de um grupo que se afirma e se nega na desconstrução do ser favelado*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP. 1992.
- REBOREDO, L.A . *De Eu e Tu a Nós: o grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais*. 2ª edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1995.
- REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROSSLER, J. H. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. In: *Caderno Cedes*, vol. 24, n. 62, p.100-116, abril 2004.
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte.: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SARTE, J. *Esboço de uma teoria das emoções*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- SAWAIA, B.B. *A consciência em construção no trabalho de construção da existência*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP. 1987
- SAWAIA, B.B. Psicologia social: aspectos epistemológicos e éticos . In: LANE, S. T. & SAWAIA, B. (orgs). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo. Brasiliense. 1995

- SAWAIA, B.B. A emoção como locus de produção do conhecimento – uma reflexão inspirada em Vygotsky e seu diálogo com Espinosa. In: *Anais da III CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL*. Campinas. 2000.
- SAWAIA, B.B. Affectivity as an ethical-political phenomenon and locus for critical epistemological reflection in Social Psychology, In *The International Journal of Critical Psychology*, nº 9, 13-30, 2003.
- SMOLKA, A. L. B. (2000). O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Cad. CEDES*, v. 20, n. 50, p. 26-40. Papirus.
- STOCKER, M. *O valor das emoções*. São Paulo, Palas Athenas, 2002.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo. Cortez. 2002.
- VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. *Vygotsky: uma síntese*. Tradução: Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola/Unimarco, 1996.
- VERGARA, S.C. Movimentos sociais urbanos e pesquisa participante: alternativas a formas e conteúdos clássicos e sua contribuição à construção da cidadania, In: *Revista de Administração Pública*, Vol 22, nº 2, abr./jun., p.11-29, 1988.
- VIEIRA, M. V. *Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP. 2000.
- VIGOTSKI, L.S. *Teoria e Metodologia em Psicologia*. São Paulo, Martins Fontes. 1996.
- VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes. 1999.
- VIGOTSKI, L.S. *Obras Escogidas*. Vol. 1, Madrid. Visor. 1990.
- VIGOTSKI, L.S. *Obras Escogidas*. Vol. 2, Madrid. Visor. 1990^a
- VYGOTSKY, L.S. *Theórie des émotions: étude historique-psychologique*. Paris, Editions L'Harmattan: 1998.
- VIGOTSKI, L.S. *Psicologia da Arte*. São Paulo, Martins Fontes. 1999.
- VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes. 2000.
- VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. In: *Educação & Sociedade*. V. 21, n. 71. Jul. Campinas, 2000 b.
- VIGOTSKI, L.S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- VIGOTSKI, L.S. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes. 2001
- VIGOTSKI, L.S. *Teoría de las emociones*. Madrid, ES: Ediciones Akal, 2004.

Parte VI

Anexos

Anexo 1

Registro de Campo

Pauta de Observação: Comportamentos grupais, processos grupais, participação e dinâmica das reuniões.

1 - Processos grupais

- Direção grupal
- Funcionamento do grupo
- Conflitos grupais
- Poder no grupo
- Sub-grupos
- Formas de controle social
- Usos grupais (Normas e Valores no grupo)
- Interesses grupais
- Comportamento ideológico-político
- Coesão ou dissociação grupal
- Contradições internas
- Consciência de grupo
- Projeção e influência na comunidade
- Manifestações afetivas
- Outros

Pauta de Observação: Participação e dinâmica das reuniões

1 – Participação:

- Ações concretas desenvolvidas pelos grupos em função de seus grupos.
- Capacidade de mobilização.
- Mecanismos de decisão de base.
- Mecanismos de trabalho.

Obs.: Resenha, interpretação e sugestões.

2 – Dinâmicas das reuniões e outros aspectos organizativos:

- Preparação das reuniões.
- Conteúdos.
- Qualidade das idéias expostas.
- Papéis assumidos:
 - quem dinamiza a reunião.
 - quem a entrava.
 - quem pergunta.
 - quem não participa
 - quem mobiliza / emociona.
 - outros.
- Registros de observação:
 - qualidade das idéias expostas.
 - registro da discussão
 - grupo
 - afetos.

Anexo 2

Mapa temporal dos eventos do grupo.

Data/ Evento/ Assuntos abordados	Implicações Sub-texto afetivo / Implicações Nas ações